

Horizontes do Amor

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland nº 42

Título original: "THE HORIZONS OF LOVE"

Copyright: © CARTLAND PROMOTIONS 1980

Tradução: THEREZINHA MONTEIRO DEUTSCH

Copyright para a língua portuguesa: 1982 ABRIL S.A. CULTURAL E INDUSTRIAL — São Paulo

Composto na LINOART e impresso em oficinas próprias



*Este livro faz parte de um projeto sem fins lucrativos, de fãs para fãs.
Sua distribuição é livre e sua comercialização estritamente proibida.*

Cultura: um bem universal.

Disponibilização: MANA

Digitalização: Palas Atenéia

Revisão: Rejane





Órfã, morando no castelo dos tios, lady Ina se refugiou na pintura para amenizar sua solidão. Um dia percebeu que tinha estranhos poderes: quando desenhava, entrava em transe e pintava cenas do futuro! Uma noite, numa festa, Ina ficou conhecendo o marquês de Chale. Inspirada pela presença do fascinante nobre, pintou um quadro maravilhoso... ela de mãos dadas com o marquês! Isto, porém nunca poderia acontecer, porque Chale era amante de Lucy Wymonde, a perversa tia de lady Ina!

Barbara Cartland é a autora de maior sucesso de todos os tempos: mais de 100.000.000 de exemplares de seus maravilhosos romances foram lidos em todo o mundo!

CAPÍTULO I

1878

— Isso é absolutamente ridículo! — disse lady Wymonde com voz cortante.

Ela se tornava mais adorável quando falava assim, se bem que o marido, lendo uma carta que tinha nas mãos, não reparasse nisso.

Lorde Wymonde, que estava chegando aos quarenta e cinco anos, começava a perder a linha esbelta da juventude. No entanto, continuava a ser um excelente cavaleiro e um reconhecido grande caçador.

— Não adianta discutir, Lucy — disse ele. — Ou levamos Ina a Chalé ou não vamos!

— Agora você está sendo absurdo — respondeu lady Wymonde, com raiva. — Como é que vou pedir a Alice que aceite uma menininha, uma estudantezinha, no tipo de festa que ela costuma dar em Chalé? Sabe o que quero dizer, a sua cansativa sobrinha ia se sentir muito deslocada.

— Apesar disso ela é minha sobrinha — disse lorde Wymonde —, e você tem que cuidar dela pelo resto da estação. É bom que providencie para que ela seja convidada para todos os bailes e festas.

— É insuportável ter que bancar a babá com trinta anos! Eu também quero dançar e não ficar procurando por uma garota sem jeito e nada atraente.

Ambos sabiam que ela já fizera trinta e seis anos, mas tradicionalmente as grandes belezas não têm idade e lady Wymonde sem dúvida era uma das mulheres mais lindas de Londres.

Na verdade, ela gostaria de dizer que tinha menos de trinta anos, mas seu filho Rupert já estava com doze, estudando em Eton e era impossível fazê-lo ficar mais novo.

Lorde Wymonde dobrou a carta e guardou-a no bolso.

— Como o correio atrasou a entrega da carta, uma das ineficiências dos franceses, eu acho — comentou ele —, Ina vai chegar amanhã.

— Amanhã?! — A voz de lady Wymonde subiu até se tornar um guincho.

Meio engasgada, ela continuou:

— E você espera que eu, que já não tenho tempo suficiente para mim mesma, vá buscá-la e a torne apresentável para ir a Chalé, na sexta-feira?

— Como já disse, podemos ficar em casa — respondeu lorde Wymonde. — Mas, com certeza, a anfitriã iria sentir muito a sua falta...

Havia uma nota de sarcasmo na voz dele. Lady Wymonde percebeu e engoliu as palavras irritadas que já lhe subiam aos lábios.

George era um marido muito complacente, fácil de se levar, mas ela sabia que não podia abusar muito, porque quando se tratava de orgulho familiar ele podia se tornar muito difícil.

Era por isso que ele estava teimando quanto à sobrinha. Lucy não podia imaginar nada mais enfurecedor, no momento em que estava envolvida no mais excitante e sensacional *affaire* que já tivera, do que ter de tomar conta de uma garota.

Não gostava de garotas. Nunca havia gostado. Não só porque elas tinham a única coisa que o dinheiro não pode comprar, a juventude, mas também porque se tornavam elementos inibidores em uma festa importante pelos toques sofisticados e pela imaginação.

Ela sabia muito bem o que queria dizer uma festa em Chalé, e essa ia ser dada quase que especialmente para ela, pois o marquês havia sido cuidadosamente incluído entre os demais convidados.

— Eu quero você em Chalé — dissera ele, quando estavam sentados no terraço, na noite do baile dado pelo embaixador da França.

Era sempre muito difícil eles conversarem sem ninguém por perto, e quando o marquês telefonara para Lucy numa das tardes em que George estava no clube, fora uma das poucas vezes em que tinham conseguido falar sem mais ninguém presente.

— Sabe o quanto quero conversar com você, sozinha... — ele dissera.

E ela sabia muito bem o que ele queria dizer com aquele “sozinha”. Ele queria beijá-la e, o céu sabia, era o que Lucy queria e muito mais.

Lembrou-se da figura dele com a máxima clareza e pensou que jamais, em todos os seus anos de sucesso, encontrara homem tão atraente quanto o marquês de Chalé.

Em geral Lucy contentava-se apenas em ser admirada, elogiada, e sabia que os homens ficavam frustrados com sua indiferença, o que fazia com que a desejassem ainda mais.

— Você me deixa louco! É tão fria e cruel! — diziam eles, com ardor. — O que tenho que fazer para você me amar?

Muitas e muitas vezes Lucy ouvira isso e tantas vezes respondera:

— Tenho que tomar cuidado. George é muito ciumento.

Mas com o marquês tudo havia sido diferente. Para começar, ela é que o desejara primeiro.

A simples visão dele caminhando pelo salão de baile, tão esbelto e bonito, tão majestoso e ao mesmo tempo tão atento e simpático, fizera que ela se sentisse diferente do modo como se sentira antes, com outros homens.

Quando haviam dançado, ela percebera que ele estava um tanto interessado no aspecto dela, mas não tinha havido nada de especial no jeito como o marquês lhe enlaçara a cintura fina.

Lucy pudera perceber, enquanto volteavam pelo salão, dançando, que o coração dele não tinha acelerado as batidas, enquanto o dela palpitava de modo bastante desacostumado.

Havia levado dois meses até ele fazer a primeira investida e durante esse tempo ela quase perdera as esperanças.

Tentara envolvê-lo, induzi-lo, mas logo tivera a sensação de que ele conhecia profundamente as pequenas manobras com que ela capturara outros homens e via muito bem o que elas eram.

Afinal, quando Lucy já quase não esperava mais, ele a beijara, numa tarde em que estavam a sós, tomando chá, no Salão Drawing. Nessa ocasião acendera-se a chama entre os dois e dali por diante essa chama crescera e brilhara cada vez mais toda vez que se encontravam.

Para Lucy tinha sido uma revelação, pois os homens que a haviam achado fria tinham toda a razão em pensar assim.

Ela era uma mulher fria, interessada apenas em si e na própria beleza, jamais movendo um só dedo pelo sofrimento de alguém, a não ser o dela mesma.

Mas com o marquês era diferente. Angustiava-se por ele ser seis anos mais novo do que ela, examinava atentamente o rosto ao espelho procurando qualquer linha finíssima que pudesse se tornar uma ruga, qualquer grama a mais nas linhas bonitas de seu corpo, que deveria se tornar mais pesado com a meia-idade.

— Eu sou jovem! Eu sou jovem! — dizia Lucy a si mesma todas as manhãs.

Tinha a impressão de que podia, com força de vontade, fazer seu corpo ter a flexível esbeltez que tinha aos dezessete anos, quando ela saíra da escola para descobrir, com surpresa, que era bonita.

É claro, seu sucesso não aconteceu do dia para a noite. Tivera que esperar um ano depois de casada com George.

Havia sido como lady Wymonde que ela sacudira a sociedade como uma tempestade.

Aprendera a se vestir, aprendera a dizer coisas divertidas, espirituosas, em sua evidentemente educada e musical voz.

Bem depressa ela havia percebido que sendo bonita e parecendo fria atraía fortemente os homens que se determinavam, pelo conceito de virilidade que existe em todos eles, a derreter a Donzela de Gelo.

Todos tinham falhado e Lucy começara a acreditar que era, de fato, uma mulher diferente das outras, que admitiam, no segredo de suas alcovas, que o amor era a coisa que mais prezavam e desejavam.

— Eu detesto homens que querem pôr as mãos em mim e me apertar. Acho isso muitíssimo desagradável — disse Lucy para suas três mais íntimas amigas.

— Você está brincando! — exclamara uma delas.

— É verdade — insistira Lucy. — Quando sei que um homem está apaixonado por mim adoro ver o olhar desamparado dele, mas francamente, não desejo que me beije.

— Lucy, você não pode estar dizendo a verdade!

— Estou, sim.

— Então, você não é normal — dissera asperamente a mulher que era um pouco mais velha do que as outras.

Lucy não dera atenção àquilo. Sabia o que queria e estava decidida a conseguir alcançar uma posição na sociedade inexpugnável, com constantes convites para ir à Marlborough House e, claro, a certeza de que festa nenhuma teria sucesso a não ser que ela estivesse presente.

Então, encontrara o marquês de Chale, que tinha virado seu pequeno mundo de cabeça para baixo.

— Eu acho que isso é amor! — dissera Lucy a si mesma, incrédula, a princípio.

Quando o marquês provara que era mais esquivo do que ela havia sido até então, Lucy compreendera que o gelo estava se derretendo e tivera uma sensação frustrante.

Mas tinha vencido! Tinha vencido! Agora o marquês estava atrás dela, e o primeiro grande passo fora dado quando ele dissera que ia dar uma festa em Chale, para ela.

Sim, claro que ela já estivera lá antes.

Alice, a mãe do marquês, era uma velha amiga que garantia o sucesso de suas festas convidando homens distintos, ricos, famosos, e as mais lindas mulheres da Inglaterra como entretenimento.

A mistura era suficiente para assegurar, a quem quer que fosse convidado para ir a Chalé, que devia considerar o fato como um privilégio, à parte o fato de que a casa, em si, já era algo fantástico.

Era enorme, confortável e fazia os convidados sentirem-se como se estivessem no Palácio do Sonho, onde uns cem gênios estariam esperando para lhes satisfazer os máximos e mínimos desejos.

— Como é que você faz para tudo correr tão maravilhosamente, Alice? — perguntara certa vez lady Wymonde para a marquesa. Ela havia rido.

— Vou responder em duas palavras, Lucy. Organização e dinheiro! Esse era um tipo de resposta que em geral provocava gargalhadas, e Lucy pensara, então, que daria qualquer coisa no mundo para ser castelã de Chalé.

Não havia a menor possibilidade de tal coisa acontecer, a menos que George sofresse um acidente fatal ou tivesse um ataque de apoplexia por tomar vinho do Porto em demasia.

Assim mesmo, disse Lucy a si mesma, ia ser difícil fazer o marquês se casar com ela.

De uma coisa Lucy tinha absoluta certeza: ele não era o tipo de homem para casamento, se bem que cedo ou tarde tivesse que se casar, a fim de ter um filho e um herdeiro.

Aí estava uma coisa que Lucy não pretendia dar a ele, se bem que talvez se dignasse a fazer um esforço, caso se tratasse de casamento.

Depois que nascera Rupert, o herdeiro do título de que George tanto se orgulhava, Lucy havia dito:

— Nunca mais!

— Eu acho que é importante para nós termos mais de um filho — dissera George.

— Importante ou não — retrucara Lucy —, não tenho a intenção de estragar meu corpo.

Ela compreendera que George ficara desapontado. A primeira esposa dele, que falecera cinco anos antes de se casasse de novo, não pudera ter filhos.

Lucy dissera a si mesma que tinha cumprido o seu dever e que homem algum poderia pedir mais, principalmente quando a esposa era uma beleza

como ela.

É claro que o marquês poderia querer um herdeiro. Que homem não gostaria de ter um filho que fosse a sua continuação?

Lucy determinara-se a não pensar nesse casamento durante muito, mas muito tempo mesmo, a não ser que ela fosse a noiva.

Nós vamos ser muito felizes!, pensara, tentando sentir-se mais segura.

Quando se olhara ao espelho tivera que admitir que homem algum poderia pretender pessoa mais linda ou mais radiante do que ela naqueles momentos.

O amor lhe dera uma nova luz. Parecia até ter lhe suavizado o olhar, os traços do rosto.

Ela sempre representara o ideal dos ingleses da alta sociedade. Seus cabelos tinham o tom roubado do milho maduro; os olhos eram do azul de um céu de verão; a pele era muito branca. Havia um leve toque de rosa nas faces de Lucy, enquanto os lábios, como dúzias de homens lhe haviam dito, tinham sido feitos para beijos.

— Eu sou linda, linda! — dissera Lucy ao acordar, naquela manhã.

— Quando eu estiver com o marquês de Chale a última barreira entre nós vai cair e eu vou tê-lo como queria... a meus pés!

Olhara-se de relance no espelho que a refletira quando se sentara, encostando-se bem para trás, no enorme travesseiro com fronha de rendas e fitas, no amplo leito que ficava no grande quarto com janelas que davam para o Hyde Park.

— Eu amo você!

Pudera até ouvir o marquês dizendo essas palavras em sua voz profunda, que tinha o poder de emocioná-la mesmo quando falava das coisas mais banais.

Quando se levantara e se vestira, com a ajuda de duas criadas de quarto, sentira-se como que se movimentando acompanhada por música.

E agora George viera estragar tudo.

Estava furiosa não só por ter que levar mais uma pessoa à festa de Chale, mas também por saber que se tratava de uma jovem piorava muito a coisa.

Não que se tratasse de pensar nela como uma rival. Não era isso o que Lucy temia. Era o fato de que Ina iria ficar completamente deslocada no que ia ser a festa “dela”.

E George, que no momento estava dando toda a sua atenção para a

atraente sra. Marshall, que Lucy havia escolhido especialmente para ele, devia estar querendo se livrar da sobrinha porque ela era muito “família”.

Lucy tinha vontade de berrar o aborrecimento que a atitude dele estava lhe causando.

Então, lembrou-se de que aquela não era a melhor maneira de lidar com George.

Com esforço, obrigou-se a atravessar o quarto, aproximando-se dele, pegou as lapelas do paletó do marido, com suavidade, dirigindo-lhe o mais ansioso olhar.

— Por favor, George, vamos decidir o caso de sua sobrinha de outro jeito — pediu. — Você sabe quanto estou ansiosa por ir a essa festa em Chalé, onde vão estar os meus mais queridos amigos. Uma mocinha não iria se sentir bem lá.

Como ela costumava ficar adorável quando implorava alguma coisa, algo na expressão dos olhos do marido fez Lucy pensar que ele ia acabar cedendo. Então, ele disse:

— Quando estivermos em Chalé você vai ficar muito ocupada com seu novo admirador. Por que não diz a ele que convide alguém jovem, para fazer companhia a Ina?

Agora havia na voz de George uma nota que revelou a Lucy que ele estava com ciúme e que ela havia sido bastante tonta em não imaginar que aquilo poderia acontecer, por se tratar do marquês.

Ela sabia que George havia tolerado, até com uma espécie de divertimento, os homens que estavam evidentemente interessados nela, mas que Lucy sempre soubera manter à distância.

Nunca imaginara que seu marido fosse sensível o bastante para perceber que com o marquês era diferente.

Agora sabia que o havia subestimado e compreendia que precisava ser muito cuidadosa para não o irritar a ponto de George pôr dificuldades à determinação dela de ficar a sós com o marquês ou mesmo até de vê-lo.

Lembrou-se, um tanto aflita, de que George sempre fora muito intolerante com os *affaires de coeur* em que praticamente todas as suas amigas estavam profundamente mergulhadas.

— Eu acho indigno até mesmo falar nisso, se você quer saber! — dissera ele certa vez.

Uma outra vez, quando se comentou no clube o escândalo dado pela esposa de um dos melhores amigos dele, George dissera:

— Se ela fosse minha mulher, eu lhe daria uma surra danada, levava-a para o interior e a deixava por lá!

Lucy havia rido.

— Fala como um homem das cavernas, George! Está fora de moda ser assim tão primitivo.

— Um homem tem que proteger seu bom nome — respondera George. Olhando para ela agora, disse:

— Eu não vou dizer mais nada, Lucy. Vamos dar um jeito de Ina ir a Chalé conosco ou vamos para a casa, todos. O campo é lindo nesta época do ano.

Lucy compreendeu, quando ele falou, que George se referia à casa deles em Sussex, que ficara parcialmente fechada durante aquela temporada.

Sempre soubera que George não gostava de Londres, a não ser pelo fato de poder se encontrar com os amigos no clube ou assistir às corridas de cavalos em Tattersals.

Ele sempre parecia aborrecido quando chegava a ocasião de abrir a casa em Park Lane e trazer a maior parte dos criados do interior, para aumentar suficientemente a pequena equipe que ficava em Londres durante a temporada de caça.

Para Lucy, Londres era o paraíso na terra, e quando se encontrava em Sussex tinha a impressão de estar perdendo minutos, horas e dias preciosos, porque lá havia poucos homens para lhe admirar a beleza.

Além disso, Lucy sabia que bons dias de caça a uma centena de faisões eram mais atraentes do que ela para aqueles homens. Ela seria a mais boba das mulheres se não percebesse o sinal de perigo na atitude de George! Disse, depressa:

— Se é tão importante para você, querido, é claro que Ina vai a Chalé. Tenho certeza que você vai saber cuidar dela e fazer com que não se sinta deslocada.

Viu a surpresa nos olhos do marido por ela ter se tornado tão dócil e deu-lhe um sorriso que qualquer de seus admiradores descreveria como “o sol aparecendo entre as pesadas nuvens de um dia escuro”.

— Acho que agora você está sendo sensata — disse lorde Wymonde, um tanto sombriamente.

Passou os braços pela cintura da esposa, ergueu-a e beijou-lhe a face.

Com esforço, Lucy impediu-se de dizer a George que tomasse cuidado para não lhe amarrotar o vestido. Depois de alguns segundos, deu mais um

passo em direção da sua meta.

— Bem que você podia tomar as providências para ir buscar a menina — disse. — Ah! Acho que precisamos pensar em arranjar-lhe roupas convenientes para a ocasião, a não ser que ela seja do meu tamanho.

Enquanto falava, Lucy pensava nos armários cheios de roupas que ficavam no segundo andar.

De vez em quando ela costumava mandar uma boa quantidade de roupas para os parentes pobres, que assim recebiam uma parte, às vezes um baú cheio, dos vestidos que Lucy descartava.

Todos escreviam cartas entusiasmadas de agradecimento, o que fazia com que Lucy se sentisse muito caridosa.

Nunca lhe passara pela cabeça, por um momento sequer, que as primas que ela tratava com tanta condescendência tinham cada qual seu gosto, eram mais velhas ou moravam nos descampados de Gales.

Elas usavam pouquíssimo, ou jamais usavam, os vestidos de baile finíssimos, de corte longo, bordados com pedrarias, ou as criações elegantíssimas desenhadas especialmente para os olhos de Ascot e que por terem sido vistas uma vez não podiam ser usadas de novo.

Achando que o problema estava resolvido, Lucy foi para sua escrivaninha e sentou-se a fim de escrever uma carta para o marquês.

Numa gaveta secreta, da qual somente ela tinha a chave, jaziam numerosas cartas escritas para ela no decorrer de anos; algumas implorantes, outras amargas e acusadoras, mas infelizmente havia pouquíssimas do marquês.

Sentiu vontade de pegar as cartas do marquês, de ler todas de novo. Ao fazê-lo, percebeu que ele não havia dito nas cartas nada que George pudesse ler com desconfiança ou que despertasse suspeitas de qualquer outra pessoa interessada nelas.

Por um momento ficou como se tivesse recebido um choque.

Então, lembrou que o marquês não havia escrito para ela desde que haviam trocado aquele longo beijo que deixara ambos um tanto ofegantes e tinha feito o coração de Lucy pular dentro do peito.

— Ele me ama e vai me amar muito mais antes de eu terminar minha jogada! — disse a si mesma, sentindo-se mais segura e começando a escrever a carta.

O marquês recebeu-a na manhã seguinte, à mesa do café.

Notou vagamente, e sem muito interesse, que o papel de cartas de

Lucy era fino, cor de creme claríssimo, com o brasão dos Wymonde gravado acima do endereço, que a caligrafia dela era muito elegante e as iniciais bem desenhadas.

O marquês leu a carta, terminou o café e subiu para o primeiro andar, indo para a suíte da mãe.

Havia a enorme mansão de Dower esperando pela marquesa, quando seu filho casasse e ela assumisse a simples posição de sra. de Chalé.

Ela sempre dissera que adoraria morar numa casa pequena, que lhe desse menos responsabilidades.

No entanto, isso não era verdade.

A marquesa jamais gostara da idéia de ser relegada à posição de senhora, simplesmente. Tendo reinado como uma rainha, mais, ainda, como uma imperatriz, no reino que era o magnífico Palácio de Chalé, não tinha o menor desejo de se retirar.

E havia mais: como Lucy, a marquesa queria permanecer jovem, e mais ou menos pelos mesmos motivos.

Alice Chalé também tinha sido uma beleza em sua juventude, mas, ao contrário de Lucy, era morena, com traços perfeitos, e seus profundos olhos negros davam-lhe um ar de mistério que a rainha Victoria achava um tanto repreensível.

Até então caminhara pela vida com uma majestade que ignorava totalmente qualquer crítica e que fazia as pessoas das quais não gostava se sentirem humildes seres inferiores.

Os homens achavam-na irresistível, e a jovem marquesa de Chalé quebrara muitos corações ao seu redor, despertando inveja, ódio e malícia no peito de suas contemporâneas.

Foi apenas quando o marquês morreu e sua posição na corte deixou de ter tão importante quanto tinham sido, que ela percebeu que estava envelhecendo e que já não tinha o amplo círculo de admiradores que tivera no passado.

Eles se haviam dispersado, pela idade, pelo casamento e, se bem que a marquesa não quisesse admitir isso, porque preferiam cortejar mulheres mais jovens.

Era óbvio que isso tinha sido antes de ela fazer sua escolha entre dúzias de apaixonados. Àquela altura, a marquesa já não teria problema de escolha, caso precisasse escolher entre os poucos admiradores. Estes tinham gradualmente desaparecido em confronto com o homem que estava

preparado para oferecer devoção e uma vida bastante confortável a ela.

O marquês pensava neles como as “feras domadas” de sua mãe e tratava de tolerá-los, já que isso a fazia feliz.

Para ele era como se sua mãe tivesse um cão perdigueiro ou um king charles spaniel.

Ele achava que o impacto causado por esses cavalheiros às pessoas que iam a Chalé era menor do que o provocado pelos cães de caça, que andavam sempre junto de seus calcanhares.

O “cachorrinho de estimação” do momento, que fazia companhia à marquesa sempre que ela queria, era Harry Trevelyn.

Homem de uns quarenta anos, durante toda a vida havia sido um agregado dos ricos, retribuindo a aceitação sendo um quase perfeito convidado que fazia tudo o que se pedisse. Dançava bem, jogava bridge com perfeição, era um ótimo parceiro em bilhar e sabia ser sempre muito agradável, quer com a mais aborrecida viúva rica ou com a mulher mais simples do mundo.

Trevelyn sempre tinha sobre o que conversar, era uma pessoa confiável e jamais deixara que a marquesa esquecesse que era linda. E, como ela estava determinada a continuar linda, mesmo que apenas para os olhos de Harry, cuidava muito de si.

Era por isso que ela jamais aparecia, em Chalé ou em qualquer outras das propriedades de seu filho, antes que, como dizia, “o dia já estivesse morrendo”.

Ao final do crepúsculo, vestida de modo refinado e caro, os cabelos penteados por sua camareira, o rosto valorizado por uma discreta maquilagem, ela descia a escada, parecendo ter saído de um daqueles retratos que podiam ser vistos em todas as salas em que seu marido gostava de ficar, quando era vivo.

Ele se apaixonara por Alice porque ela era linda e permanecera sempre a moça que ele conhecera com dezessete anos.

Tinham se casado antes de ela completar dezoito anos, pois Alice fora habilidosa o bastante para declarar, com a maior convicção, que cinqüenta anos eram apenas a mocidade da velhice.

O marquês bateu à porta do quarto da mãe, na Ala Sul, onde ficavam os mais confortáveis e luxuosos aposentos da casa.

Uma criada abriu a porta e inclinou-se diante dele.

— Bom dia, Rose!

— Bom dia, milorde.

O marquês entrou no enorme quarto onde a marquesa estava lendo o jornal, reclinada na imensa cama de dossel decorado com cupidos.

Imediatamente ela tirou os óculos, pois detestava ser vista com eles, e sorriu para o filho, que atravessou o quarto e beijou a mão que ela lhe estendeu.

— Bom dia, mamãe!

— Bom dia, querido. Levantou cedo esta manhã.

— Vou até Ponders End para ver as casas que estou construindo lá — explicou o marquês. — Mas não foi por isso que vim ver você.

— Por que foi?

Enquanto fazia a pergunta, a marquesa pensava em como seu filho era bonito e como se parecia com o pai quando tinha aquela idade.

Ambos eram altos, de ombros largos e feições regulares, muito bem definidas, que não deixavam dúvida de que eram ingleses.

Em geral pouco perspicaz, pois não era mulher de muita imaginação, a marquesa percebeu que seu filho parecia aborrecido e insatisfeito de um modo difícil de se descrever.

— Lucy Wymonde quer trazer a sobrinha de George para cá, na sexta-feira.

— Sobrinha! — exclamou a marquesa. — Eu não sabia que George tinha uma sobrinha.

Então, antes que o marquês pudesse dizer alguma coisa, ela continuou:

— Mas claro! Deve ser a filha de Roland Monde!

O marquês esperou, sabendo que o cérebro da mãe estava funcionando a todo o vapor e que a memória dela era melhor do que qualquer *Quem É Quem?* quando era questão de localizar um membro de qualquer família em seu determinado lugar, na categoria exata.

— Roland morreu no ano passado, quando estava morando fora do país — esclareceu a marquesa. — A esposa dele morreu há vários anos, o que quer dizer que a menina é órfã.

— Pelo jeito de Lucy escrever parece que ela vai morar com eles — disse o marquês.

A mãe dele riu.

— Coitada da Lucy! Ela vai odiar isso! Não tem grande afinidade com moças!

— Isso não me surpreende.

— Ainda mais — continuou Alice Chalé — agora, que elas logo se transformam nas lindas mulheres sofisticadas que você acha tão fascinantes!

Não havia dúvida de que havia uma insinuação naquelas palavras, e o marquês sorriu.

— Pare de caçoar de mim, mamãe! — ordenou ele. — E dê uma reorganizada na mesa do jantar ou peça que a srta. Wickham faça isso.

— Eu peço — respondeu a marquesa.

Os dois sabiam que a srta. Wickham, que era governanta-secretária de Chalé há anos, tinha maior eficiência em planejar o *placement* de uma mesa do que a marquesa.

Depois que o marquês falou o que queria e quando já estava por sair, a marquesa comentou:

— Sei que essa festa é muito importante para você, Irvine, mas acho que George Wymonde vai criar dificuldades se achar que sua honra pode ficar exposta de alguma maneira.

O marquês olhou surpreso para a mãe.

Ela jamais interferira em qualquer de seus casos de amor, nem sequer falara a respeito deles.

— Não tenho a menor idéia do que está falando, mamãe — respondeu.

— Só estou avisando-o — disse a marquesa. — Gosto muito de Lucy. Conheço-a a muitos anos e acho que na semana passada, quando vocês estavam dançando, ela me pareceu mais adorável do que nunca.

Achava que falando desse jeito iria abrir os olhos do filho, mas não podia ter certeza.

Então, como se achasse que a mãe estava interferindo em algo que não lhe dizia o menor respeito, o marquês disse:

— Espero que George e Lucy se divirtam bastante juntos. Ambos sempre foram muito atenciosos comigo e esta festa é meu jeito de agradecer a gentileza deles.

Ele estava na defensiva, e a marquesa achou que era melhor não dizer mais nada.

Quando o filho saiu, ela recostou-se nos travesseiros e suspirou levemente.

Gostava muito do filho e achava que ele devia se casar, mesmo sabendo que, com sua personalidade, teria que sair de Chalé quando isso acontecesse.

Casamento era uma coisa; Lucy Wymonde, outra. A marquesa não queria que ele ficasse com o coração partido, como grande número de homens tinham ficado por amar Lucy, que amava apenas a si própria.

Eu vou detestar se ele sofrer, pensou a marquesa.

Sabia que, se tivesse cumprido seu dever no momento certo, teria feito contato com moças certas, vindas das famílias certas, para que seu filho escolhesse a esposa que reinaria em Chalé.

Então estremeceu; se tivesse feito isso já poderia ser avó, àquela altura!

Aí, sim, seria realmente velha e não haveria cosméticos, roupas caras, jóias cintilantes que escondessem sua idade de homens como Harry, que, supunha ela, julgavam o marquês mais novo do que era.

— Uma avó!

Soltou um grito assustado e pegou o espelho que estava na cama, a seu lado, para olhar o rosto.

O marquês não estava pensando na mãe, em Lucy, nem em nada mais a não ser no cavalo que estava montando.

Era um arisco garanhão que comprara recentemente e com quem tivera dura batalha até conseguir domá-lo.

Havia chegado a Chalé no dia anterior, e ele não hesitara em recusar meia dúzia de importantes convites em Londres simplesmente porque estava ansioso por montar o especial cavalo.

Naquele exato momento, isso lhe parecera muito mais tentador do que qualquer chance de ver Lucy.

Simplesmente, ele tivera que dizer à sua secretária, em Londres, “Vou para Chalé”, para que o mecanismo começasse a funcionar e tudo se ajeitasse com a perfeição adquirida com a longa prática.

Agora, com o vento no rosto, os joelhos apertados nos flancos do cavalo, ele se sentia feliz e excitado como não acontecia há meses.

O garanhão experimentava todos os truques que conhecia para derubar o cavaleiro ou para não fazer o que ele queria. Mas já começava a compreender, sem nem mesmo terem chegado à metade do caminho, que encontrara seu dono.

Enquanto o desafio, a desconfiança do cavalo ia se transformando em respeito, o marquês sentiu a exaltação do vitorioso, que às vezes experimentava quando uma mulher se rendia a ele pela primeira vez.

O garanhão, encorajado por um toque de esporas, saiu galopando pelas alamedas do parque. Ainda estava imaginando um modo de sacudir

aquele homem de cima de si, mas começava a achar que isso iria ser bem mais difícil do que tinha pensado.

O marquês se achava bastante feliz por não se encontrar em Londres.

Estava só e com seus cavalos. Não apenas o garanhão que montava naquele momento lembrava-se agora, requeria sua atenção, mas também um outro cavalo que pretendia montar ainda naquela tarde, pois seu chefe de estrebaria tinha dito coisas incríveis a respeito dele. Era um desafio ao qual não conseguia resistir.

No dia seguinte haveria a corrida de cavalos local. Sempre ganhava os primeiros prêmios, tendo cavalos nas duas corridas. E Lucy chegaria para a festa.

Por instantes seus pensamentos fixaram-se nela, e lembrou-se de como era bonita e da chama inesperada que acendera em Lucy quando haviam se beijado.

Então o garanhão negaceou e tentou derrubá-lo da sela, como se soubesse que ele estava com o pensamento longe e que, assim, poderia cair.

As mãos do marquês seguraram as rédeas com firmeza. Homem e animal estavam de novo lutando um com o outro, para imensa satisfação de ambos.

Chegando a Londres no barco de Dover, Ina agradecera ao idoso casal que lhe oferecera hospitalidade na cabina deles durante a travessia do canal.

Havia tentado conseguir uma cabina, mas tinham dito que todas estavam ocupadas.

Ela parecia tão jovem e desamparada que o senhor que estava logo à frente dela, com a placa de uma cabina na mão, relanceara os olhos por sua esposa e depois dissera:

— Eu acho que pegamos a última cabina que havia. Mas se quiser ficar conosco será bem-vinda.

— Muita bondade do senhor — respondera Ina. — Agradeço muito e aceito, com prazer.

O senhor idoso olhara para a placa.

— Cabina D — dissera.

— Vou ver se minha criada está bem acomodada, lá embaixo, depois fico com os senhores, já que me permitem.

O cavalheiro erguera o chapéu. Depois dera o braço à esposa e ambos caminharam vagarosamente para a cabina. Ina lhes dissera como estava agradecida.

— Eu não sofro do mal-do-mar — explicara —, a menos que haja alguém passando mal perto de mim. Mas minha criada tem horror de água e enjoa só de pensar no mar!

Seus novos amigos haviam sorrido. A travessia do canal da Mancha fora tranqüila. Já estavam acomodados no trem quando o cavalheiro disse:

— Espero que haja alguém à sua espera.

— Acho que meu tio vem me buscar — disse Ina —, porque minha tia deve estar muito ocupada.

— Sua tia é a lindíssima lady Wymonde? — perguntou o senhor idoso.

— Eu nunca a vi, mas ouvi dizer que ela é muito, muito linda — respondeu Ina.

— É, sim — disse o cavalheiro, sorrindo. — Nos jornais sempre a descrevem como a mulher mais bonita da Inglaterra, e foi o que achei quando a vi na abertura do Parlamento.

— É claro que não fazemos parte da Câmara dos Lordes — explicou a senhora, depressa, como se achasse que Ina pudesse pensar que seu marido estava se vangloriando. — Como somos curiosos, fomos ver os pares e as damas chegarem em suas carruagens. Os vestidos e diamantes delas eram mesmo maravilhosos!

Os olhos de Ina brilharam.

— A senhora fala com um entusiasmo que arre pia a gente!

— Foi exatamente o que aconteceu comigo — disse a senhora. — Mas você vai ver lady Wymonde de perto. Tem muita sorte!

— É, acho que tenho — respondeu Ina. Falava com toda a sinceridade.

Ao mesmo tempo, não podia deixar de lembrar como seu pai ria da vida social que seu irmão e a cunhada levavam.

— Uma luta constante para subir os degraus da escada que leva às brilhantes quinquilharias do sucesso social... — dizia ele, ironicamente. — Essa vida não é para mim, Ina, nem para você. É falsa e tola.

Mas agora, pensou Ina, era a vida que ela teria que viver no futuro se, como temia, passasse a fazer parte da família do tio.

Que mais, além de ir para a Inglaterra, ela poderia fazer, agora que a sra. Harvester tinha morrido?

O trem chegou à Estação Victoria, e olhando pela janelinha, um tanto ansiosamente, Ina teve certeza de reconhecer o tio, se bem que nunca o tivesse visto, pelo que se lembrava.

Seu pai sempre dissera que a aparência de um Wymonde era incon-

fundível.

— Quer ele goste ou não, George e eu somos iguais na aparência, mas não no íntimo.

De fato, o tio se parecia muito com o pai que ela amara. Tanto que Ina sentia um nó apertar-lhe a garganta, enquanto o trem encostava na plataforma e a porta abria.

Desceu e pôde ver o tio mais de perto, de pé, olhando ao redor. Estava elegantíssimo, com a cartola colocada em audacioso ângulo sobre a cabeça e um cravo branco na lapela.

Acenando um último adeus aos simpáticos amigos, ela correu pela plataforma sabendo que Hannah pegaria tudo o que deixara no trem e iria atrás dela.

Hannah tinha viajado num outro vagão, recusando-se energicamente a seguir de primeira classe.

— O lugar certo para mim é na segunda, srta. Ina — dissera ela. — A senhorita vai começar uma nova vida com seus tios, por isso temos que fazer tudo direitinho. Estou querendo dizer que sou apenas uma criada, nada mais, e que a senhorita não deve se esquecer disso!

— Criada ou não, Hannah, eu adoro você! — dissera Ina. — Todos esses anos, desde que mamãe morreu, se você não tivesse cuidado de mim, eu ficaria numa bela encrenca e você sabe disso!

— Pode ser — respondera Hannah, secamente. — Mas eu sei o que é melhor para mim e não quero ter ninguém querendo me pôr no meu lugar por eu ter saído dele!

Ina havia reconhecido que Hannah tinha razão. Ao mesmo tempo, sentia o coração apertar-se por não estar perto dela.

Havia levado uma vida diferente, com o pai, em várias partes do mundo, e ficavam nos lugares pouco mais do que um ano, quando ele queria pintar paisagens muito especiais ou seus habitantes.

Então, costumavam ir para qualquer outro canto que o pai achava mais atraente, sem qualquer alarde.

Ina achava fascinantes os países que havia visitado; no entanto, lembrava-se bem de como se sentiria perdida e infeliz se tivesse que ficar sem Hannah quando seu pai sofria o poder de outras atrações que não os próprios da pintura.

Às vezes ele desaparecia durante semanas, ao fim das quais Ina não tinha a menor idéia de onde ele estivera e do que havia feito.

Caso Hannah soubesse, não queria dizer. Simplesmente tratava de manter Ina longe de curiosidade exagerada e de fazer com que ela se concentrasse nos estudos.

— Papai não está ligando se eu estudo ou não — havia dito Ina, certa vez.

— Isso é o que você pensa — respondera Hannah. — Ele iria ficar muito triste se você fosse ignorante como essas moças que toma como modelo, que não sabem dizer e nem fazer nada a não ser estender a mão para pedir dinheiro.

Os olhos de Ina tinham se arregalado quando ouvira aquilo e, desde então, ela estudara duro porque achava que tudo que aprendesse iria deixar o pai contente.

Muitas vezes, depois do jantar, ele conversava com ela como se fosse uma pessoa da mesma idade, e Ina compreendera que isso era um elogio e que estava dando a ele algo que lhe faltava na vida.

Era um homem animado e muitas vezes levava amigos para casa. Ina adorava ouvi-los conversar e não tinha a menor idéia de quem era a maioria dos amigos do pai ou o que faziam.

Tudo o que ela sabia era que quando o lugar onde estavam não oferecia mais nenhum ponto de interesse para a pintura, quer quanto à paisagem, quer quanto a tipos do local, iam embora.

Quando o pai morrera, no ano anterior, ela mal pudera acreditar que isso tinha acontecido.

Ele se queixara de uma dor no peito durante uns dois meses, mas se recusara terminantemente a consultar um médico. Quando Hannah insistia nisso, ele dizia que era apenas má digestão.

Certa manhã, quando o criado fora chamá-lo, encontrara-o caído, atravessado na cama, morto por um ataque cardíaco.

— Com o passar do tempo ele devia estar sentindo cada vez mais dor — dissera o médico a Ina.

Achara que era bem típico do pai não dar nenhum sinal de fraqueza, nem fazer o que ele chamava de “espalhafato à toa”.

Ela havia pensado em se comunicar imediatamente com o tio, a fim de ir para a casa dele, mas uma idosa senhora chamada sra. Harvester, que morava pegado à casa que o pai de Ina alugara, perto de Nice, tratou de dar-lhe amparo.

Ouvira os criados comentarem que o honorável Roland Monde tinha

falecido e de imediato dissera a Ina que fosse para a casa dela.

Ina precisava apenas transpor o muro que separava o jardim das duas casas.

Quando conhecera a sra. Harvester, um ano antes, Ina percebera logo que a casa dela era muito diferente da sua, que não apresentava nada de bonito em matéria de decoração.

A sra. Harvester tinha muito bom gosto. Os móveis que ela comprara em uma fina casa de móveis na Inglaterra, conforme Ina tinha sabido, eram peças antigas, raras, e os quadros que tinha eram de mestres famosos, como Ina pudera verificar.

A sra. Harvester tinha setenta anos e vivia só.

No começo, ficara observando, da janela, Ina brincar no jardim da casa vizinha. Depois, procurava Roland Monde por telefone e logo haviam descoberto que tinham amigos em comum.

— Não pretendo, nem espero, que eles se lembrem de mim — dissera o pai de Ina. — Há muitos anos que não vou à Inglaterra.

— Por quê? — indagara a sra. Harvester.

— Porque isso me aborrece — replicara ele. — Minha família continua fazendo o que sempre fez, durante várias gerações, enquanto eu quero largos horizontes e novas idéias. A Inglaterra é rançosa como um sermão de Sexta-Feira Santa!

A sra. Harvester tinha rido.

Pedira a Roland Monde que lhe telefonasse, que fosse visitá-la, mas no fim apenas Ina fizera isso, porque se sentia fascinada pelas coisas que havia naquela casa e pelas histórias que ouvia sobre elas.

— Fale-me disto... — pedia ela, de vez em quando, apontando para uma escrivanhinha incrível que tinha pertencido a uma rainha, morta há muito tempo.

A sra. Harvester sabia histórias de todas as coisas, e Ina sempre pensava, surpresa, em como se sentia faminta de histórias que não pudessem ser encontradas em livros.

Quando a sra. Harvester a convidara e a Hannah para irem morar na sua casa, Ina ficara muito grata.

Quando o tio escrevera, dando as condolências pela perda de seu pai e perguntara o que Ina pretendia fazer no futuro, ela respondera que estava morando com uma amiga, a sra. Harvester, que fora conhecida de Roland. Ele, então, não sugerira sequer que se poderia ajeitar as coisas de outro modo.

Depois, infelizmente, a sra. Harvester morrerá.

Para Ina parecera impossível que primeiro tivesse perdido o pai de modo tão repentino e, em tão pouco tempo, a sra. Harvester. Esta ficara doente durante umas três semanas, quando a morte viera de modo chocante. Então Hannah dissera, com firmeza, que agora teriam que voltar para casa, para a Inglaterra.

A sra. Harvester deixara algumas de suas jóias para Ina, assim como uma considerável soma em dinheiro.

O restante tinha sido reclamado pelo neto de quem ela jamais gostara e que fora para Nice disposto a disputar agressivamente tudo que Ina quisesse reclamar.

Quando a vira ele mudara completamente de idéia e fizera a maior questão de que Ina ficasse com tudo o que a avó determinara que seria dela.

— Vamos alugar uma casinha e ficar por aqui, por nossa conta — pedira Ina para Hannah.

Mas a velha governanta sabia o que era certo e o que era errado. O certo, para Ina, era voltar para junto de seus parentes.

— Já está quase com dezoito anos, srta. Ina. Vai se tornar uma debutante e deverá ser apresentada no Palácio de Buckingham.

— Eu não tenho nenhuma vontade de fazer isso, Hannah! — respondera Ina.

— Mas é a coisa certa; é o que deve fazer! — insistira Hannah, com firmeza.

A “coisa certa” era escrever para tio George. A “coisa certa” era deixar seus móveis e quadros num depósito, até que pudessem ser enviados para ela.

A “coisa certa” era dizer adeus ao túmulo do pai, no cemitério de Nice e, pensou Ina, deixar para trás o brilho do sol, as laranjeiras e as palmeiras?

— Bom, afinal a Inglaterra vai ser uma novidade para mim... — dissera Ina, pensativa, enquanto um trem a levava através da França.

— O mais certo é a senhorita voltar para a sua terra — dissera Hannah em tom sem compromisso.

Houvera um longo silêncio. Depois, Ina perguntara, com voz trêmula:

— Você acha... acha que o tio George vai... vai gostar de mim?

— Ele é seu tio e vai fazer o que for certo — respondera Hannah. Isso, dissera Ina para si mesma, não era um grande consolo!

CAPÍTULO II

Lorde Wymonde olhava os passageiros que desciam do trem e imaginou se a alta e pouco atraente moça vestida de marrom era Ina.

Então, viu um homem que esperava na plataforma ir ao encontro dela e percebeu que se enganara.

Estava pensando se devia ou não falar com uma outra moça que descera do trem e que era, teve que reconhecer com tristeza, decididamente vulgar, quando uma voz alegre soou atrás dele:

— Eu tenho certeza que o senhor é tio George!

Olhou para baixo e viu o que julgou ser uma criança. Mas em seguida percebeu que a garota que falava com ele era mais velha do que parecia. Seu jeitinho era incrivelmente jovem!

Ela mal lhe chegava ao ombro, seus olhos de um azul-claro fitavam-no com animação, o chapéu redondo inclinado para trás não escondia o farto e brilhante cabelo cor de milho.

Como lorde Wymonde ficasse mudo por momentos, Ina disse:

— Eu sou Ina. O senhor é direitinho como papai me disse que era.

— Você é Ina! — exclamou lorde Wymonde, ainda meio engasgado. — Minha menina querida, eu nunca iria reconhecê-la!

Ina deu uma pequena risada.

— Nem podia, mesmo, porque nunca me viu, a não ser quando eu estava no berço!

— Bem, isso é verdade — admitiu lorde Wymonde. — Mas esperava que você fosse mais velha.

— E, claro, mais alta — acrescentou Ina, rindo. — É uma tristeza, mas eu acho que não vou conseguir ser mais alta do que sou agora...

Disse isso com tal nota de desamparo na voz que lorde Wymonde não pôde deixar de rir.

Ao mesmo tempo, ele dizia a si mesmo que a sobrinha era extraordinariamente bonita, adorável, e muito diferente de qualquer coisa que ele pudesse esperar.

— Então, bem-vinda à Inglaterra! — disse ele, com um amplo gesto. — Agora, vamos ver a sua bagagem.

— Eu acho que Hannah já foi com tudo para a alfândega — respondeu

Ina.

— Ótimo! — disse lorde Wymonde. — Vamos deixar, então, que ela cuide disso. Acho que ela sabe que você vai para a Casa Wymonde, não?

— Eu só vou dizer a ela que vamos embora, já que estou com o senhor, senão Hannah pode ficar preocupada — explicou Ina.

Foi se afastando enquanto falava, depois saiu correndo ao longo da plataforma de tal jeito que lorde Wymonde não pôde deixar de pensar: Lucy acharia inconveniente.

Pôde vê-la, à distância, falando animadamente com uma senhora de certa idade.

Ela é muito atraente!, pensou. Roland, sendo um artista, conseguiu produzir algo que parece ter saído de um quadro!

Então, lembrou-se de como Lucy criticara o modo de viver de seu irmão, achando incrível que ele preferisse perambular pelo mundo a participar do mundo social ao qual os Wymonde vinham pertencendo há tantas gerações.

Depois de pensar nisso, lorde Wymonde sentiu, bastante desconfortavelmente, que Lucy poderia desaprovar também Ina... não por qualquer coisa que ela fizesse, mas sim pelo aspecto que tinha.

Aí, disse a si mesmo, que a posição que Lucy ocupava como beleza era inabalável.

Ela não poderia ser tão tola a ponto de sentir inveja de uma garota que tinha acabado de sair da escola e que, naturalmente, não tinha nenhuma das sofisticções essenciais no círculo em que Lucy se movimentava tão brilhantemente.

As moças não têm importância até que casam, e espera-se que se mantenham quietas quando há pessoas mais velhas por perto; os pais consideram-nas como grandes dores de cabeça, e quanto mais cedo se casam com alguém apresentável, melhor.

Lucy vai arranjar um marido para Ina, pensou lorde Wymonde, consolando-se como se isso pudesse afastar as tempestades.

Quando Ina voltou correndo, sorrindo, com um brilho de excitação nos olhos, ele teve certeza da proximidade de tempestades.

Enquanto entravam na confortável carruagem puxada por dois cavalos e com dois criados em libre na boléia, Ina exclamou:

— Isto é maravilhoso, tio George! Parece mentira que estou na Inglaterra e com o senhor, é claro!

Como estava um dia inusitadamente quente, a carruagem era aberta, e quando saíram da estação lorde Wymonde reparou que a sobrinha estava sentada na beiradinha do banco, inclinada para a frente, como se tivesse medo de perder alguma coisa, olhando para tudo com um entusiasmo que ele não via há muitos anos.

— Você devia ter voltado para cá quando seu pai morreu — comentou.

— Eu escrevi para o senhor e contei — respondeu Ina. — A sra. Harvester, que morava na casa pegada à nossa, me pediu que ficasse com ela; como eu não tinha acabado os estudos e como tutora ela era excelente, achei que seria um erro sair de Nice.

Lorde Wymonde pareceu surpreso antes de falar:

— Pelo que disse, parece que você teve uma educação bastante ampla.

— Eu acho que sim... — respondeu Ina. — Só que papai se movimentava muito. Achávamos excelentes professores e quando eu estava começando a aproveitar tudo o que tinham para me ensinar, íamos embora outra vez!

— Isso era bem de Roland — comentou lorde Wymonde. — Ele jamais tinha parada, sempre querendo coisas novas.

Pela primeira vez ele percebeu que em Ina havia alguma coisa de seu irmão, quando era jovem.

Lembrando do passado, não podia deixar de recordar que era sempre Roland quem pensava em descobrir novos interesses para ambos, em montar aventuras e travessuras pelas quais acabavam sendo severamente punidos.

Era Roland quem tornava tudo animado, excitante, e lorde Wymonde só agora percebia que quando se casara e Roland fora embora, para ir viver em outro país, levara consigo a alegria de viver que nunca mais ninguém soubera lhe devolver.

— Você precisa me contar tudo de sua vida com seu pai — disse ele, baixinho.

— Levaria muito tempo. — Sorriu Ina. — Fizemos tanta coisa, estivemos em tantos lugares! Ele estava sempre alegre, era divertido e sinto tanto a sua falta... É terrível!

Havia um tremor na voz de Ina. Lorde Wymonde notou-o e imaginou se alguma vez seu filho iria falar assim dele. Sentiu-se como se tivesse falhado com Rupert de um modo difícil de se explicar.

— O senhor mora numa casa muito grande? — perguntou Ina.

— Bem, é uma casa bastante grande para Londres — respondeu lorde Wymonde. — Seu pai costumava rir dela, dizendo que era muito escura e abafada. Ele preferia morar fora da capital.

— Ele me falou muito do Parque Wymonde — disse Ina. — Gostava muito desse parque, e eu acho que era a única coisa de que ele sentia muita saudade.

— Então, por que ele não voltou para casa? — indagou lorde Wymonde.

Ina ficou alguns momentos pensando nisso. Depois, disse:

— Eu acho que um dos motivos foi o senhor ter se casado e ele não querer ficar na mesma casa; o outro motivo acho que o senhor conhece: papai não suportava a vida social.

Ela deu uma de suas espontâneas e encantadoras risadas.

— As festas a que papai costumava ir eram muito diferentes das que ele me contou que vovô dava.

Lorde Wymonde estava ouvindo atentamente. Agora entendia por que Roland tinha ido repentinamente embora, logo depois que ele se casara com Lucy, e depois voltara inesperadamente.

Durante seis meses ele perambulava por Londres, tivera uma série de casos de amor obviamente sem importância, depois sumira de novo.

Lorde Wymonde lembrava-se de que achara o irmão moço demais para trocar a vida tradicional de seu meio por outra evidentemente boêmia e que fora censurado com evidente desagrado.

Agora sabia que não adiantaria insistir com Roland mais do que tinha insistido para que não fizesse aquilo, quando se haviam reencontrado. Roland continuara indo embora, cada vez por períodos mais longos, até que afinal, dezoito anos atrás, depois de Ina ter nascido, nunca mais aparecera na Inglaterra.

Ele lembrava de ter ido à Itália para falar com o irmão sobre a morte da mãe e transmitir-lhe o recado que ela lhe mandara.

Encontrara Roland num apartamentozinho muito atraente, com todo o conforto possível, mas que ficava na parte de Roma aonde as pessoas respeitáveis não iam, nem em pensamento.

Logo que chegara, lorde Wymonde ficara impressionado com as ruazinhas estreitas, cheias de crianças seminuas, barulhentas, e com mães de seios imensos sentadas nas soleiras das portas, amamentando seus nenês sem o menor sinal de vergonha.

Se o lugar era pitoresco, pensara, também era verdade que cheirava mal. Quando entrara no prédio onde o irmão morava, estava determinado a persuadi-lo a voltar para a Inglaterra.

Pelo menos, iria insistir para que morasse num lugar com vizinhança melhor quando estivesse em Roma.

Depois de entrar na casa, que era surpreendentemente confortável, descobrira algo que jamais esperara: seu irmão era muitíssimo feliz.

Assim que verificara isso, era bem o Roland dos velhos tempos que ia dizendo, intempestivo, sem preliminares:

— Venha cá e veja isto, George! Já viu alguma coisa mais fantástica? Ou mais linda?

As pomposas e severas palavras de cumprimento de George haviam morrido em seus lábios quando o irmão, pegando-o pelo braço, levava-o através da sala até um trono onde, percebeu lorde Wymonde, estava uma modelo.

Era uma menina de uns dez anos, uma italiana, mas com sangue mouro nas veias. Os cabelos negros como azeviche caíam-lhe pelos ombros nus, enquanto os trapos que vestia mal lhe cobriam o corpo.

Ao redor dela havia flores de todas as cores que, na certa, ela estava vendendo quando Roland a tinha visto, levando para o estúdio não apenas sua mercadoria, mas também a própria vendedora, a fim de pintá-las.

— Olhe a cor da pele dela junto destas camélias! — exclamara ele. — É fantástico, mas só Deus sabe se vou conseguir colocar essa beleza toda na tela!

O entusiasmo e excitação da voz dele tinham feito com que lorde Wymonde se sentisse aflito, como se o irmão estivesse tentando captar uma beleza que era tão vivida e, ao mesmo tempo, tão fugidia, que a qualquer momento poderia escapar dele se não se apressasse em fixá-la.

Sentira-se como se Roland o estivesse envolvendo e como se sempre tivesse estado com ele lá, em Roma.

Quando voltara para casa, deixando Roland, reencontrando a esposa e o filhinho, lorde Wymonde compreendera que havia perdido alguma coisa que era muito preciosa e de grande significado para ele.

Era sensível o bastante para compreender que quando Roland pintava, ele e sua família não podiam se prender às raízes na Inglaterra, muito menos imaginar sequer a vida que lorde Wymonde levava com Lucy.

Depois disso, ouvira falar no irmão por casualidade e em geral era sua

cunhada, Louise, que escrevia para agradecer os presentes de Natal ou os cumprimentos que eles enviavam por ocasião do aniversário de Roland.

À medida que os anos tinham passado, lorde Wymonde fora esquecendo o quanto Roland significava para ele, até que o irmão morrera.

Então, tivera uma sensação de perda que o deixara abatido e deprimido durante várias semanas.

Assim que a notícia havia chegado ele pensara que deveria ir a Nice, onde o irmão morrera, e assistir ao funeral.

Fora Lucy que o lembrara, de modo seco e extremamente prático, de que o funeral já devia ter acontecido antes que a carta anunciando a morte de Roland chegasse. E mais: seria um gesto ridículo cancelar todos os seus compromissos simplesmente para ir colocar um maço de flores sobre o túmulo do irmão.

— Para começar — acrescentara ela, com profundo senso prático —, como você vai saber que a menina ainda está lá? Deve haver alguém tomando conta dela e na certa a levaram embora da casa vazia, para qualquer canto da França.

Como lorde Wymonde parecesse não estar convencido por seus argumentos, ela dissera, impaciente:

— Oh, pelo amor de Deus, George! Você sabe o quanto seu irmão sempre foi selvagem e sem juízo! Escreva para sua sobrinha, veja se ela precisa de ajuda, mas não saia chorando, correndo, numa caçada inútil. Não há lógica alguma nisso.

Ela havia sido tão insistente que, afinal, lorde Wymonde acabara cedendo e escrevera para Ina. Ficara sabendo, assim, que ela estava morando com a sra. Harvester e que não havia necessidade, como Lucy dissera, de ele fazer a longa viagem até Nice.

Ao mesmo tempo, ele tivera a angustiante sensação de ter perdido alguma coisa.

— Seu pai era moço quando morreu... Do que foi? — perguntou para a sobrinha.

— Eu acho que ele forçou demais o coração quando costumava escalar montanhas na Turquia. Nesse tempo eu era muito pequena e eles me deixavam em casa de amigos, quando viajavam.

— Por que na Turquia? — indagou lorde Wymonde.

— Os lugares onde eles estiveram eram muito bonitos, como pude ver depois, pelos quadros de papai... — respondeu Ina. — Parece que papai

queria esboçar uma vista do alto de uma montanha e ficaram perdidos por lá, a noite toda, com forte tempestade. Depois disso, ele se sentia mal em todos os invernos e queixava-se de dores no peito.

Ina fez um gesto desanimado com as mãos.

— É a única explicação que eu achei. O coração dele estava muito cansado, mas papai jamais soube o quanto estava mal até que... morreu.

Novamente lorde Wymonde percebeu na voz de Ina uma nota que demonstrava o sofrimento da moça ao falar no pai. Como queria que ela se sentisse feliz, ele disse:

— Quando formos ao Parque Wymonde vou lhe mostrar todos os lugares onde seu pai e eu brincávamos quando éramos garotos... nossa casa na árvore, o barco com que atravessávamos o lago, o nosso santuário num dos torreões, onde mais ninguém entrava.

— Eu vou adorar ver tudo isso! — exclamou Ina. — Papai me contou da cabana em que vocês passaram uma noite terrível, de tempestade de neve.

— Ah, sim! Eu me lembro disso... — respondeu lorde Wymonde. — Foi mesmo uma tempestade tremenda! Tiveram que ir nos socorrer, quando amanheceu.

— Como vocês se divertiam! — comentou Ina. — Eu gostaria tanto de ter tido um irmão como o senhor!

— Você vai conhecer Rupert... — murmurou lorde Wymonde automaticamente, depois acrescentou: — Mas, claro, ele é criança demais para você.

O lorde estava pensando numa coisa em que já pensara muitas vezes antes: que Rupert, por ser filho único, não tivera a infância alegre que ele tinha tido.

Eu queria muito ter tido vários filhos, pensou, e uma filha como Ina.

A carruagem estava passando por Parque Lane e Ina olhou primeiro para o parque, de um lado, depois para as enormes e imponentes casas, do outro.

Lorde Wymonde estava por começar a dizer-lhe os nomes dos distintos proprietários quando se conteve, achando que não era o caso.

Por que uma criança que havia crescido em lugares selvagens iria se interessar por isso, iria ter idéias de quem era a nobre marquesa de Londonderry ou o conde de Dudley?

Em vez disso, falou:

— Acho que sua tia Lucy vai estar em casa quando chegarmos.

Quarta-feira é o dia em que ela recebe visitas.

— Todas as quartas-feitas? — perguntou Ina, interessada.

— A maior parte das senhoras da alta sociedade têm um dia em que recebem as amigas para o chá — explicou lorde Wymonde. — Acontece que sua tia é muito popular e convidam-na para o chá quase todos os dias. E nas quartas-feiras é certo que ela oferece o chá.

Enquanto falava, ele estava pensando que, na verdade, nas quartas-feiras sua casa ficava cheia, enquanto nos outros dias as pessoas favoritas de Lucy, que eram quase todas do sexo oposto, apareciam por lá, na esperança de encontrá-la sozinha.

Lorde Wymonde sabia perfeitamente que se esperava que os maridos se mantivessem fora de casa na hora do chá, então ele e seus companheiros encontravam-se no clube, para uma partida de bridge ou simplesmente para conversar.

Também podiam ir sentar-se, beber e conversar nas poltronas dos bares White, Boodles ou St. James, sabendo perfeitamente que não deviam voltar para casa antes da hora de trocar roupa para o jantar.

Achando que não iria ser muito agradável para Ina entrar na sala cheia de pessoas estranhas, ele disse ao cocheiro que entrasse com a carruagem pelo portão dos fundos da Casa Wymonde, e disse à sobrinha:

— Acho que você vai querer ir primeiro para seu quarto e se trocar, antes de falar com sua tia.

Achou que Ina ficara um tanto surpreendida, mas por fim ela respondeu:

— Sim, claro, tio George. Obrigada por ter lembrado disso. Mas acho que vou ter que esperar Hannah chegar com as malas, para poder pegar minhas roupas.

— Já sei o que vamos fazer! — disse lorde Wymonde. — Vamos para meu escritório e enquanto Hannah chega e arruma suas coisas, vamos ver se conseguimos encontrar alguns cadernos de desenho que foram do seu pai. Eu sei que estão em algum lugar, nas estantes da biblioteca.

— Eu adoraria ver esses desenhos! — exclamou Ina com uma sinceridade mais do que genuína. — Trouxe um presente para o senhor, tio George: dois pequenos quadros de papai. Os outros deixei guardados em Nice, com meus móveis.

— Foi muito gentil de sua parte pensar em mim, Ina.

Ela sorriu para o tio e ele sentiu que aquele sorriso lhe aquecia o

coração.

Gosto dessa menina, pensou, e espero que ela seja feliz conosco.

Ao mesmo tempo, sabia perfeitamente que Lucy iria dificultar aquilo.

Depois que os convidados, e dessa vez tinham sido em número muito maior do que de costume, haviam se despedido e ido embora, foi que Lucy, pela primeira vez, imaginou o que havia acontecido com George e sua sobrinha.

Às três e meia ele havia ido para a estação a fim de buscá-la, depois de ter ficado zanzando pela sala de visitas a ponto de Lucy ter dificuldade em se conter para não gritar com ele.

— Pelo amor de Deus, George! — acabara dizendo, rispidamente. — Sente aí e pare de andar de um lado para outro, como uma galinha agitada!

O marido nada respondera e, pouco depois, ela falara de novo:

— Você está ficando nervoso só porque uma garota de dezoito anos vem morar aqui... Só Deus sabe como isso me atrapalha, mas, realmente, não vejo em que a vinda dela pode afetar você.

— Temos que fazer o mais que pudermos pela filha de Roland — dissera lorde Wymonde.

— E vamos fazer — retrucara Lucy, azedamente. — Mas eu é que vou ter que comprar roupas para ela, eu é que tenho que ensiná-la como se comportar, eu é que vou ter que introduzi-la num mundo do qual ela ignora espantosamente tudo!

Dera uma risadinha forçada, rancorosa, depois continuara:

— Na certa a menina come ervilhas com a faca e tem sotaque estrangeiro.

Lorde Wymonde acabara se zangando.

— Não há necessidade de você falar desse jeito, Lucy — dissera, rispidamente. — Você jamais gostou do meu irmão, mas ninguém pode dizer que ele não era um cavalheiro, e sua esposa, que eu conheci, era uma mulher delicada, proveniente de família distinta, por isso, seja minha sobrinha o que for, na certa é uma dama!

— Não estou discutindo o nascimento dela, mas sim suas maneiras! — explodira Lucy. — Você sabe muito bem que o pai dela vivia metido no meio de hotentotes, ou sei lá como se chamam aquelas tribos da África, ou morando em algum cortiço no Mediterrâneo, por achar que era muito pitoresco!

Lorde Wymonde lembrara-se, pouco à vontade, das pessoas que vira

nas ruas do bairro em que Roland morara, em Roma. Lembrara-se, também, da adorável Louise e dos pratos deliciosos que comera na casa deles, quando fora seu hóspede.

Na certa não seria o tipo de comida que Lucy apreciaria, mas a cozinheira italiana deles, que se vestia de modo muito esquisito e era confiada demais para o gosto dele, era melhor do que qualquer *chef* que se pudesse encontrar na Inglaterra.

— Se a sua sobrinha envergonhar Chalé, não se queixe para mim! — dissera Lucy. — Eu disse que seria melhor mandá-la para sua prima Dorothy, que, tenho certeza, é mais indicada do que nós para ficar com essa menina.

— Dorothy não mora em Londres.

Lorde Wymonde tratara de falar com a maior paciência, pois aquilo já fora discutido uma porção de vezes.

— Bom, deve haver alguém, quer em Londres, quer fora daqui, que tire essa menina das nossas costas — dissera Lucy. — Só Deus sabe como os Monde aparecem, aos montes, quando ninguém quer vê-los por perto!

Lorde Wymonde aproximara-se da janela.

— Eu não quero mais falar nisso, Lucy — avisara, com firmeza. — Estou cansado de ouvir sempre a mesma coisa. Vamos ficar com Ina e não pretendo mudar de idéia, seja o que for que você diga.

Ao terminar de falar, ele atravessara a sala e saíra, batendo a porta.

Lucy dera um salto com o barulho e dissera a si mesma que era maluca em irritar George daquele jeito.

Sabia que quando ele cismava com uma coisa nada podia fazê-lo mudar de idéia. O que mais importava, no momento, era que ele não atrapalhasse o seu caso com o marquês.

Se eu for simpática com a menina, pensara ela, George vai ficar contente comigo e esquecer das desconfianças sobre Irvine, que está se tornando para mim mais do que qualquer homem significou até agora.

Só em pensar no marquês a respiração dela se acelerara, e Lucy percebera que estava contando as horas que faltavam para vê-lo de novo.

Preciso ser boazinha com George e com sua desagradável sobrinha, decidira. Tenho que dar um jeito de arranjar roupas para ela e fingir que estou contente por tê-la aqui comigo, quando na verdade tenho vontade de matá-la com minhas próprias mãos, para falar honestamente!

Num gesto instintivo, os olhos de Lucy se dirigiram para o grande espelho onde se refletia.

Não havia dúvida: era bonita.

O vestido novo era de seda azul-safira, cor que fazia sua pele parecer incrivelmente branca e parecia refletir-se em seus olhos.

Não havia ninguém, absolutamente ninguém, em toda Londres que tivesse cabelos naturais daquele dourado vivo que os homens diziam ser o coração do sol.

Lucy desejava que o marquês lhe dissesse alguma coisa parecida com aquilo.

Até agora ele não lhe fizera nenhum cumprimento, nenhum elogio. Mas, em compensação, desejava beijá-la.

Ela sabia disso pelo jeito como ele a olhava, pelo modo como os olhos dele se demoravam em seus lábios.

Sentira um leve arrepio percorrer-lhe o corpo inteiro e teve certeza de que quando estivesse em Chalé iam ter chance de se encontrar a sós e que ele ia beijá-la de novo.

Então, Lucy notara que seus olhos, refletidos no espelho, estavam muito brilhantes, que um sorriso lhe bailava nos lábios. Fora aí que seu primeiro convidado chegara.

Agora, notou Lucy, eram seis horas da tarde e não havia nem sinal de George e sua sobrinha.

Talvez o trem tivesse atrasado; quem sabe, se ela fosse uma mulher de sorte, a menina tinha caído no canal e morrido afogada.

Isso seria bom demais!

De repente um pensamento fulgurou-lhe no cérebro. Imagine, apenas, que a menina era tão horrorosa, tão mal-educada e sem jeito, que George tivera vergonha de levá-la para a sala de visitas enquanto os convidados estavam por lá? Lucy estalou os lábios.

Se fosse isso, nada no mundo faria com que ela levasse a menina a Chalé ou a qualquer outro lugar.

Como é que poderia ela, que era a encarnação de tudo o que havia de lindo, a mulher mais adorável da Inglaterra, sair por Londres com uma garota terrível?

E mais: ia ser impossível arranjar casamento para ela, e se George insistisse naquela ridícula lealdade para com o irmão morto, a menina ia pesar-lhe no pescoço como pedra de moinho; ou seria um albatroz? Lucy tinha noções muitíssimo vagas de tudo que se referia a literatura.

Dois criados entraram na sala de visitas para tirar as mesas de chá.

— Lorde Wymonde já voltou? — indagou, secamente.

— Sim, *milady*.

— Onde ele está?

— Na biblioteca, *milady*.

— Sozinho?

— Uma jovem *lady* está com ele, *milady*.

Era tudo o que Lucy queria saber. Com um último olhar para o espelho, saiu da sala de visitas e começou a subir a escadaria do hall.

Os antepassados de George observavam seu progresso escada acima. Prisioneiros das molduras douradas, como Lucy sempre pensava, formavam um grupo nada cativante.

Havia também o retrato de George, moço, atraente como era quando o conhecera, junto com o irmão, Roland, que deixara bem claro que não a admirava.

Na verdade, era por isso que Lucy jamais gostara dele.

George falara muito do irmão, todos afirmavam que ambos eram iguaizinhos, por isso Lucy esperara que, quando se conhecessem, Roland ficasse atordoado por sua beleza, como havia acontecido com George.

Mas Roland a observara com ar crítico e ela percebera, sem que ele dissesse, por mais incrível que aquilo parecesse, que não apenas não atraía Roland como também ele não a admirava.

Isso parecera tão inconcebível que ela dissera ao cunhado:

— Tenho certeza que você vai pintar meu retrato, como presente de casamento para George. Sei que ele vai gostar.

Tivera certeza de que Roland não apenas iria ficar gratíssimo pela idéia, como também iria ficar agradecido a ela por estar dizendo que queria posar para ele.

Afinal de contas, ele não era um artista conhecido e a família referia-se às pinturas dele como algo altamente sem reputação e não exatamente um trabalho que um cavalheiro faria.

No entanto, para enorme surpresa de Lucy, Roland respondera:

— Não. Obrigado!

— O que quer dizer... Não, obrigado?

— Que não quero pintar você.

Ela ficara tão surpreendida que perguntara a ele por que não.

— Porque você é comum demais — respondera Roland —, muito previsível e não é meu ideal de beleza. Eu gosto de pintar beleza real.

Ela ficara humilhada demais para dizer qualquer coisa, no entanto, jamais esquecera aquilo, e se fosse honesta confessaria que odiara o cunhado a partir daquele momento.

Quando George voltara de Roma, depois da morte da mãe, havia dito:

— A pintura de Roland me atordoa! Não é o tipo convencional de pintura que agrada aos acadêmicos, mas é boa, muito boa, sem dúvida!

— O que você sabe disso? — indagara Lucy. — Não é entendido em arte, George.

— Isso é verdade — admitira George —, mas ouvi essa mesma opinião de uma porção de gente, em Roma, gente que merece respeito. Disseram coisas que me deixaram orgulhoso sobre os quadros de Roland.

— E acho que está se sentindo orgulhoso, também, do tipo de vida que ele está levando! — atacara Lucy.

Roland não fazia nada com suas pinturas, não as exibia, que se soubesse também não as vendia, mas os amigos que viam seu trabalho falavam dele como se fosse realmente um talento.

— Se quer saber o que penso — dissera Lucy, numa ocasião em que estavam discutindo sobre Roland —, seu irmão está desperdiçando a própria vida, jogando-a fora!

— Não vejo por que você afirma isso — replicara lorde Wymonde. — Afinal, ele está criando alguma coisa.

Lucy fizera um som de desprezo que parecera irritar George, pois ele acrescentara:

— Roland produziu uma porção de quadros, enquanto eu só produzi um filho. Acho que no final das contas, ele está levando vantagem sobre mim.

E ele saíra da sala antes que Lucy pudesse dizer qualquer coisa. Desde então ela tomara cuidado para não dizer coisas desagradáveis sobre Roland na presença de George.

É bem feito para ele, pensou Lucy, enquanto se aproximava da porta da biblioteca, se a filha de Roland é um monstro!

Quando pôs a mão na maçaneta ouviu a voz de George e, em seguida, alguém riu. Era uma risada com som musical, muito jovem e muito natural. Lucy abriu a porta.

George estava sentado em sua poltrona preferida e no chão, à frente dele, estava uma criança com cabelos loiros, que caíam pelos ombros em fartos cachos.

— Olhe este aqui, tio George! — disse ela. — É tão engraçado! A

garota ainda estava rindo. Depois, a risada morreu, quando viu Lucy parada à porta, olhando para ela.

Por instantes houve silêncio, até que lorde Wymonde lembrou:

— Ah! É você, Lucy? Esta é Ina! Estávamos olhando uns desenhos que o pai dela fez quando era menino.

— Eu estava esperando vocês lá embaixo — disse Lucy, automaticamente.

Fechou a porta e atravessou a sala, enquanto Ina se levantava.

Será que é possível alguém ser tão pequena, tão jovem, tão... tão jovem assim?, pensou Lucy.

A palavra “jovem” pareceu feri-la como um punhal.

Aquele rosto de criança, os olhos de um azul muito claro, os cabelos tão finos que pareciam de seda!

— Esta é Ina? — perguntou, achando que deveria haver algum erro.

Ina cumprimentou:

— Como vai, tia Lucy? Eu sou Ina e tenho medo de ser pequena demais!

— E é, mesmo! — respondeu Lucy. — E não acredito que saltos altos possam fazer muita diferença.

Enquanto falava, Lucy pensava que nenhuma de suas roupas ia servir para a moça.

O vestido que Ina estava usando era surpreendentemente bem-feito, achou Lucy, passável, mesmo.

— Nós não descemos — estava dizendo George meio sem jeito —, porque achei que você iria preferir conhecer Ina quando estivesse sozinha e porque talvez fosse embaraçoso para ela conhecer você rodeada de tanta gente estranha.

— Sei, entendo... — respondeu Lucy, num tom de voz que revelou ao marido que ela não estava entendendo nada.

— Agora — continuou Lucy —, temos pouco tempo. Como você já deve ter explicado a Ina que vamos viajar daqui a dois dias, acho que é melhor ela me mostrar suas roupas, antes que seja tarde demais para irmos comprar o que estiver precisando.

— Sim, claro, querida... — concordou George. — Só que eu não disse nada a Ina sobre Chalé. Você mesma pode dizer.

Ele se calou, lembrando-se de repente que não estava gostando muito da ida a Chalé. Depois, acrescentou:

— Tenho certeza de que é algo que lhe dá prazer ao falar.

Por instantes, marido e mulher olharam-se com hostilidade por cima da cabeça de Ina.

Ela estava ajoelhada, pegando os cadernos de desenhos do pai a fim de tornar a guardá-los na prateleira da estante de onde os havia tirado.

— Venha, Ina — disse Lucy. — Nós duas temos muito que fazer e pouco tempo para isso.

Ina pôs os cadernos em cima da mesa.

— Muito obrigada, tio George — falou. — Eu adorei ver esses desenhos, e quem sabe podemos olhar o resto em outra hora?

— Vamos olhar, sim — respondeu lorde Wymonde.

Sorriu para a sobrinha e ela retribuiu o sorriso, mas viu que Lucy já havia saído da sala e correu atrás dela.

Quando subiam a escada, lado a lado, Lucy disse:

— O que o seu tio esqueceu de lhe dizer é que você é uma menina de muita sorte, pois na sexta-feira nós vamos para uma das mais lindas e famosas casas da Inglaterra.

— Então, acho que vamos para o Parque Wymonde — disse Ina, sem pensar.

— Vamos ficar aqui em Londres nos próximos dois meses — avisou Lucy, mal-humorada. — Não tente convencer seu tio a levá-la para lá enquanto a temporada não terminar.

Os olhos de Ina se arregalaram.

Percebeu de imediato que a tia não gostava de Parque Wymonde e agora entendia por que notara uma ponta de tristeza na voz de tio George quando falara nisso.

Também sabia, perfeitamente, que seu pai odiaria morar em Londres se pudesse morar no interior.

Ele contara a ela que gostava de nadar no lago, que ele e o irmão nadavam várias vezes por dia, andavam a cavalo pelo parque, ficavam nas cabanas.

— Nós vamos para Chalé — estava dizendo Lucy. — Chalé pertence ao marquês do mesmo nome, que vai ser seu anfitrião.

Por medo que seu modo de falar fosse muito revelador, lady Lucy acrescentou, secamente:

— A mãe dele, marquesa viúva porque ele não é casado, vai ser sua anfitriã. Vai haver uma festa com muita gente distinta e interessante, além de

seu tio, de mim... e de você!

Não era preciso que Lucy dissesse a Ina que não estava sendo querida. Ela percebera isso claramente na voz da tia.

— Quem sabe... — disse ela, hesitando. — A senhora... a senhora acha melhor eu... eu não ir?

— Seu tio faz questão que você vá e acho que devia ser grata por essa oportunidade que pouquíssimas moças da sua idade têm. Os convites para ir a Chalé são raríssimos e preciosos.

— Eu... eu me sinto muito honrada — disse Ina.

— E deve se sentir, mesmo — replicou Lucy. — Tenho certeza de que vai compreender que é muito importante, no meu ponto de vista, e no do seu tio também, claro, que você cause boa impressão e não perturbe ninguém, nem se atrapalhe, nem nos envergonhe, de jeito algum.

Ela havia falado sem pensar e quando viu a expressão do rosto de Ina sentiu-se pouco à vontade.

— Por que acha que eu vou fazer isso? — perguntou Ina.

Lucy compreendeu que tinha que fazer alguma coisa para corrigir seu erro, pois a garota poderia ter ficado ofendida e se queixar com George.

— Você esteve toda a sua vida longe daqui — explicou, em outro tom de voz. — É natural que ache os pequenos convencionalismos, tão importantes nos melhores círculos sociais e a etiqueta ingleses difíceis de lembrar, depois que os conhecer.

A voz de Lucy tornou-se mais firme e incisiva quando acrescentou:

— Pode me perguntar tudo que quiser saber e, claro, também me consulte quando não souber o que fazer. Mas, primeiro, vamos tratar das suas roupas.

Enquanto Lucy falava, chegaram ao quarto de Ina.

A moça já havia tomado um banho e trocado de roupa, assim que Hannah chegara e tirara tudo das malas.

Estava usando o primeiro vestido que havia saído da mala. Hannah, uma criada, agora, arrumava no guarda-roupa uma porção de lindos vestidos que a sra. Harvester insistira para que Ina comprasse numa das melhores casas de modas de Nice.

— Você não pode usar preto neste clima — dissera logo depois que Ina tinha ido morar com ela. — É uma cor que detesto ver em jovens. Só serve para pessoas velhas, como eu.

— Papai sempre dizia que o luto é um costume bárbaro — comentara

Ina.

— Concordo com o seu pai e, por isso mesmo, quero que escolha cores que combinem com você — dissera a sra. Harvester. — Adoro coisas bonitas em volta de mim.

— E a senhora tem coisas muito bonitas! — exclamara Ina. — Nunca vi móveis mais lindos, nem quadros mais maravilhosos!

Ficara calada por instantes, sentindo-se um tanto desleal. Depois dissera:

— Gosto muito dos quadros do papai porque são tão vivos, parecem derramar cor e vitalidade, mas os seus são bonitos de um modo diferente e gosto muito deles, também.

Enquanto falava, ela ficara olhando para um fabuloso Guardi, pensando que ninguém poderia retratar Veneza melhor. Adorava essa cidade italiana, onde morara por pouco tempo, fazia uns dois anos. A sra. Harvester havia sido muito exigente a respeito do que Ina podia e devia ou não usar.

— Como você é pequenina — dissera —, precisa usar roupas que não apenas realcem sua personalidade como também aumentem sua altura, quer dizer, que dêem impressão de você ser mais alta. Nada de se escravizar à moda, Ina. Isso é muito fácil para as mulheres preguiçosas e para as que não têm gosto próprio.

Ina rira do modo como sra. Harvester tinha falado, se bem que soubesse que aquilo era sério.

Os costureiros haviam levado desenhos de modelos exclusivos e tecidos para a casa da velha senhora e Ina se sentira como se fora um dos modelos de seu pai, “posando” durante horas, até que a sra. Harvester ficou satisfeita com os modelos que, afinal, tinham sido criados especialmente para ela.

Houvera vezes em que, para consternação de Ina, quando um vestido estava pronto, a sra. Harvester não a deixava usá-lo.

— Por quê? O que há de errado com ele?

— É velho demais para você — respondia ela. — Tem que se livrar dele. Dê para alguém pobre.

Outras vezes ela ficava contentíssima porque Ina estava exatamente como ela queria que estivesse.

Ina dissera para Hannah, certa vez:

— Do jeito dela, a sra. Harvester é uma artista, como papai era. Sabia que Hannah não iria entender aquilo, então explicara:

— Ela quer pôr beleza em mim, assim como papai queria pôr beleza na telas. Eu queria que ele a tivesse conhecido melhor.

— Seu pai gostaria de estar com gente moça — respondera Hannah, mais como se falasse consigo mesma.

— Eu acho que era porque ele se sentia moço, também — comentara Ina. — As pessoas mais velhas nunca pareciam se entusiasmar com as coisas que entusiasmavam papai.

A sra. Harvester, sem falar muito no assunto, percebia Ina, entusiasmava-se na escolha e criação de roupas para ela.

Com Ina e Hannah em sua casa, a velha senhora tinha encontrado novos interesses. Em vez de se sentar, sozinha, dia após dia, no jardim do casarão, ela passeava, para mostrar os arredores a Ina, e, muitas vezes, saíam de barco pelo mar.

Era um barco grande, lento, muito diferente da lancha em que Ina costumava passear, quando o pai era vivo.

Ao mesmo tempo, a sra. Harvester adorava ensinar coisas a Ina, que também gostava de ser ensinada por ela.

Agora, vendo a tia disposta a criticar-lhe as roupas, Ina pôde imaginar, com certa ansiedade, o que iria ser sua nova vida na Inglaterra.

— Tenho que confessar que suas roupas são muito melhores do que eu esperava — reconheceu Lucy, contrariada, enquanto Hannah tirava os vestidos de Ina do guarda-roupa, um por um, para a inspeção.

— São franceses, *milady* — comentou Hannah —, e nós sempre achamos, enquanto morávamos lá, que a França estava um degrau acima da Inglaterra no que diz respeito à moda, pelo menos.

— Eu sei muito bem disso! — retrucou Lucy, mal-humorada.

Hannah compreendeu que era uma indicação para que se mantivesse em seu lugar e fechou-se no que Ina costumava chamar de “sua concha”.

— Temo não ter apresentado Hannah à senhora como devia, tia Lucy — disse Ina, depressa. — Ela cuidou de mim desde que nasci, mamãe e papai deixavam tudo nas mãos dela.

Fez uma pausa e olhou para Lucy, ansiosa, achando que não havia a menor sombra de interesse no rosto dela.

— Quando papai morreu, eu estaria perdida se Hannah não se encontrasse a meu lado — acrescentou. .

— Tenho certeza que a senhora cumpriu seu dever — disse Lucy para Hannah, mas tais palavras não soaram como um cumprimento.

— Fiz o melhor que pude, *milady*.

Hannah era astuta o bastante para compreender que tinha cometido um erro e que ao defendê-la Ina acabara piorando a situação. Lucy voltou-se para a porta.

— Vou levar você para umas compras amanhã, Ina, porque vejo que há várias coisinhas de que você está precisando — disse. — É claro que, devido ao seu tamanho, vai ser impossível comprar um vestido novo para você usar em Chalé. Vai ter que se contentar com o que já tem.

Saiu do quarto antes que Ina pudesse responder. Assim que a porta se fechou, a moça correu para Hannah e abraçou-a.

— Graças a Deus que você está aqui, Hannah, querida! — disse ela. — Agora sei por que papai não queria nenhum contato com seus parentes, apesar de achar que, de vez em quando, ele sentia saudades do irmão.

— Agora, srta. Ina — advertiu Hannah —, não comece a fazer julgamentos apressados, sem nenhuma necessidade disso. No começo, todas as coisas parecem estranhas, e sabe muito bem disso. É a este mundo que a senhora pertence.

Ina beijou o rosto de Hannah.

— Se as coisas ficarem mais difíceis e tia Lucy demonstrar, mais claramente do que já fez, que não me quer aqui, podemos voltar para Nice. Temos todos os móveis de casa guardados lá.

— Não vamos fazer nada disso, srta. Ina! — disse Hannah, decidida. — Quando conhecer melhor a Inglaterra, vai gostar dela, e, francamente, estou contente por ter voltado para o meio de gente civilizada, outra vez. Eu nunca me entendi muito bem com todos aqueles estrangeiros!

Ina começou a rir e a triste aflição que havia em seus olhos desapareceu.

— Eu sei muito bem por que você está contente de voltar, Hannah! — disse ela. — Andava sentindo muito a falta dos mexericos que se faz aqui na hora do chá. As francesas, as espanholas e as italianas nunca vão saber fazer isso de um modo distinto, limpo, não é?

— Nunca vão saber! — concordou Hannah, com ardor. — Mas vai se atrasar distintamente para o jantar, srta. Ina, se não começar a tirar a roupa enquanto eu apronto o seu banho. Aqui na Inglaterra costuma-se ter horário absolutamente certo para as refeições, e é bom que não se esqueça disso.

— Amanhã eu vou comprar um relógio para mim — prometeu Ina. Mas estava rindo quando desapareceu debaixo do vestido que tirava.

CAPÍTULO III

Ina desceu para o jantar, atrás de Lucy, com a impressão de estar participando de maravilhosa e excitante brincadeira.

Por mais que esperasse algo de magnífico, depois de tudo que tinha ouvido sobre Chalé, a propriedade era além da expectativa. Quando estavam chegando ela mal se atrevia a respirar, com medo de que se tratasse de uma miragem que de repente iria desvanecer-se diante de seus olhos.

Como o trem que os trouxera de Londres se atrasara, ao chegarem tinham sido recebidos pelo mordomo e por uma governante, que inspirava temor e que os havia levado até seus quartos.

Ina percebeu que Lucy ficara lisonjeada quando a governanta dissera:

— Reservamos para *milady* seus aposentos favoritos, na ala oeste.

— Muito obrigada — agradecera Lucy, com um leve ronronar na voz que Ina já começara a reconhecer.

Realmente, os quartos da ala oeste eram impressionantes. Havia um *boudoir* cheio de malmequeres em honra de Lucy, conforme Ina supusera, pois na casa dos tios, em Londres, havia muitas dessas flores, as preferidas de sua tia.

Havia um imponente quarto com painel em que pululavam deuses travessos e cupidos, ligado a um quarto de vestir que seria ocupado por lorde Wymonde e, adiante, um quarto muito simpático para Ina.

— Sua Graça achou, *milady*, que como é a primeira vez que vem a Chalé, a jovem senhorita gostaria de ficar perto da senhora — dissera a governanta.

— Muito gentil — murmurara Lucy.

Mas Ina achara que havia uma nota falsa na voz da tia e que na verdade ela não a queria perto o bastante para ser constantemente aborrecida pela presença ou pelas perguntas da sobrinha.

Então Hannah aparecera e começara a desfazer sua mala, tirando as roupas, algumas das quais estavam exatamente do jeito que tinham vindo de Nice, e começara a resmungar por tudo estar amarrotado por causa da viagem.

— Não se preocupe, srta. Hannah — dissera a governanta. — Quando há festas aqui, sempre temos duas criadas no quarto de passar roupa para

que passem qualquer peça a qualquer momento.

Ina pensara, divertida, que Hannah iria gostar muito de Chalé.

Antes de ir trabalhar com a mãe de Ina, para cuidar dela, desde recém-nascida, Hannah trabalhava como governanta dos filhos de um duque.

Quando era pequenina, Ina ficava fascinada pelas histórias dos filhos do duque que Hannah lhe contava; mais ainda pelo protocolo em si do que pelos personagens.

Quando ficara um pouco mais velha, Ina notara que os criados tinham mais consciência de classe do que seus patrões e patroas e pôde perceber que Hannah tinha pleno conhecimento de sua posição no pavilhão dos criados.

Era muito bom para ela, assim como para seu ponto de vista, que tio George tivesse um título.

Quem sabe durante as refeições ela tenha a prioridade de sentar-se à direita do mordomo... pensara Ina.

Ela sabia que esse era o lugar de honra para uma criada visitante, mas, naturalmente, isso dependia da posição social que ocupassem outros convidados.

Ficara andando pelo quarto enquanto Hannah e a criada arrumavam suas roupas, olhando a escrivaninha onde havia mil das miudezas que são aparentemente necessárias para quem queira escrever uma carta.

Mas Ina interessara-se por uma mesa ao lado da cama, sobre a qual estavam uns seis livros.

Tivera dificuldades na França para conseguir bastantes livros para ler, até que descobrira que a sra. Harvester era cliente da melhor livraria de Nice, e que solicitava os livros que ela quisesse, da Inglaterra.

Comprava livros franceses em quantidade, mas justamente porque o pai nem sempre estava com ela, Ina queria ler mais sobre sua terra. Depois que ele morrera, então, ficara com o ansioso pressentimento de que teria que voltar para lá, sentindo ainda mais necessidade de conhecer a Inglaterra.

Os livros de história eram decepcionantes.

Ina descobrira que poderia aprender mais lendo novelas, romances, e lera Jane Austen, assim como as irmãs Brontë, escritoras interessadas também em história. E ficara cada vez mais intrigada com as descrições da vida inglesa que tais livros retratavam.

Já estava mergulhada na leitura quando Hannah lhe dissera que o tempo estava passando depressa e o banho estava pronto.

Entrava-se no banheiro por uma das portas do enorme armário. Diante

da imensa banheira havia uma lareira com o escudo do marquês logo acima do consolo.

Ina pensara que deveria ser uma delícia tomar banho ali, no inverno, olhando as chamas dançar... Mas o verão estava muito forte e ela achara que nem seriam precisos aqueles dois latões de água fervente que duas criadas tinham levado para o banheiro.

Soubera, por Hannah, que um empregado tinha carregado os latões de água até lá em cima, colocando-os diante da porta do quarto, e as criadas haviam-nos carregado para dentro, dizendo que eram pesadíssimos quando cheios.

Um banho ali parecia exigir muito esforço e ela lembrara de como era fácil quando seu pai tinha aquela casa na praia... Eles corriam pela areia e jogavam-se nas ondas, sentindo-se deliciosamente refrescados quando a água estava fria.

Hannah a avisara para não falar muito em banhos de mar quando estivessem na Inglaterra.

— Por que não? — indagara Ina.

— Porque as mulheres inglesas não aparecem em público a não ser completamente vestidas.

Ina havia rido.

— Imagine se vissem papai e eu naquela praia na África ou quando estávamos na Grécia, dois verões atrás!

— Aquilo não é coisa que uma senhora faça — dissera Hannah, severamente.

— Coitadas das senhoras, então! — exclamara Ina. — Que vida mais miserável elas levam.

No entanto, ela sabia que se Hannah a estava avisando para não falar nisso era porque sabia que pessoas como tia Lucy achavam certas coisas muito erradas e isso iria refletir não apenas em Ina, mas também no pai dela.

Tinha certeza, pelo que o pai lhe dissera dos parentes, que se estes sempre o haviam reprovado, iriam reprová-la também.

Preciso tomar cuidado, dissera Ina a si mesma.

Depois do que tia Lucy lhe havia dito quando chegara, tinha certeza de que estavam esperando que ela tivesse maneiras horríveis.

Quando já estava vestida para o jantar, reconheceu que o vestido branco, com pequena anquinha, sobre a qual ficava o laço da fita que marcava a cintura, era de perfeito bom gosto e de uma simplicidade enganadora.

Era um vestido que custara muito caro e a sra. Harvester o aprovara porque, como dissera, fazia Ina parecer um lírio.

— Os lírios têm uma silhueta lindíssima — dissera ela, satisfeita. — Suas pétalas nunca aparecem enfeitadas e é essa perfeição que você sempre deve procurar, criança querida, em suas roupas.

— Estou ouvindo tudo o que me diz e aprendendo — dissera Ina, com um sorriso.

Sabia que, como seu pai escolhia as linhas certas para seus desenhos e pinturas, a sra. Harvester também as escolhia, sabendo quais tornavam um vestido elegante e quais o faziam parecer desajeitado, fora de moda.

Penteara os cabelos com simplicidade, apenas alguns cachos fartos presos atrás da cabeça. Quando lorde Wymonde vira a sobrinha tivera mesmo que pensar que seria muito difícil para qualquer outra moça parecer mais adorável, ou mesmo tão encantadora quanto Ina no momento em que estava para entrar no mundo dos adultos pela primeira vez.

Ele batera à porta do quarto de Ina para perguntar se ela estava pronta, e quando entrara a moça correra para ele, segurando-lhe as mãos.

— É tão lindo estar aqui com o senhor, tio George! — dissera. — Esta casa é tão imponente que iria impressionar até mesmo papai.

— Eu gosto de pensar que sim — replicara lorde Wymonde —, mas tenho impressão que ele acabaria rindo de toda esta pompa e circunstância, largando de tudo para ir acampar com sua tenda no parque.

Ina rira.

— Ele faria isso quando era moço, mas depois de ficar mais velho bem que papai começou a apreciar o conforto de uma cama macia.

Ainda estava rindo quando pela porta aberta da sala de vestir de lorde Wymonde, que dava para o quarto de lady Lucy, uma voz dissera, friamente:

— O que está havendo? Eu estou esperando, George, que você me acompanhe lá para baixo!

— Só fui chamar Ina, querida! — respondera lorde Wymonde.

— Não vou esperar por ninguém! — dissera Lucy.

Uma criada abrira a porta que dava para o corredor e ela saiu, parecendo, pensara Ina enquanto seguia a tia, uma daquelas lindíssimas deusas do painel, ou uma daquelas estátuas de mármore que embelezavam o enorme hall da mansão.

Andaram em silêncio até chegar à imensa porta dupla onde dois homens em libre esperavam para abrir.

Como se tratava de uma festa íntima, de amigos, ninguém estava sendo anunciado, e quando Lucy entrou no salão a marquesa soltou um grito de alegria, dirigindo-se para ela com ambos os braços estendidos.

Ina pensou que seria impossível a marquesa usar sequer mais um diamante, a não ser que o colocasse em cima dos outros.

— Estou tão feliz em ver você, querida Lucy! — estava dizendo a marquesa. — E você, querido George! Sei que Irvine tem uns cavalos novos que quer que você admire.

— Por enquanto, estou muito feliz em poder admirá-la, Alice — respondeu lorde Wymonde um tanto ponderadamente. — Esta é a filha de Roland.

A marquesa voltou a atenção para Ina, que estava olhando para ela com olhos arregalados, fascinada pela sua aparência e com o modo rápido e sentimental como ela falava.

Ela cumprimentou rapidamente.

— Lembro-me muito bem de seu pai — disse a marquesa. — Era um homem extremamente bonito e dançava divinamente, quando alguém conseguia convencê-lo a dançar.

Não deu tempo a Ina para responder e levou-a para junto dos demais convidados que estavam reunidos do outro lado do salão.

Foi então que Ina percebeu que tia Lucy estava conversando com o homem mais lindo que já vira.

Era alto, de ombros largos; os cabelos escuros estavam penteados para trás, realçando a testa quadrada. Soube, sem que ninguém dissesse, que aquele era o marquês de Chale e, portanto, seu anfitrião.

Ele dizia alguma coisa à tia dela, mas não pôde perceber o que.

Nesse momento ele estendeu a mão para tio George, dizendo:

— É um prazer vê-lo, George. Sei que minha mãe já lhe disse que comprei meia dúzia de cavalos. Espero que você os aprove.

— Estou pronto para experimentá-los — respondeu lorde Wymonde.

O marquês olhou para Ina e como Lucy se mantivesse em silêncio, lorde Wymonde disse:

— Esta é Ina, minha sobrinha. Acaba de chegar da França e agradecemos por poder tê-la trazido conosco.

— Há sempre um quarto em Chale para qualquer pessoa relacionada com você — sorriu o marquês.

Estendeu a mão e Ina deu-lhe a sua.

Quando suas mãos se tocaram ela sentiu uma vibração nos dedos e disse a si mesma que gostava dele.

Seu pai lhe havia dito: — Você pode descobrir o caráter de um homem pelo aperto de mão. Há o fraco ou o tipo agressivo que quase esmaga os seus dedos e há, principalmente, os que são tão danadamente convencidos que estendem a mão como se estivessem entregando um presente.

— E qual é o modo certo? — indagara ela.

— Você vai saber quando apertar a mão das pessoas — afirmara o pai.

Ina era bastante pequena quando o pai havia dito isso, mas como achara muito divertido, ela passara a tentar descobrir o caráter das pessoas pelo aperto de mão,

Quando cresceu mais, certificou-se de que aquela primeira impressão era sempre acertada e não lembrava de ter errado uma só vez.

— Soube que esta vai ser a sua primeira festa — estava dizendo o marquês. — Espero que possamos torná-la muito agradável para você.

— Já estou achando muito agradável! — respondeu Ina. — Sua casa é tão maravilhosa que não tenho palavras para descrevê-la.

Pelo tom arrebatado de Ina era claro que estava sendo sincera, e o marquês sorriu.

Então Lucy disse, insistente:

— Conte-me quais os divertimentos que organizou para amanhã.

— Isso vai ser surpresa — respondeu o marquês.

Ina ficou com vontade de saber qual seria a surpresa, mas o tio já a estava levando para outro canto do salão, a fim de apresentá-la para outros convidados.

Havia uma mulher muito atraente que disse algumas palavras agradáveis a ela, e Ina fixara seu nome: sra. Marshall.

Havia outras mulheres que a olharam, percebeu Ina, com surpresa. Depois o tio apresentou-a aos homens.

Eles estavam elegantíssimos com suas camisas brancas, de colarinhos altos, e, notou Ina, todos pareciam ter algo a dizer a seu tio sobre cavalos e as corridas, que, pareceu-lhe, iam ser realizadas na semana seguinte.

Então um homem adiantou-se e disse, em tom um tanto autoritário:

— Boa noite, Wymonde! Espero que me apresente à sua sobrinha. Ela parece a primeira flor da primavera!

— Boa noite, Alteza! — respondeu lorde Wymonde. — Esta é Ina, filha de meu irmão. O senhor deve lembrar-se de Roland.

— A última vez que o vi foi há alguns anos, no Cairo — foi a resposta. — Ele me disse que não estava gostando de lá e que iria embora no dia seguinte.

Ina sorriu. Aquilo era mesmo bem de seu pai.

— Este, Ina — disse o tio —, é o príncipe Ivan Romanouski. Não sei se você era grande o bastante para lembrar de quando esteve com seu pai no Egito...

— Eu me lembro, sim — respondeu Ina. — Acho que estava com uns dez anos. Papai ficou muito aborrecido porque um camelo pisou em dois de seus quadros e comeu suas tintas!

— Isso deve mesmo ter sido um desastre! — disse o príncipe. — Quantas vezes seu pai pintou seu retrato?

— Não tantas quantas poderia... — Riu Ina. — Ele dizia que eu era uma péssima modelo, porque não conseguia ficar quieta.

— Pois eu pensei que artista algum pudesse resistir diante de você. Foi então que Ina percebeu que durante todo o tempo que tinham ficado falando o príncipe lhe segurara a mão, e seu aperto de mão era firme. Quando Ina estava retirando a mão, pensou que não gostaria de apertar a mão dele de novo.

Não que houvesse algo de errado, mas a moça teve a esquisita sensação de que de algum jeito o príncipe estava invadindo seu íntimo.

— Precisamos conversar sobre sua viagem ao Egito — disse o príncipe. — Eu gostaria muito de saber, também, que outras partes do mundo você conheceu.

— Foram muitas partes... — disse Ina, em tom polido.

— Estou preparado para escutar, por muitas que sejam.

A maneira dele falar indicou a Ina que o príncipe poderia ser cansativo, como alguns dos velhos que tinha conhecido num inverno, na Itália, que haviam tentado beijá-la e pediam-lhe que se sentasse nos joelhos deles.

— Deixem a menina sossegada! — dissera seu pai, irritado. — Ela já é muito grande para essas coisas!

Havia um senhor bem entrado em anos que havia insistido em levar-lhe presentes e estava claramente esperando que ela se mostrasse agradecida, até que o pai lhe dissera, com aquele seu jeito impetuoso:

— Eu não agüento mais ficar aqui! Vamos para Nice.

Ina ficara contente por ir embora, porque já estava farta de dizer “não” ao velhote.

Esperou que o príncipe, se bem que fosse pouco provável, não entrasse pelo mesmo caminho.

Ficou contente quando o tio a apresentou a outros homens que apenas lhe disseram algo agradável, depois começaram a falar em cavalos.

— Hoje vai ser apenas uma pequena reunião... — Ina ouviu a marquesa dizer. — Amanhã vamos ter uma banda e umas pessoas do condado, muito agradáveis e simpáticas, virão para jantar. Eu sempre achei que na sexta-feira todos estão cansados e gostam de dormir cedo.

Ina imaginou por que eles estariam cansados, uma vez que nenhuma daquelas pessoas trabalhava ou fazia alguma coisa a não ser se divertir; depois achou que eles deveriam ficar acordados até tarde, dançando, jogando, e que isso deveria ser bastante exaustivo.

Ela estava entrando na sala de jantar quando os demais a alcançaram, e Ina não conseguiu entender mais nada do que estavam dizendo.

Jamais vira tanta magnificência. Havia murais cobrindo as paredes, colunas de mármore rosa, e a mesa, por si só, era um verdadeiro poema.

O marquês sentou-se a uma das cabeceiras, com Lucy à sua direita; a mãe dele sentou-se na outra, com lorde Wymonde à esquerda e o príncipe à direita.

Ina teve a esperança de não ficar perto do príncipe, e de fato, para seu alívio, indicaram-lhe um lugar no meio da mesa, entre um homem chamado Harry Trevelyn de um lado e do outro um rapaz bem jovem que estava entregue a uma conversa, pelo jeito bastante íntima, com a *lady* sentada do outro lado.

A mesa tinha muitas peças de ouro e no centro havia um arranjo de orquídeas muito bonito.

Para Ina a enorme sala parecia um cenário de ópera ou um dos mais magníficos espetáculos de teatro que vira em Paris.

Já estava por comentar isso quando lembrou que Hannah havia dito:

— Seu pai levava a senhora a teatros, mas essa é uma coisa que não vai poder fazer quando estiver morando na Inglaterra.

— Por quê? — indagara Ina.

— Porque jovens *ladies* não devem ver peças teatrais, a não ser de Shakespeare ou de alguém realmente respeitável.

— Então, estou contente por não estar na Inglaterra e ter que ser uma jovem *lady* — concluía Ina.

— Acho que isso não é tão ruim assim — dissera Hannah, em sua voz

impessoal. — Ao mesmo tempo, não sei o que seus parentes diriam se soubessem dessa opinião.

— Por que iriam saber? — perguntara Ina. — E se soubessem, por que iriam se importar?

Agora, percebia que era uma outra coisa que deveria esconder, como dizia seu pai, “debaixo do chapéu”.

— Imagino que esteja impressionada com Chalé — disse o sr. Trevelyn.

— Estou, sim! — respondeu Ina. — É uma casa tão fantástica que eu jamais imaginaria que existisse algo assim, se não estivesse aqui.

— Foi o que pensei, quando vim aqui pela primeira vez — comentou ele.

— O senhor vem sempre aqui? — perguntou Ina. Houve uma pequena pausa, depois ele respondeu:

— Para falar francamente, eu moro aqui.

— Oh, que bom para o senhor!

— Sim, é muito bom. É bom, mesmo, não?

Ele não explicou e Ina imaginou qual seria a posição que ocupava na mansão.

Então esqueceu-se dele, porque estava olhando para o marquês, na cabeceira da mesa, achando que ele mais parecia um rei, na cadeira de espaldar alto, forrado de veludo vermelho. Com uma coroa na cabeça, imaginou ela, ele ficaria igualzinho àqueles reis que vira nas ilustrações de livros de história.

Viu também os brincos da tia faiscarem quando ela se inclinou para falar com ele e pensou que Lucy era tão linda que também parecia ter saído de um conto de fadas.

Como ele é um rei, isso deve agradar-lhe, pensou Ina, e continuou sonhando: em vez da mãe dele, um dia terá que haver uma princesa na outra cabeceira da mesa e este será o palácio em que eles viverão felizes para sempre, depois de ele a ter encontrado ao fim de longa e aventureira procura!

Como o marquês era moreno, a princesa deveria ser loira como tia Lucy, só que mais nova, é claro, e ele deveria resgatá-la, talvez como Perseu, de um dragão do mar ou de uma monstruosa águia que a carregara para seu ninho nas montanhas.

Como tudo lhe parecia tão espetacular, era impossível pensar naquelas pessoas todas como seres humanos comuns, homens e mulheres que

poderiam viver apenas onde viviam e não em quaisquer outros lugares, que estavam acima da pobreza, da fome e da doença.

Talvez este seja o verdadeiro Monte Olimpo, pensou Ina, e esta gente são deuses e deusas.

Sem perceber, estava com os olhos fixos no marquês, olhando sem ver. Como se seu olhar chamasse a atenção dele, de repente Ina percebeu que ele a olhava e, por um momento, foi como se falassem um com outro através da extensão da mesa.

Por instantes só os olhos escuros dele existiram. Tudo o mais desapareceu. Então, Lucy solicitou a atenção dele e Ina notou que o sr. Trevelyn estava fazendo a mesma pergunta a ela pela terceira vez.

Depois do jantar os cavalheiros levaram as senhoras para outro salão ainda mais bonito do que o salão onde tinham ficado antes do jantar.

Havia mesas de jogo arrumadas num dos lados, mas todos pareciam preferir conversar.

Como ninguém estava prestando atenção a ela, Ina movimentou-se, com a leveza que só ela mesma tinha, na direção de mesinhas com bibelôs, que estavam num nicho, de um lado do salão.

Como tinha visto mesinhas daquelas em Paris, sabia que eram francesas. Encantada, notou que tinham caixinhas de rape cravejadas de brilhantes e outras pedras preciosas, miniaturas em delicadas e estranhas molduras laqueadas, minúsculas esculturas em madrepérola, pequenos objetos de coral, de jade e cristal que reconheceu como muito antigos, raros e valiosos.

Estava olhando as peças, imaginando se poderia abrir a vitrina de cristal e pegá-las, quando percebeu que havia alguém a seu lado. Ergueu os olhos e viu o marquês ali, de pé.

— Está admirando meus tesouros — disse ele.

— São lindíssimos — respondeu Ina. — E finos, como não vi nenhum até agora.

— Ouvi dizer que você viajou muito e, portanto, isso que disse é um cumprimento... — comentou ele.

— Se quiser encarar assim... — replicou Ina. — Mas eu estava pensando, agora há pouco, que só um poema poderia descrever esta casa e tudo que há dentro dela.

— Que poema? — indagou o marquês.

— Kublai Khan erigiu um grandioso palácio de prazeres em Xana-du. .

— falou Ina e o marquês sorriu.

— Isso é um grande elogio. Acha que eu me pareço com Kublai Khan? Era com ele que estava me comparando, durante o jantar?

— Não. No jantar eu achei que o senhor parecia um rei — disse Ina, com simplicidade.

— Sabendo dos problemas e aborrecimentos da maioria dos reis — respondeu o marquês —, devo dizer, sinceramente, que estou muito feliz por não ser um deles.

— Mas o seu reinado seria um conto de fadas, sem nenhum dos problemas do mundo — explicou Ina —, e sem revoluções, claro!

— Nesse caso — riu o marquês —, estou perfeitamente de acordo em aceitar a coroa!

— Depois — continuou Ina —, eu estava pensando que, afinal, esta mansão e as pessoas que estão aqui bem que poderiam ser o Olimpo e seus deuses.

— Não deixa de ser uma idéia... — concordou o marquês. — Mas acho que sabe, se leu sobre mitologia grega, que até mesmo os deuses têm seus problemas, dificuldades, dramas e tragédias.

— É verdade — disse Ina —, senão eles não teriam nada para fazer e logo iriam ficar enjoados de tanto comer ambrosia e beber néctar.

Nesse momento, de repente, Ina imaginou se a expressão que vira no rosto do marquês, a certo momento durante o jantar, não seria, justamente, de enfado, de aborrecimento.

Talvez essas não fossem bem as palavras exatas, mas ele agia como se tudo aquilo que estava acontecendo fosse algo mais do que familiar, que não apresentasse nenhuma atração e novidade, que não tivesse espontaneidade alguma, nem causasse a menor excitação.

Foi como se repentinamente ela houvesse resolvido um problema do qual não tinha consciência, mas que estivera o tempo todo escondido num cantinho de seu cérebro.

— No que está pensando? — indagou o marquês.

Como estava vivendo num país de sonhos, Ina respondeu com a maior franqueza:

— Eu acabo de descobrir, como a fada malvada no dia do batismo da princesinha, o que falta na vida do senhor.

— Sim? O que é?

— Entusiasmo! — disse ela. — Entusiasmado, excitação causados pelo

desconhecido, pelo inesperado.

Depois de ter falado do modo espontâneo e franco que teria falado com seu pai, Ina ficou imaginando se não havia cometido um erro.

O marquês estava olhando para ela de um jeito que a moça não tinha certeza se era de surpresa ou de indignação.

— Eu... eu sinto muito... Não devia ter sido tão... tão crítica ... — começou a dizer, hesitante, mas nesse momento Lucy chegou perto deles.

— Quanta gentileza sua dar atenção a Ina! — disse ela. — Mas tenho a esperança de que venha comigo, para jogar bazar. Harry está arrumando a mesa e todos querem jogar.

— Pois não — concordou o marquês. — Só que imagino que sua sobrinha não se interesse por um jogo de azar...

— Minha sobrinha, não — replicou Lucy. — Sobrinha de George. Claro que ela é criança demais para jogar.

Deslizou o braço pelo do marquês e levou-o embora, enquanto Ina perguntava a si mesma como pudera ser tão estúpida a ponto de revelar seus pensamentos.

Foi grosseiro da minha parte e o pior é que o marquês pode pensar que sou uma idiota... disse a si mesma.

Ela se deixara levar pela fantasia e compreendeu que se o que havia dito tivesse sido em francês ou italiano, não soaria tão cru.

Cometi um erro, pensou, e, se bem que papai pudesse rir de uma coisa assim, esta gente não deve achar isso nada engraçado.

Por se sentir embaraçada e toda a excitação ter desaparecido de repente, Ina resolveu ir se deitar.

Sabia que a tia não queria saber dela e quando olhou para o tio viu que estava perto das mesas de jogo, conversando com a bonita sra. Marshall.

Vou para cama ler um pouco, decidiu Ina. Amanhã, se tiver oportunidade, peço desculpas ao marquês, mas acho que ele nem vai lembrar o que eu disse.

Encaminhou-se para a porta e já quase a havia alcançado quando uma voz a interpelou:

— Para onde está indo, linda *lady*?

Era o príncipe, e Ina teve certeza de que o olhar dele era do tipo que não gostava de ver.

— Vou me deitar, Alteza — respondeu ela. — Boa noite.

Ele estendeu uma das mãos para ela e começou a dizer alguma coisa.

Mas tão depressa que ele não pôde impedir, ela abriu a porta e deslizou para fora do salão.

Correu através do hall de mármore e começou a subir a escada de corrimão de cristal e metal dourado.

Já estava quase no primeiro andar quando olhou para baixo e viu o príncipe sair do salão. Teve certeza de que estava procurando por ela.

Não esperou mais nada. Correu pelos corredores, em direção à ala oeste, e entrou em seu quarto, com sensação de grande alívio.

Quando Hannah sugerira que poderia esperar que ela viesse deitar-se, tinha rido.

— Provavelmente eu só venho me deitar depois das dez — dissera Ina. — Sei muito bem que você se diverte contando suas aventuras de viagens para os colegas, Hannah.

— Os daqui não se interessam — respondera Hannah. — Tudo o que querem é falar sobre o príncipe de Gales! Conhecemos pessoas muito esquisitas, srta. Ina, mas nenhuma como o príncipe de Gales!

— Acho que conhecemos um ou dois sultões e mais aquele bandoleiro que papai insistiu em pintar. Será que eles não valem do mesmo jeito? — indagara Ina.

— Claro que não! — exclamou Hannah. — E se existe algum homem por quem eu não daria nem sequer uma moeda de quatro *Pence* é ele!

— Eles podem ter conhecido príncipes, rainhas, talvez — comentara Ina —, mas você fez coisas que nenhum deles pode fazer, viu lugares que nenhum deles vai ver, Hannah. Lembra quando fomos atacados por aqueles ladrões, no deserto? E quando ficamos perdidos naquela região estranha, distante, da Albânia, e tivemos que passar a noite numa caverna que cheirava a lobos?

— Não gosto nem de lembrar essas coisas, srta. Ina. Só gosto de pensar nos tempos em que tínhamos uma casinha bonita, fácil de cuidar, quando podíamos apanhar frutas das árvores, sem precisar comprá-las.

Ina se lembrara de sua mãe e dera um profundo suspiro.

— Eu sempre me lembro daquela figueira, em Chipre — dissera. — Eu tinha esperado tanto, tinha ficado vigiando os figos nascerem, depois, quando eles estavam quase bons para comer, papai nos levou embora de lá.

— A senhora pode comer quantos figos quiser aqui, sem precisar ficar triste por aqueles que perdeu... — retrucara Hannah. — Além disso, tem pêssegos, uvas e qualquer outra fruta que queira.

— É, mas não posso colher essas frutas eu mesma — replicara Ina. Agora, olhando a camisola estendida sobre a cama e as velas acesas sobre a penteadeira, Ina teve certeza de que Hannah estava se divertindo lá embaixo, como jamais pudera se divertir por anos e anos.

Hannah vai gostar de Chalé à maneira dela, como eu gosto à minha maneira, pensou.

Pouco depois estava pensando no marquês e desejando não ter sido tão boba a ponto de dizer o que pensava.

Nessa mesma noite, mais tarde, o marquês estava falando sobre ela, mas não com Lucy.

Era inteligente mais do que o bastante para perceber que Ina não era tema agradável de conversa para a tia.

Depois que as senhoras se retiraram para seus quartos e os homens tomavam a última dose da noite, ele disse a lorde Wymonde:

— Fale-me sobre sua sobrinha, George. Ela é adorável, se bem que de uma originalidade surpreendente.

— Assim que eu a vi — replicou lorde Wymonde —, pensei em que era bem típico de Roland ter uma filha assim, que passou a vida absorvendo belezas para produzir algo muito atraente.

O marquês concordou com um aceno de cabeça e comentou:

— Ela é inteligente, também.

— Também acho — confirmou lorde Wymonde. — Mas suponho que viajar por tantos lugares estranhos, conhecer todo tipo de gente extraordinária, deve ter dado a Ina uma educação muito diferente da que dão a uma moça que cursa finíssima escola onde não aprende nada a não ser como agarrar um marido!

— Eu acho que vocês não vão ter nenhuma dificuldade em encontrar um marido para sua sobrinha... — observou o marquês.

— Isso é tarefa de Lucy — respondeu lorde Wymonde —, e ela não quer ser companheira da menina... parece que está ansiosa por se ver livre dela o mais depressa possível.

Antes que o marquês pudesse dizer alguma coisa, o príncipe aproximou-se deles.

— Ouvi que estão falando daquela fascinante, atraente criança que você trouxe — disse, dirigindo-se a lorde Wymonde.

— Ela já está com dezoito anos — esclareceu lorde Wymonde. Ele não sabia muito a respeito do príncipe, a não ser que era muito popular entre as

mulheres. Era riquíssimo e um tanto misterioso.

Passava três quartos do ano na Europa e três meses na Rússia, para receber os dividendos da produção de suas vastas propriedades por lá.

Para lorde Wymonde o príncipe era um homem que fugia de toda e qualquer responsabilidade e, na opinião dele, perdia muito tempo vivendo de modo dissoluto e fazendo amor com as mulheres dos outros.

— Ela é uma jóia e vai ver quantos homens vão se interessar em possuí-la — estava dizendo o príncipe.

Lorde Wymonde percebeu, com certo mal-estar, que ele estava falando de Ina.

— Ela ainda é muito moça — disse, suavemente. — Moça demais para estar numa festa como esta, mas não havia outro lugar para minha sobrinha ficar. Espero que Vossa Alteza não a lisonjeie demais. Não quero que Ina fique com a cabeça virada antes de ter visto um pouco mais do mundo.

— Talvez você tenha alguma razão, George — disse o marquês, sorrindo. — Mas quando ela estava com o pai viu um mundo muito diferente do nosso e adquiriu uma experiência que acho intrigante.

— Certamente foi um mundo que você nunca viu... — concordou lorde Wymonde.

Ao dizer isso, lembrou-se dos cortiços de Roma e do modelo, meio italiano, meio mourisco, que seu irmão estava pintando quando fora visitá-lo.

Então ficou surpreso ao ouvir o marquês dizer, com inusitada seriedade na voz:

— E talvez seja algo que eu tenha perdido. ..

Poucos minutos mais tarde lorde Wymonde foi para seu quarto.

Sabia que se demorasse mais Lucy iria acusá-lo de tê-la acordado ao entrar no quarto e isso significaria que iriam passar parte da noite discutindo sobre o assunto.

Decidiu que seria melhor não a acordar, se ela estivesse dormindo, e, para isso, passaria a noite no quarto de vestir, como já tinha feito muitas vezes antes.

Quando entrou, silenciosamente, no *boudoir*, viu que havia luz no quarto, filtrando-se por baixo da porta. Abriu-a ansioso e viu que ela ainda não tinha se deitado. Estava sentada à penteadeira, examinando o rosto.

— É você, George? — perguntou.

— Sim, querida. Vim me deitar.

— Já era tempo — comentou ela, automaticamente. — Eu ia ficar

furiosa se você me acordasse.

— Jamais iria fazer isso... Dormiria no meu quarto de vestir.

— Bem, acho que, de qualquer jeito, essa é uma boa idéia. Eu quero dormir até mais tarde, amanhã, para estar em perfeito estado para a festa, à noite.

— Está bem, querida — concordou lorde Wymonde.

Houve uma pausa durante a qual ambos pensaram no que iriam dizer em seguida. Afinal, Lucy observou:

— Amanhã você precisa falar com a sua sobrinha para não ficar importunando o marquês. Eu nem quero imaginar o que Alice pode estar pensando do jeito que ela encurralou o marquês no nicho, esta noite, em vez de deixá-lo atender aos seus convidados.

— Imagino que esteja dizendo isso só por si mesma — disse lorde Wymonde.

Pelo modo como ele falou, Lucy percebeu que tinha sido loucura atacar Ina. Devia ter desconfiado que o marido sairia em defesa da moça.

Ficara furiosa quando olhara em redor e vira Ina e o marquês conversando no nicho. Não apenas estavam sozinhos, como também o marquês parecia muito interessado no que ela estava falando.

Ele está apenas sendo bem-educado, dissera Lucy a si mesma.

Ao mesmo tempo, tivera uma aguda noção de quanto Ina parecia jovem e, se bem que jamais fosse admitir isso, extremamente bonita com aquele vestido branco.

Foi um erro terrível trazê-la para cá!, pensara Lucy.

Enquanto subia a escada, Lucy estudara uma maneira de afastar Ina do marquês.

Como estava preocupada com isso, arriscou-se a provocar a zanga de George de novo ao dizer:

— Alice me disse que amanhã alguns jovens encantadores vêm jantar aqui e eu a convenci a localizar sua sobrinha perto do melhor partido do condado. Tenho certeza que Ina vai gostar disso e que você vai se sentir contente.

— Eu quero que Ina se divirta — disse lorde Wymonde, em tom obstinado.

— Claro, George. Faz parte do seu bom coração, de sua generosa natureza, preocupar-se com uma menina que, pelo que já vi, é muito capaz de cuidar de si mesma.

Com uma percepção que desconhecia até então, lorde Wymonde notara que todos os homens que olhavam para Ina tinham vontade de protegê-la e acreditou, certo ou erradamente, que ela ficaria indefesa sem o apoio dele.

Sabia que esse era o tipo de coisa que não podia dizer à sua mulher. Aproximou-se dela, apoiando-lhe uma das mãos num ombro.

— Boa noite, querida! Durma bem! Vou tentar não incomodar você quando me levantar, amanhã cedo.

— Obrigada, George. Você é sempre tão atencioso... — respondeu Lucy.

Beijou o rosto da esposa e, então, percebeu a exótica fragrância que emanava dela, assim como a suavidade de sua pele. Apertou-lhe o ombro, enquanto dizia com voz rouca:

— Você estava tão linda esta noite, querida. Senti muito, muito orgulho de você.

Quis beijá-la de novo, mas Lucy desviou-se, rápida.

— Estou cansada, George — disse. — Estou me desfazendo de fadiga!

Por instantes, lorde Wymonde ficou parado. Depois, deixou a mão cair ao longo do corpo, voltou-se e atravessou o quarto, passando pelo enorme leito com quatro colunas, no qual sedutoras cortinas de cetim punham sombras secretas e insinuantes. Abriu a porta do quarto de vestir e só então parou e olhou para trás. Sua mulher estava de novo examinando o rosto ao espelho. Ele suspirou de leve e entrou no quarto de vestir.

CAPÍTULO IV

Cavalgando um de seus mais excepcionais cavalos pelo parque, o marquês pensou que não havia nada mais encantador do que a primavera na Inglaterra.

Imediatamente reconheceu que aquele não era um pensamento original e que uma porção de pessoas, inclusive lorde Byron, tinha dito isso antes dele, mas era difícil não apreciar os narcisos que formavam um tapete de ouro sob as árvores ou aquela sensação de que tudo era novo e jovem.

Pensou em Ina e em quantas pessoas tinham dito, no baile da noite anterior, como era atraente.

Aquilo o deixara cismado, pois ela deveria ter se eclipsado quando três das mais lindas e sofisticadas mulheres de Londres estavam na festa.

Principalmente Lucy estivera soberba e sua tiara de turquesas e diamantes parecia a réplica do azul de seus olhos, que cintilavam quando o marquês se aproximava.

Quando tinham dançado ele percebera que Lucy estava perturbada por estarem tão perto e sentira-se lisonjeado pelo fato de aquela mulher, que na intimidade era conhecida como *iceberg*, entre seus companheiros de clube, estar evidentemente excitada por ele.

Sempre supusera que os homens eram calados e discretos, enquanto as mulheres eram faladoras. Mas uma mulher como Lucy, dona de tanta beleza, tinha que ser comentada.

Desde que o marquês podia se lembrar, quando os homens conversavam sobre ela entre si descreviam-na como “linda, mas uma geleira”.

Em geral acrescentavam algo um tanto indiscreto, revelando sua preferência por mulheres mais sensíveis, e apesar de o marquês não ter feito nenhum comentário, fora-lhe impossível não lembrar o que tinha sido dito.

Na noite anterior, ao olhar dentro dos olhos azuis de Lucy, ele compreendera que ela estava pronta para ser dele, sendo apenas uma questão de oportunidade, agora.

No entanto, ele era um homem bastante sensível e consciente de sua posição como anfitrião para dançar com Lucy tantas vezes quantas fosse possível sem faltar com o dever de dançar com outras senhoras presentes.

Como ele dissera, as pessoas mais divertidas e simpáticas do condado

tinham sido convidadas. Seis haviam chegado para o jantar e outras seis tinham chegado depois do jantar, das casas na vizinhança.

Como o marquês organizara aquela festa para agradar a Lucy, não havia moças, mas apenas alguns rapazes solteiros, a fim de se encarregarem das senhoras que não tinham vontade de dançar com seus maridos.

Lucy vira que Ina tinha uma porção de cavalheiros à disposição e percebera que George estava mais sossegado, achando que as coisas iam bem, como também isso ajudava a distrair a atenção da moça pelo marquês.

De fato, ele só dançara com ela bem tarde da noite, quando alguns convidados já haviam ido embora.

Como ele esperava, ela estava luminosa como um cardo e, apesar da madrugada avançada, borbulhava de vibrante vitalidade, o que ele achava atraente.

— Está se divertindo? — perguntara ele.

— É maravilhoso! — exclamara ela. — Meu primeiro baile na Inglaterra e não posso contar a papai...

— Você acha que ele iria gostar? — indagara o marquês. Falara um tanto cinicamente, sabendo, não apenas por Lucy, mas também por outras pessoas, o quanto Roland Monde desprezara a alta sociedade e tudo que dizia respeito a ela.

Ina entendera o que ele quisera dizer e respondera:

— Papai não iria gostar, pessoalmente. Mas gostava que eu tivesse novas experiências, quaisquer que elas fossem, e, sem dúvida, isto é uma coisa realmente nova.

— Até parece — comentara o marquês — que você conhece muitos tipos diferentes de dança.

Ina rira e dissera: — E isso é verdade. Mas não acho que possa falar a respeito com o senhor. Iria ficar chocado.

— Acho isso pouco provável, mas arrisque-se e fale.

Ina hesitara, e como se soubesse o que ela estava pensando, ele dissera:

— Qualquer coisa que me diga, é claro, será encarado como uma confidencia. Não vou contar a ninguém.

Ambos tinham absoluta consciência de que ninguém ali sabia qualquer coisa do passado de Ina. Então, ele insistira, com simplicidade:

— Vamos, conte para mim. Ina sorria para ele.

— Está bem, mas eu avisei! As danças e dançarinos que vi não são considerados adequados para uma jovem *lady*.

Ela acentuara a palavra “lady” com um tom de voz que o fizera rir, depois continuara:

— Papai me levou para ver as danças dos dervixes, quando estávamos na Argélia.

— Isso é mesmo espantoso! — concordara o marquês. — Eu gostaria muito de vê-las, também.

Ele sabia que os dervixes eram os mais fantásticos e exóticos dançarinos de toda a África.

Tinham a fraternidade Muslim e a dança dos dervixes induzia a um transe hipnótico durante o qual eles berravam, rodopiavam e se cortavam com facas, sem sentir a menor dor.

O marquês conhecera homens que haviam assistido a tal espetáculo, mas nunca pensara que era possível uma *lady*, principalmente jovem como Ina, estar presente a ele.

— Falamos que eu poderia me sentir chocado — dissera, em voz alta. — E você?

— Papai já havia me contado e explicado tudo antes — respondera Ina. — Ele me disse que essas coisas são chocantes só quando deliberadamente coagidas, vulgares e induzidas sem os melhores instintos das pessoas que as realizam.

Olhara para o marquês a fim de ver se ele havia entendido, depois continuara:

— Os dervixes dedicam-se às suas danças. Para eles isso é religião e as pessoas que observam interpretam de uma outra maneira porque têm padrões diferentes, o que não é culpa dos dançarinos.

O marquês achara que aquela era uma explanação sobre primitivas cerimônias como nunca ouvira antes. Então, quando ele estava pensando em pedir a Ina que contasse mais, a música terminara e tinham visto que Lucy estava ao lado deles.

— Ina, querida — dissera ela, num tom de voz melado que nada tinha de sincero —, Sua Alteza está esperando para a última dança, a dança do boa-noite, com você. Depois, acho que você deve ir se deitar. Não quero que perca seu sono de beleza.

Ina vira a expressão dos olhos do príncipe e sentira que não iria suportar que ele tocasse nela.

— Tem razão, tia Lucy — dissera, depressa. — Já é tarde e eu estou cansadíssima. Espero que Vossa Alteza me perdoe por eu não dançar mais.

Vira que o príncipe ia protestar e antes que Lucy pudesse responder, correria para lorde Wymonde, atravessando o salão.

Depois de beijar o tio, de dar-lhe boa-noite, ela desaparecera do salão de baile.

— Sinto muito, desculpe, Alteza — dissera Lucy ao príncipe.

— Tão jovem e tão encantadoramente evasiva! — murmurara ele. Lucy não tivera muita certeza do que o príncipe quisera dizer com isso, mas também não estava muito interessada em descobrir.

Já estava estendendo os braços para o marquês e quando a música recomeçara eles tinham saído dançando.

Ele tivera a vaga sensação de que ela se apertava mais contra ele, como se o estivesse provocando, desafiando. Imaginara se deveria convidá-la para ir conhecer a sala de música, mas achara que isso era muito óbvio.

Além disso, ele tivera a desconfortável sensação, se bem que não soubesse exatamente por quê, de que George Wymonde o olhava de modo um tanto hostil.

Eu não fiz nada de errado, pensara, como se estivesse sendo injustamente acusado, mas o rosto de Lucy roçando o dele era muito revelador.

Cavalgando através do parque, pensava no plano que fizera para divertir seus convidados naquela tarde. No dia seguinte iria haver uma corrida de cavalos local e na terça-feira eles voltariam para Londres.

Era, pensou o marquês de repente, o tipo de programa que podia ser repetido ano após ano, apenas com modificações em pouquíssimos itens, de acordo com a estação do momento.

No inverno fazia-se tiro ao alvo no sábado, dança à noite; uma outra boa disputa de tiro na segunda-feira e, claro, todas as noites jantar e baile, sempre com as mesmas pessoas.

Quando fazia muito calor, em julho, às vezes podiam fazer piqueniques em Folly, o casarão construído por seu avô, que se encontrava flo ponto mais alto do governo.

Podiam visitar, de carruagem ou a cavalo, as ruínas de Abbey que tinham a reputação de serem enfeitçadas.

Não havia nada de novo nisso tudo mas, realmente, pensou o marquês, também nada havia a fazer a não ser seguir tais programas no fim do ano e no ano seguinte. Atravessou uma das pontes que passava por cima do lago.

Encontrava-se no jardim que se estendia à frente da mansão e que

tinha sido aumentado por cada um dos donos de Chalé, como se eles tivessem alguma rivalidade com o jardim de Kew.

Perto do lago seu avô tinha plantado dois acres de amendoeiras. Podia perceber-lhes as flores rosa e brancas enquanto cavalgava na direção delas e não acreditava que houvesse algo mais lindo no mundo.

Então, quando alcançou a primeira fila de amendoeiras, parou o cavalo para admirar o panorama e fitou a infinidade de lilases floridos no jardim, percebeu que não estava só naquele paraíso de flores.

Alguém de branco estava andando entre as árvores. O marquês reconheceu Ina e imaginou o que ela estaria fazendo ali.

Observou melhor por entre os galhos floridos das árvores e percebeu que a moça estava dançando.

Era tão flexível e graciosa que parecia uma flor caída das árvores, a encarnação mesma da primavera.

Por instantes o marquês ficou em dúvida: seria uma visão real ou um produto da sua imaginação?

Ela estava vestida de cor-de-rosa e tinha o rosto erguido para as árvores.

Tinha os braços nus e movimentava-os como uma bailarina faria, com a mesma beleza e poesia de movimentos, parecendo parte das vibrações que davam impressão de sair de seu coração.

Seus pés mal pareciam tocar no solo quando ela dançava, girando, ao redor dos troncos das árvores, sacudindo os cabelos soltos e, sem saber, aproximando-se cada vez mais do lugar onde o marquês estava.

Então, antes que chegasse junto dele, a dança que parecia acompanhar uma música que só ela estava ouvindo chegou ao fim.

Ina sentou-se no chão, encostada ao tronco de uma amendoeira.

O marquês pôde ver claramente que ela estava sorrindo e quando uma pétala de flor caiu, roçando-lhe o rosto, ela ergueu as mãos, com as palmas para cima, a fim de pegar outras que vinham caindo.

O marquês desmontou, passou as rédeas por cima do pescoço do cavalo e deixou-o livre, sabendo que por ali havia muito capim para comer, portanto ele não se afastaria.

Então, encaminhou-se para Ina, que estava olhando para cima, através dos galhos floridos da árvore, que deixava ver retalhos do céu profundamente azul, e só percebeu a presença dele quando o marquês parou junto dela.

Aí, como se voltasse para a Terra, vindo de um mundo mágico, Ina olhou para ele, um tanto confusa, e não disse nada. O marquês sentou-se na grama ao lado dela, com as botas de canos altos brilhando ao sol.

— Na noite de sexta-feira — falou ele, com voz profunda —, você disse que eu parecia Kublai Khan. Agora, tenho alguns versos a acrescentar àqueles que descrevem meu “grandioso palácio de prazeres”.

Ina sorriu e ele pensou que a pele dela deveria ter a mesma suavidade das pétalas que haviam caído em suas mãos.

Não esperou que ela dissesse algo e declamou:

“Milhares de pétalas fragrantas caem Sobre uma ninfa, um espírito, cuja dança leva Meu coração do inferno ao paraíso, Quando me lembro”.

Ina deu um gritinho e bateu palmas.

— Que lindo! O senhor é poeta!

— Você fez esses versos nascer em mim — replicou o marquês. — Mas não tive tempo de dar uma burilada neles.

— São perfeitos do jeito que estão — disse ela. — Já fez poesia antes?

— Há muito tempo, quando estava em Oxford — confessou o marquês. — Achei que seria um outro lorde Byron, mas a minha chance de me tornar famoso ainda não apareceu.

— Isso não importa — disse Ina. — A gente escreve o que sente, o que tem para dizer, e é isso que importa.

Percebeu que ele não entendera e explicou:

— Papai nunca tentou vender seus quadros, nem quis expô-los. Ele pintava porque sentia que o que vira tinha que ser registrado e sempre dizia que estava fazendo o tempo parar por um minuto, na eternidade.

— Eu jamais senti isso, desde que saí de Oxford e fiquei muito ocupado me movimentando no mundo social... — Sorriu o marquês.

— Não acredito que isso seja verdade — replicou Ina.

— O que quer dizer com isso?

— Eu acho que se o senhor tem poesia dentro de si, sente isso e tem necessidade de se expressar. Esse dom não vai magoá-lo e o mundo em que vive talvez ofereça alguma coisa de importante.

O marquês encarou-a com surpresa, mas ela estava de novo olhando para os galhos floridos, lá em cima.

Soprava uma delicada brisa e estavam caindo outras pétalas, de novo. Elas acumulavam-se nos cabelos, nos ombros de Ina, e o marquês compreendeu que a figura da moça só poderia ser descrita em poesia.

Ela deve ter adivinhado o que ele estava pensando, pois disse, baixinho:

— Agora mesmo palavras lindas estão se formando em sua cabeça e não posso acreditar que outras, muitas vezes em sua vida, surgiram, mas o senhor não as escreveu. Então, elas desapareceram como haviam surgido.

— Está querendo me obrigar a trabalhar? — perguntou o marquês.

— Eu acho que o senhor perdeu oportunidades que nunca mais hão de voltar.

Agora o marquês estava atônito. Como é que aquela menina podia dizer que ele perdera oportunidades quando ele ocupava uma posição admirável no condado, na corte e, claro, na alta sociedade, de tal modo que ouvia cumprimentos e elogios não apenas das mulheres, mas também de homens muito mais velhos do que ele?

Estava pensando em como poderia explicar isto a Ina, demonstrando que ela estava completamente errada, quando ela disse:

— Eu acho que, talvez, o senhor tenha saído de seu caminho porque foi muito complacente e, agora, sua vida perdeu todo o encanto, a excitação da surpresa.

— É claro que não vou concordar com isso! — disse o marquês, de modo cortante.

Então, percebeu que Ina não o estava escutando. Parecia estar procurando um retalho mental dentro de si, ou melhor, dentro dele, de maneira tão concentrada que o marquês sentiu como se ela estivesse olhando seu passado com uma profunda percepção que poderia, quem sabe, ser chamada de clarividência.

— Até mesmo as coisas mais perfeitas e mais lindas podem se tornar familiares demais — disse ela, suavemente. — É por isso que uma pessoa pode até escalar montanhas, tanto real quanto metaforicamente. Quando se chega ao topo, encontra-se uma outra ou, como papai dizia, um outro horizonte, e por trás deste um outro, depois outro.

— Você acha, mesmo, que toda essa procura poderia me fazer feliz? — perguntou o marquês.

— Acho que o senhor poderia se encontrar — respondeu Ina.

O marquês sentiu como se ela o tivesse aprisionado num encantamento e por se sentir nervoso com o que Ina estava fazendo com ele, disse de modo irônico:

— Você fala como se estivesse olhando uma bola de cristal ou como se

estivesse lendo meu futuro nas cartas de um baralho.

Ina pareceu não notar o jeito agressivo de ele falar. Respondeu, com simplicidade:

— Acho que de certa maneira o senhor tem razão. É isso que estou fazendo. Mas não preciso de nenhuma bola de cristal, nem de qualquer outro modo mágico.

— Então, do que você precisa?

Ela voltou-se para ele, sorrindo, e o marquês teve a impressão de que a luz do sol estava aprisionada nos olhos dela.

— Papai fez os quadros dele, o senhor tem sua poesia, assim como eu só tenho um modo para expressar o que sinto e penso.

— E qual é ele?

— Acho que talvez seja melhor deixar que o senhor adivinhe, porque tenho a sensação de que seu instinto anda um pouco enferrujado.

Agora Ina ria abertamente para ele, o que era uma nova experiência para o marquês. Ao mesmo tempo, ele achou que a covinha que se formava no queixo dava aos lábios de Ina uma expressão travessa e maliciosa que não existia antes.

Disse a si mesmo que aquilo era uma brincadeira de criança, que poderia brincar. Pensou por um momento, depois disse:

— Você é musical. Quando estava dançando, agora há pouco, tive impressão de que ouvia música vinda das esferas.

— É isso mesmo — disse Ina, sem demonstrar nenhum embaraço. — Mas música não é o modo de eu me expressar.

— Então, qual é? — perguntou o marquês. — Diga-me. Ela hesitou e ele disse, depressa:

— O mesmo trato da outra noite: tudo que me disser será segredo, não será repetido a ninguém.

— Era isso que eu queria que o senhor dissesse.

— Acho que eu estava usando meu instinto.

— Ou, então, lendo meus pensamentos.

— Essa é uma coisa que eu vou, mesmo, tentar fazer — respondeu ele. — Mas, agora, dê-me a resposta do seu enigma.

— O modo como me expresso é realmente muito esquisito — disse Ina —, e talvez tenha sido um pouco de exagero esperar que o senhor o adivinhasse.

Calou-se por momentos, depois disse:

— Eu não sei pintar como papai, mas tentei desenhar e achei que seria interessante fazer as figuras dos diferentes tipos que vi e conheci em minhas andanças pelo mundo.

— Eu gostaria de ver seus desenhos, se quiser me mostrar.

— O senhor pode ficar ofendido.

— Por quê? — perguntou ele.

— Porque quando desenho pessoas, meu lápis, de um jeito estranho que não consigo controlar conscientemente, retrata não apenas o caráter como também o que quer que elas sejam ou deveriam ser.

Ina fez um gesto com as mãos, depois continuou:

— É muito difícil explicar, mas quando desenei um chefe árabe ele esperava que eu o apresentasse em toda a sua glória tribal. Mas quando o desenho ficou pronto era o de um homem totalmente nu, erguendo suas armas para o céu, como se estivesse pedindo ajuda.

O marquês ouvia, com espanto. Depois perguntou:

— Você me desenhou? Ina fez que sim.

— E como foi que seu lápis me mostrou?

— Talvez eu não devesse dizer, mas acho que depois do que o senhor disse, vai entender.

— Vou tentar entender, sim, por pior que seja — respondeu o marquês.

— Eu acho que queria desenhar o senhor como um rei, como pensei da primeira vez. Talvez como Kublai Khan.

— E eu saí como um mendigo? — perguntou o marquês, com uma inequívoca nota de sarcasmo na voz.

Ina fez que não com a cabeça.

— Não — murmurou. — O senhor era um peregrino sentado na beira da estrada, com as montanhas que havia atravessado atrás, ao longe.

Houve um silêncio. Então o marquês perguntou:

— Está me dizendo a verdade?

Ina não abriu a boca para responder. Simplesmente virou a cabeça olhou para ele e o marquês viu a resposta nos olhos dela. — Você não podia saber que íamos ter esta conversa — disse ele.

— Eu não tinha a menor idéia de que o senhor podia escrever poesias — retrucou Ina. — Na verdade, senti profunda admiração pelo senhor como parte de Chale e o que desenei não me surpreendeu menos do que ao senhor.

— Estou, mesmo, muito surpreendido — disse o marquês, indignado. — Se me desenhou como um peregrino, então o que eu estava procurando? O que eu estava tentando encontrar?

Enquanto falava, ele pensava em Chalé, em suas grandes propriedades e, mais uma vez, em sua inabalável posição na alta sociedade.

— Para falar a verdade — disse Ina, baixinho —, é muito fácil responder a isto. Todos nós estamos procurando por isso, até mesmo no mais íntimo de nós... Felicidade.

Como se as palavras e o modo como ela falou tivessem atingindo o marquês, ele sentiu que precisava quebrar o encanto que, pensou alarmado, Ina tinha lançado sobre ele.

Queria ir embora. Queria fugir de todos os pensamentos que ela fizera nascer dentro dele e que tinham surgido sem seu próprio consentimento ou complacência. Levantou-se.

— Está ficando tarde — disse ele — e, francamente, estou sentindo fome.

Ela não respondeu e ele afastou-se de Ina. Voltou-se e viu que a moça estava de novo olhando para o céu.

Teve a sensação de que ela o havia esquecido.

Quis perguntar-lhe se ela iria voltar para casa, mas a pergunta lhe pareceu tão sem sentido que não disse nada e foi para junto de seu cavalo. Montou-o e começou a ir embora, olhando mais uma vez para Ina.

Ela estava onde a havia deixado, mas ele não teria a menor surpresa se ela tivesse desaparecido e se toda aquela conversa entre os dois tivesse sido imaginada por ele.

— Diabo! — resmungou, de modo irritado. — Ela é imprevisível demais para uma moça de sua idade!

Estava voltando para a companhia sadia de um prosaico café da manhã inglês e a conversa sobre cavalos com seus convidados do sexo masculino.

— Tudo aquilo não passou de um amontoado de coisas sem sentido! — disse, sombrio.

Mas quando estava dizendo isso, sabia que era uma mentira.

Lorde Wymonde entrou no quarto da esposa quando ela estava sentada na cama, tomando o café da manhã.

Usava uma touca sobre os cabelos loiros, um penteador com fitas e laços de veludo. Estava fascinante.

Não sorriu para o marido porque, como vivia dizendo, o café da manhã era a única refeição que tomava sozinha e gostava de ficar em paz nesses momentos.

— O que é, George? — perguntou ela, em tom alterado.

— Você vai se aborrecer, minha querida — respondeu lorde Wymonde —, mas recebi uma carta de lorde Marlow mais ou menos exigindo que eu esteja presente, esta noite, no jantar que ele vai oferecer ao presidente do Jockey Clube.

— Esta noite? — indagou Lucy.

— Isso quer dizer que temos de sair daqui logo depois do chá.

— Temos? — repetiu Lucy, com a voz subindo de tom a cada sílaba.

— Naturalmente, você também está convidada, minha querida.

— Eu não tenho intenção de aceitar o convite de lorde Marlow e considero um insulto sermos convidados à última hora.

Lorde Wymonde relanceou os olhos pela carta que tinha na mão.

— Marlow explica isso de modo razoável — disse ele. — Parece que há uma controvérsia a ser discutida na reunião do Jockey Clube na quinta-feira e é absolutamente necessário que os membros mais antigos se reúnam antes para conversar sobre a melhor atitude a ser tomada.

— Cavalos! Cavalos! — exclamou Lucy. — Será que os homens não sabem falar de outra coisa? Bem, claro, George querido, você precisa ir. Mas não há necessidade de eu ir me aborrecer ouvindo vocês discutirem seus problemas.

— Você está querendo dizer que não vai comigo? — perguntou lorde Wymonde.

— Deixe-me esclarecer bem isso, George — replicou Lucy. — É impossível eu ir com você porque aqui organizaram um jantar especial esta noite, com os nossos maiores amigos e alguns rapazes foram convidados em homenagem a Ina.

Ela percebeu que o marido estava meio convencido, então acrescentou, depressa:

— Agora temos uma menina em que pensar. É muito importante para ela consolidar as amizades que tenha iniciado durante o baile. Eu acho até que lorde Fleet está muito interessado e, como você sabe melhor do que eu, ele é um rapaz a se considerar...

— Pelo amor de Deus, Lucy! Dê tempo a essa criança para olhar ao redor, antes de casá-la com o primeiro homem que aparecer!

Lucy dominou o desejo de replicar: Quanto mais depressa, melhor!, e disse:

— Você tem que admitir que estou fazendo o máximo pela sua sobrinha. Ela encontrou os mais atraentes e interessantes rapazes solteiros aqui em Chalé, mais do que poderia encontrar em um baile em Londres. Lorde Fleet, como eu já disse, e aquele rapaz, o simpático Branscombe, são bons candidatos.

— Eu não estou dizendo que seja má idéia Ina se casar, eventualmente, com qualquer um deles — concordou lorde Wymonde. — Mas não pressione a menina, Lucy. Eu não quero forçar a filha de Roland a se casar com homem algum, a não ser que ela queira.

Lucy arregalou os olhos e encarou o marido, muito surpreendida.

— Você fala como se eu estivesse fazendo alguma coisa desagradável! — protestou ela. — Só estou cuidando de Ina, como você me pediu.

Agora havia uma nota queixosa na voz de Lucy e o marido sabia muito bem que aquilo era sinal de perigo.

— Sim, sim, querida. É claro que você está fazendo a coisa certa ... — disse ele, depressa. — Se você tem certeza de que não se aborrece se eu for ao jantar de Marlow sozinho, saia daqui logo depois do chá e volte amanhã cedo, antes de vocês estarem prontas para voltarmos a Londres.

— Não precisa ter pressa — respondeu Lucy. — Eu já disse a Alice que vamos amanhã no trem da tarde e ela ficou encantada ao saber que vamos estar aqui para o almoço.

— Então, está resolvido — disse lorde Wymonde. — Eu vou me preparar para sair ali pelas cinco.

— Tenho certeza que vai gostar desse jantar. Havia uma nota na voz de sua mulher que fez lorde Wymonde parar, quando já estava saindo do quarto. Ele voltou-se e tornou a se aproximar da cama.

— Trate de se cuidar bem durante minha ausência — disse. — Se quer saber, acho que você e Chalé estão muito íntimos. Se eu tiver qualquer problema com ele, aviso-a de que esta vai ser a última vez que você vem aqui!

— George!

A exclamação de Lucy era de choque, horror e indignação.

— Como é que pode me dizer uma coisa dessas? Como se eu tivesse me interessado por algo mais além desta maravilhosa mansão desde que chegamos!

— Não gosto do jeito como ele olha para você — insistiu lorde

Wymonde.

Lucy sacudiu os ombros num gesto afetadíssimo que ela acreditava ser muito francês.

— Meu querido George! Você já devia ter se acostumado com o jeito que os homens me olham. Eu não posso fazer nada se eles ficam fascinados pela minha beleza, como você ficou, há muito tempo.

Ela pensou que lorde Wymonde ia responder, mas como não respondeu, continuou, em tom queixoso:

— Acho que você está sendo indelicado e injusto! Se eu fui atenciosa para com Irvine Chalé foi apenas por que queria ter certeza de que não criamos problemas forçando a vinda de sua sobrinha para cá tão em cima da hora e para encorajá-lo a convidar rapazes para distraí-la. Você sabe que se não fosse isso esses rapazes jamais seriam convidados para vir aqui. Acho que você devia até me agradecer.

Lucy dava impressão de que estava por se desmanchar em lágrimas a qualquer momento e George Wymonde disse, depressa:

— Está bem! Está bem! Falei sem pensar. Eu acho que, afinal de contas, estou com ciúme. Desculpe-me.

Lucy deu-lhe um sorriso trêmulo.

— Vou perdoar, querido George, mas não devia pensar coisas tão indelicadas de mim. Sabe que não há e nunca houve outro homem em minha vida.

Lorde Wymonde sabia que isso era verdade. Lucy sempre fora uma mulher fria e ninguém sabia disso melhor do que ele. Ele deu a volta na cama para beijar-lhe o rosto.

— Você é adorável demais, esse é o problema.

— Eu quero que você tenha orgulho de mim, George.

— Tenho, sim — respondeu ele.

Saiu do quarto com um sorriso nos lábios e assim que a porta se fechou atrás dele, Lucy uniu as mãos com um brilho radiante nos olhos.

Era justamente por aquilo que ela rezara tanto, que esperara tanto. Agora, de repente, quando já não tinha mais esperança, acontecera.

Soltou um pequeno suspiro e reclinou-se nos travesseiros. Havia uma expressão nos olhos dela, um sorriso nos lábios, que muitos homens tinham desejado ver, mas ela sempre os havia decepcionado.

Nessa noite, ao jantar, Ina viu-se sentada, como na noite anterior, ao lado do sr. Trevelyn.

Ele havia sido muito agradável para com ela, o tempo todo; quando via que ela estava sozinha, sempre ia conversar com a moça ou fazia com que alguém fosse.

Ina achou que ele agia como se fosse assistente-anfitrião do marquês e fora com espanto que soubera, naquela noite, enquanto se vestia para o jantar, qual era de fato a posição do sr. Trevelyn naquela casa.

Estava conversando com Hannah sobre o jantar festivo.

— Tia Lucy disse que lorde Fleet foi convidado especialmente para mim — dissera ela —, mas, para dizer a verdade, Hannah, eu acho esse rapaz um tanto aborrecido.

— Disseram que ele tem uma grande propriedade não muito longe daqui — comentara Hannah, à guisa de resposta.

— Eu tive impressão, do jeito que tia Lucy falou — disse Ina, pensativamente —, que ela tem esperanças de que lorde Fleet se apaixone por mim. Mas garanto que vou fazer tudo que puder para que nada parecido com isso aconteça!

— Não comece a fazer julgamentos apressados sobre o rapaz — advertira Hannah. — Eu não estou dizendo que lorde Fleet é o “Sr. Certo”, mas vai ter que se casar, cedo ou tarde, e eu quero ver a senhora em sua casa, usando roupas de uma verdadeira dama!

Ina rira.

— Oh, Hannah! Você se transformou numa grande esnobe desde que chegamos a Chalé! — exclamara. — Estou quase achando que não liga para a minha felicidade e só pensa na sua posição lá embaixo.. . se eu usar uma coroa.

— Isso não é verdade, srta. Ina, e a senhora sabe! — dissera Hannah, rapidamente. — Eu quero que a senhora encontre a mesma felicidade que seu pai e sua mãe conheceram juntos, mas também quero que tenha uma casa como esta para onde voltar, sempre que fizer uma viagem.

Ina sabia que Hannah sempre se ressentira por jamais voltarem para o mesmo lugar, quando viajavam, ou, pelo menos, para a mesma casa.

Pensara em Fleet e fizera uma careta engraçada, sabendo que queria casar-se com ele tanto quanto queria voar para a Lua.

Então, pensara no príncipe e estremeecera.

Era esperta o bastante para perceber que ele andava fazendo o possível para ficar com ela sozinho e tinha absoluta certeza de que ele iria tentar pôr as mãos nela.

Dera um jeito de se manter longe dele, agindo sempre viva e rapidamente.

Pensara, então, que se tivesse que se casar com algum homem mais velho que se agarrasse a ela por ser jovem e ver nela o eco de sua própria juventude perdida, preferiria ficar solteira a vida toda.

— Eu acho que tia Lucy está querendo se livrar de mim — dissera, em voz alta. — Mas juro para você, Hannah, que jamais vou me casar para agradar alguém, mas apenas se meu coração disser que aquele é o único homem no mundo que existe para mim.

Suspirara de leve, depois acrescentara:

— Mas, quem sabe, ele não irá sentir a mesma coisa por mim.

Havia algo de melancolia nessas últimas palavras, mas Hannah, ocupada em abrir o guarda-roupa para pegar o vestido dela, não notara.

Ele estava sendo atencioso para com ela, pensara Ina, mas sentira-se magoadano dia anterior porque o marquês não se aproximara e ela tinha certeza de que ele a evitara deliberadamente.

Não podia entender por quê, e quando relembrou a conversa que haviam tido debaixo das árvores, achara difícil descobrir por que ele estaria zangado com ela.

Foi tolice minha contar a ele do desenho, dissera a si mesma, mas eu queria, de um modo que nem mesmo eu posso explicar, dizer a ele coisas que não diria a ninguém, a não ser papai.

Sendo honesta consigo mesma, ela admitiu que queria conversar com ele e com nenhum outro homem que estava participando da reunião em Chalé.

Talvez fosse presunção, talvez estivesse querendo demais, no entanto ela sentia que não apenas o marquês estava interessado nela como também alguma coisa no íntimo dela o impressionava e atraía.

Intuitivamente ela sabia que ele a entenderia, quando ninguém mais poderia entendê-la.

Quero falar com ele, pensara. Sei que está ocupado. Sei que é o nosso anfitrião, sei que tem mil coisas para cuidar, mas há de haver um momento em que possamos ficar juntos.

Então, dissera a si mesma que estava esperando demais. O marquês tinha todas as senhoras mais velhas para atender e Ina tinha certeza de que elas o solicitavam bastante.

Não havia apenas tia Lucy, que parecia florescer, cada dia mais

adorável, mas também a linda sra. Marshall, a condessa de olhos escuros que parecia pertencer ao príncipe quando este não estava perseguindo Ina.

Havia meia dúzia de outras senhoras com roupas bonitas, corpos atraentes e trajes tão trabalhados e elegantes que às vezes faziam Ina sentir-se como se estivesse vestida com trapos.

Como ela poderia ter possibilidade de tentar competir com a sofisticação das belezas que eram aclamadas em toda a extensão das ilhas britânicas?

— Se me sentar perto de lorde Fleet ao jantar — dissera, em voz alta —, espero que o simpático sr. Trevelyn fique de meu outro lado. Ele sempre parece se interessar pelo que eu digo.

— É melhor a senhora não fazer planos sobre ele! — avisara Hannah, bruscamente. — Já devia ter percebido que o sr. Trevelyn está muito ocupado.

— O que está querendo dizer com isso? — indagara Ina.

— Ele é o favorito da marquesa. Vai a toda parte com ela, atende a marquesa em tudo e por tudo. Lá embaixo ouvi dizer que ele é o melhor dos cavalheiros que ela já teve.

Ina suspirara.

Sabia por que Hannah estava lhe dizendo aquilo... Para preveni-la, caso estivesse pensando no sr. Trevelyn como um possível candidato à sua mão.

Era uma idéia que jamais lhe passara pela cabeça. Achava o sr. Trevelyn velho demais.

Claro, ele não era da idade de seu pai ou do príncipe. Fora muito delicado e atencioso com ela na primeira noite que passara em Chalé, quando tudo lhe causava quase que terror.

Aquilo de ele ser, como Hannah dissera, propriedade da marquesa, que lhe parecia muito velha, era coisa que ela jamais teria imaginado como possível.

Só agora, depois de Hannah ter lhe aberto os olhos, é que ela notava que todos formavam pares, com exceção dela, naquela festa prolongada.

Era a marquesa com o sr. Trevelyn, o príncipe com a *lady* de olhos negros, que soltavam fogo ao fitá-lo, fosse o que fosse que ele estivesse fazendo; havia vários outros casais que estavam sempre conversando com alguém que não era o marido ou a esposa.

E o marquês?

Ele não estava formando par com ninguém. Seria possível?, Ina pensara, com um estremecimento no coração, que era óbvio que tudo estaria completo se ela formasse par com ele.

Gosto dele! Gosto muito dele!, dissera a si mesma, e sentira uma vontade quase incontrollável de sair correndo escada abaixo para vê-lo novamente.

Quero falar com ele, continuara pensando, e ele talvez tenha escrito um outro poema para mim.

Tratara de lembrar e de escrever os versos que o marquês havia feito para ela, e quando, poucos minutos depois, descera sem se aborrecer por ter tido que esperar tia Lucy, que quisera se atrasar para fazer uma entrada triunfal nos últimos momentos, Ina repetira para si as palavras que o marquês lhe havia dito, com sua voz profunda:

“... sobre uma ninfa, um espírito, cuja dança leva meu coração do inferno ao paraíso, quando me lembro...”

— Eu quisera mesmo poder fazer isso por ele — murmurara Ina. — Mas de que jeito conseguiria fazer algo tão maravilhoso? Não havia resposta!

CAPÍTULO V

Pela expressão do rosto de Lucy o marquês tivera certeza de que ela tinha algo importante a lhe dizer.

— Preciso falar com você a sós — murmurara ela, quando o almoço terminara.

Ele tentara imaginar o que a estaria fazendo tão feliz. Lucy não sentara ao lado dele, à mesa, porque uma das convidadas era a esposa do lorde-tenente, que devia ficar à direita do marquês, e outra era uma condessa, que tinha precedência para sentar-se à esquerda do anfitrião.

Tinham sido duas horas aborrecidíssimas para o marquês, porque a esposa do lorde-tenente era uma mulher dominadora que emitia suas opiniões com insistência e não admitia que ninguém a contradissesse. De vez em quando ele se apanhara pensando em Ina, no que ela lhe dissera no dia anterior, e isso o deixara um tanto zangado, pois achava que era uma espécie de crítica a tudo o que estava acontecendo.

Sempre, no passado, ele se julgara orgulhoso e contente com a cronométrica eficiência com que tudo acontecia em Chalé, como um disco que tocasse durante centenas de noites e se mantivesse perfeito. Por que eu iria desejar algo mais?, perguntava-se o marquês. Olhava os criados movimentando-se, silenciosos, ao redor da mesa, oferecendo pratos excelentes aos convidados, em baixela de prata, enchendo de vinho os copos de finíssimo cristal.

No entanto, ele sabia que o fato a que Ina se referira era muito mais sutil e, se bem que não quisesse admitir isso, muito mais intrigante. Fora como se ela tivesse lido em sua mente que o motivo de ele viver aborrecido consigo mesmo ultimamente e de se tornar cada vez mais cínico era não ter exigido nada de si, nem ter submetido seu cérebro a novos esforços.

Estou contente assim como sou!, tentou convencer-se o marquês, com raiva.

Sabia que isso não era verdade. Então, para não ouvir mais nada de Ina, concentrara toda a atenção em Lucy.

Começara por afirmar a si mesmo que Lucy era a mulher mais linda que já havia visto e que, na certa, era uma glória ter conseguido acender nos olhos dela aquela luz que homem algum conseguira antes, saber que quando

tocava nela a fazia estremecer.

Relanceara o olhar pela sala de visitas e vira que a esposa do lorde-tenente estava pontificando para Harry Trevelyn, enquanto todos pareciam muito bem depois de ótimo almoço, conversando uns com os outros, animadamente. Aproximara-se de Lucy e dissera:

— Vamos passear pelo jardim. Lá será mais fácil.

Ela sorria para ele, que logo depois se voltara para o convidado mais próximo, que era um de seus nobres vizinhos rurais, para dizer:

— Espero que queira ver os cavalos, Garfield. Tenho várias novas aquisições em minha estrebaria, desde a última vez em que os viu.

— Meus cavaleiros me contaram... e estão com muita inveja.

— Então, pode ir para lá — dissera o marquês. Sabe o caminho. Vou encontrá-lo na estrebaria daqui a alguns minutos.

O amigo, como o marquês antecipara, perguntara à dama com quem conversava se queria acompanhá-lo. Depois, fora fácil para Lucy e ele seguir os dois.

Mas enquanto Garfield e a dama iam para a estrebaria, Lucy e o marquês tinham ido para junto de uma alta cerca viva que separava dois lados do enorme jardim.

Assim que haviam ficado fora do campo visual de quem estivesse na casa, Lucy indagou:

— George lhe contou?

— Contou o quê? — perguntou, por sua vez, o marquês.

— Ele vai para a casa de lorde Marlow esta noite.

— Não vi George desde que voltei da cavalgada.

— Ele vai embora logo depois do chá — dissera Lucy. — Queria que eu também fosse, mas recusei.

— Fico contente com isso.

— Fica contente, mesmo?

— Preciso colocar o óbvio em palavras?

Lucy sorria, tornando-se tão adorável que o marquês pensara que, de fato, palavras não tinham a menor importância.

Então, tinham ficado por algum tempo calados, olhando um para o outro, até que ele dissera:

— Hoje à noite vou lhe dizer o quanto é linda... Mas, agora temos que nos reunir aos outros.

Lucy não protestara. Já soubera o que queria saber, e se bem que olhar

cavalos a aborrecesse solenemente, estava preparada para observá-los quanto tempo fosse preciso, desde que ficasse junto do marquês e sentisse que ele estava consciente da presença dela.

Quando George se reunira a eles, alguns minutos depois de terem chegado à estrebaria, Lucy dera um jeito de sorrir-lhe demonstrando alegria, se bem que estivesse zangada por ver que o marido levava Ina com ele.

— Pensei que você não gostava de cavalos — dissera George para Lucy, numa voz bastante desagradável. — Nunca a vi visitar a estrebaria, em nossa casa.

Pequenas rugas haviam se formado, por momentos, na testa de Lucy, que se dominara e forçara-se a passar um braço pelo do marido, afastando-se com ele para um canto.

— Onde está lorde Fleet? — perguntara, num tom de voz que mais ninguém ouvira. — Deixei-o conversando com Ina.

— Ele foi embora — replicara lorde Wymonde —, e me pediu que o desculpasse com Alice e o marquês, que desapareceu de repente da sala de visitas.

Lucy percebera suspeita na voz do marido, além de uma evidente zanga, e percebera que poderia ter problemas, sentindo medo de que George mudasse de idéia e não fosse embora.

— Oh, querido, que pena! — respondera ela, em voz alta. — Eu tinha esperanças de que ele faria algum esforço para tentar ver Ina de novo, mas acho que seria bom convidá-lo para jantar conosco, em Londres.

George continuara parecendo aborrecido, então Lucy, aproximando-se mais dele, dissera:

— Estou tentando deixar você contente, George. Estou, mesmo! As palavras pareciam sinceras e ela estava tão linda que lorde Wymonde achara impossível fazer qualquer outra coisa senão sorrir.

— Obrigado, Lucy — dissera ele. — Sou muito agradecido a você, minha querida.

— Vamos voltar juntos para casa — propusera Lucy. — Detesto andar nestas pedras. Machucam meus pés. Mas quando me convidaram para vir até a estrebaria, não pude recusar.

Não dera a George nenhuma chance de dizer algo sarcástico e falara com ele durante todo o trajeto até a casa, contente por Ina ter ido embora com eles, ao invés de ficar com o marquês e seus amigos, como ela temera.

Dissera a si mesma que aquela criança parecia muito deslocada numa

festa prolongada onde todos eram mais velhos e mais sofisticados.

Mas, na verdade, ela sabia que Ina, com seu vestido branco, parecia muito jovem, como as flores que começavam a desabrochar e os lilases que perfumavam o ar.

O perfume que pairava na atmosfera fizera Lucy pensar em flores de laranjeira e ela dissera a si mesma que era preciso casar Ina, de um jeito ou de outro, antes que a estação terminasse.

Preciso saber de George qual é o patrimônio dela, pensara. Se ela tiver dinheiro, vai ser mais fácil conseguir-lhe um bom marido.

Haviam chegado à casa em tempo de ver os últimos convidados do almoço se despedindo.

Assim que a marquesa ficara sozinha, lorde Wymonde aproveitara a oportunidade para dizer-lhe que infelizmente teria que ir embora imediatamente depois do chá, para jantar com lorde Marlow.

— Oh, George! Que coisa mais cansativa para você! — exclamara a marquesa. — Agora vamos ter que modificar os lugares da mesa do jantar. Justamente quando eu estava tão feliz por tê-lo a meu lado! — Quem lamenta a perda sou eu — dissera lorde Wymonde, galante. — Mas a senhora também sabe muito bem como lorde Marlow fica quando tem alguma dificuldade no Jockey Club.

— Sei, sem nenhuma dúvida! — concordara a marquesa. — E, é claro, você precisa ir, mas espero que não vá levar a querida Lucy também, não?

— Não. Vou deixá-la a seus cuidados — respondera lorde Wymonde —, como também, é claro, Ina.

— Lorde Fleet disse que não poderá vir jantar conosco esta noite — avisara Alice —, mas Charles Branscombe está para chegar e tenho certeza de que Ina vai achá-lo muito encantador e inteligente.

Ina não dissera nada, mas já havia dançado com Charles Branscombe; como ele era muito convencido com a própria importância, ela preferia lorde Fleet.

No entanto, não podia dizer nada à marquesa, tão amável em se preocupar assim por ela, quando Ina se sentiria perfeitamente feliz só pelo fato de estar em Chalé.

— Estamos muito contentes por tê-la aqui conosco — dissera a marquesa. — Tem que aproveitar bastante hoje, porque irá embora amanhã.

— Já visitei todos os lugares perto da casa — respondera Ina.

— Não se esqueça de ir ver o laranjal — avisara a marquesa. — Ele foi

plantado bem antes de a casa ser construída.

— Eu ficaria encantado em mostrar o laranjal para esta adorável jovem *lady*, ou qualquer outra coisa que ela queira ver — dissera uma voz atrás de Ina, e ela estremeceu ao perceber que era o príncipe.

— Muito obrigada — agradecera ela. — Muita gentileza de Vossa Alteza. Mas agora preciso ir lá em cima buscar um lenço de que me esqueci.

Era uma desculpa muito fraca, mas servira para Ina escapar do príncipe e ela correr a escada acima, dizendo a si mesma que aquilo era uma amolação, pois estava mesmo querendo ir conhecer o laranjal, mas não pretendia fazê-lo em companhia dele.

Como sempre acontecia em Chalé, o tempo passava depressa, porque uma refeição se sucedia à anterior e, claro, as senhoras tinham que trocar de roupa quatro vezes por dia.

Lucy descera para o chá radiante numa criação mais brilhante e elaborada do que a que vestira para o almoço. Ina trocara o vestido por outro de renda branca, com um laço de fita de veludo azul-real na cintura, tendo na frente umas pontas pequeninas e atrás pontas largas e compridas.

Era um modelo francês, muito caro, e, ate então, Ina achava que não iria ter chance de usá-lo. Como a sra. Harvester insistiu muito em comprá-lo, por achá-lo lindíssimo, Ina não pudera entender por que Lucy a olhara com ar desaprovador.

O chá era um verdadeiro ritual, com a marquesa presidindo a mesa posta com magnificente baixela de prata constando de bule para chá, chaleira, jarras com leite, creme e sucos de fruta, açucareiro e coador para chá. Para comer havia uma infinidade de coisas que chegava ser impossível, pensara Ina, alguém sentir fome para o jantar.

Depois do chá as senhoras conversavam, enquanto os cavalheiros iam para a sala de bilhar, desafiando um ao outro com altas apostas, ou iam descansar em confortáveis poltronas.

Ina subira para seu quarto para ler o livro que havia pegado na biblioteca.

Se bem que fosse interessante, de repente percebera que em vez de ler estava pensando no marquês, imaginando se iria vê-lo outra vez. Ela ficara desapontada pelo fato de o marquês não demonstrar interesse em ver seu caderno de desenho, por não ficar curioso em ver como ela o havia desenhado.

Abrira o caderno e folheara as páginas, olhando o desenho que fizera

dele, sem entender o que havia acontecido.

Tivera quase certeza de que o marquês iria se parecer com um rei ou com Kublai Khan em seu “grandioso palácio de prazeres”.

Mas o peregrino sentado à beira da estrada, com a montanha atrás dele, sem dúvida alguma tinha as feições e a expressão do marquês.

Indiscutivelmente era um verdadeiro e revelador retrato, e por mais que o marquês quisesse negar, ela o retratara como ele era, atualmente.

Eu não devia ter dito nada a ele sobre o desenho, pensara ela, um tanto infeliz, e fechara o caderno com gesto brusco.

O jantar seguira os mesmos lances que havia seguido nas três noites anteriores, com exceção de que havia um arranjo diferente, de orquídeas, no centro da mesa, e outros vizinhos haviam sido convidados para essa última reunião da festa prolongada.

Charles Branscombe estava mais emproado ainda do que da última vez em que Ina falara com ele.

Era mais do que evidente que ele achava um aborrecimento estar sentado ao lado de alguém tão jovem quando havia tantas mulheres lindas presentes. Ina tinha certeza de que ele desejava ardentemente dançar com elas, depois ir contar aos amigos o enorme sucesso que havia feito entre as *ladies*.

Ela não tivera vontade alguma de conversar com ele, por isso iniciara uma amigável discussão sobre as diferenças entre as cozinhas italiana e francesa com seu vizinho de mesa do outro lado.

Descobrira que ele era um *gourmet*, e como ela passara bastante tempo nos dois países, ambos podiam comparar suas opiniões sobre muitos pratos diferentes e falar sobre os méritos dos chefes de cozinha de Paris e Roma.

— A senhorita é muito moça para se interessar por cozinha — dissera o vizinho de Ina. — Estou surpreendido com seu conhecimento amplo do assunto.

— Meu pai era muito exigente com o que comíamos — respondera Ina. — Ele dizia que é muito importante a gente saber apreciar a cozinha de cada país, ao invés de sempre pedir ovos com toucinho e pudim de maçãs, quando se é inglês, ou ficar numa interminável dieta de macarronada, quando se é italiano.

O companheiro de Ina rira.

— Que tipo de comida prefere?

— Eu acho os pratos marroquinos insuperáveis — replicara Ina, por

ter certeza de que aquilo iria dar mais tema para a conversa.

Quando o jantar terminou, todos passaram para a sala de visitas. Os mais velhos foram jogar baralho e Ina viu o marquês conversando com tia Lucy.

Estavam de pé, tendo por trás uma lindíssima cortina de brecado azul com sanefas drapeadas, terminando por pesadas franjas.

Ela pensou como ambos eram bonitos, tia Lucy com seus brilhantes faiscando por entre os cabelos dourados e em torno do longo pescoço, fazendo-a parecer a rainha das fadas.

Ela é tão bonita!, pensou Ina, com admiração. É muito triste para ela ter que envelhecer e ficar parecida com a marquesa, que deve ter sido lindíssima quando moça.

Sabia como a tia lutava arduamente para manter-se bonita. Havia um enorme arsenal de loções, cremes e tônicos na penteadeira de Lucy e Ina sabia que a criada de quarto da tia massageava-lhe o rosto enquanto ela permanecia deitada, de olhos fechados, com compressas de algodão com um tônico para evitar pés-de-galinha.

É uma luta perdida de antemão, porque ela vai mesmo envelhecer, ficar com o rosto enrugado e os cabelos brancos, pensou Ina.

Lembrou-se de como a sra. Harvester parecia bonita, apesar de ter mais de setenta anos.

Havia uma expressão tão doce, tão bondosa no rosto dela; era uma mulher que se interessava por tantas coisas diferentes que dava a impressão de nunca pensar em si mesma. .. É assim que eu quero tentar ser, pensou Ina; então voltou a realidade quando o homem que estava sentado ao lado dela perguntou. — O que eu disse, para fazê-la ficar tão séria? A noitada após o jantar terminou mais cedo porque não havia baile e alguns dos convidados não estavam nada interessados em jogar baralho.

Ina notou que as pessoas que se sentavam à mesa de jogo não costumavam sair dela tão cedo e que entre elas estava o príncipe. Com satisfação pensou que, assim, ele estaria fora do caminho dela o resto da noite.

Estava contente em poder subir para seu quarto, lembrando-se do livro que estava lendo e que se não terminasse naquela noite não iria terminar nunca mais.

Quero terminá-lo esta noite, prometeu a si mesma. Subiu, despiu-se rapidamente e deitou-se.

Por momentos, seus olhos pousaram no caderno de desenho que

continuava na mesa onde o deixara, e pensou que gostaria de dar outra olhadela no retrato que fizera do marquês; depois, decidida, abriu o livro.

Se Ina achava que a noite passara muito depressa, Lucy pensava de modo diferente.

Para ela o jantar arrastara-se interminavelmente e várias vezes sentira vontade de gritar para os convidados que estava na hora de eles irem embora.

E fora justamente por ela bocejar, levando algum tempo para ocultar o bocejo com uma das mãos, que o senhor idoso que estava conversando com ela dissera:

— Acho que a senhora está cansada, lady Wymonde, e está na hora de irmos. Temos um longo caminho até chegar a casa.

— Então, não convém que saiam muito tarde, apressou-se a concordar Lucy. — Eu sempre tenho medo quando as carruagens correm demais na escuridão, acho que pode acontecer algum acidente.

— A senhora tem razão. Pode ser perigoso — replicara o cavalheiro.

Atravessara a sala de visitas para dizer à esposa que estava na hora de irem embora.

Lucy dera o beijo de boa-noite à marquesa, agradecendo-lhe efusivamente pela noite maravilhosa.

Então, deixara os longos dedos pousarem na mão do marquês, e quando seus olhos tinham encontrado os dele, haviam emitido cintilações semelhantes a chamas.

Ao subir, Lucy encontrara sua criada de quarto cansada, mas esperando por ela. A criada a ajudou a despir o vestido e colocar a camisola sensual, soltou e escovou seus cabelos.

— A senhora já está pronta para se deitar? — perguntou a criada.

— Não. Ainda não — respondeu. — Mas você pode ir, agora. Apague todas as velas, menos as duas junto da cama. Quero escrever uma carta em meu *boudoir*.

— Sim, senhora, *milady*.

A criada apagou as velas e, enquanto Lucy ia para o *boudoir*, saiu pela outra porta, deixando apenas um pequeno candelabro, que era um anjo de ouro segurando duas pequenas velas, iluminando os dois lados do leito com dossel.

Isso fez com que o quarto se tornasse misterioso e atraente. No ar pairava o pesado perfume de lírios.

A criada chegou à porta e parou. Deu o último e longo olhar para ver se nada tinha sido esquecido.

Depois, seus olhos pararam na cama preparada de modo convidativo. Seus lábios se franziram e em seus olhos transpareceu uma expressão que Lucy, sem dúvida alguma, teria achado muito impertinente.

Depois que a criada saiu, Lucy fechou a porta do quarto e esperou, impaciente, no *boudoir*.

Achou que seria muito apressado e pouco sutil estar na cama quando o marquês chegasse.

Provavelmente era o que ele esperava, e Lucy disse a si mesma que preferia que as preliminares fossem aparentemente surpreendentes e inesperadas, se bem que ambos soubessem que iam chegar ao inevitável.

Como queria ficar parecida com madame Recamier, ela ajeitou-se displicentemente na *chaise-longue* forrada de cetim.

Pegou um livro e ajeitou-o no colo, posando como se estivesse lendo, mas esperando, ouvindo ansiosa, pelo momento em que a porta iria se abrir.

O marquês foi para seu quarto, encontrou o criado esperando e dispensou-o.

— Tenho várias cartas para escrever — disse —, e acho que vou demorar algum tempo.

— Não faz mal, *milorde*.

— Muito obrigado, mas vá se deitar! — ordenou o marquês.

O criado obedeceu e o marquês ficaria surpreendido se soubesse o que ele estava pensando, ao fechar a porta, silenciosamente, atrás de si.

O marquês olhou para o relógio.

Sabia que Lucy já deveria ter dispensado sua criada e que não devia ter demorado para se ajeitar, pelo menos não tanto quanto ele demorara para subir.

Dirigira-se para a escada pouco depois de as senhoras se haverem recolhido, conversando com o príncipe, que considerava um homem inteligente e interessante quando não estava correndo atrás de mulheres.

Tinha falado sobre a situação política da Rússia, depois haviam subido a escada juntos e o príncipe dissera:

— Eu acho a sobrinha de George Wymonde uma menina muito atraente.

O marquês franzira as sobrancelhas.

— Ela é jovem demais para Vossa Alteza.

Era um comentário que o príncipe não permitiria nem aos seus melhores amigos fazerem, mas ele era muitíssimo apegado ao marquês e sempre o tratara como se tivessem a mesma idade.

— Quando você for tão velho quanto eu sou, Chalé — dissera ele —, vai aprender a apreciar certas qualidades que apenas os jovens possuem.

— Eu não estou pensando em seus sentimentos, especialmente, mas sim nos dela — replicara o marquês. O príncipe sorria.

— Também quando tiver a minha idade — respondera —, vai descobrir que a espera, por mais longa e difícil que seja, é a verdadeira atração da caçada.

Haviam chegado à porta do quarto do príncipe.

O marquês sentira o impulso de dizer a ele que deixasse Ina em paz; depois dissera a si mesmo que aquilo não lhe dizia respeito.

— Boa noite, Alteza — dissera, então.

— Boa noite e muito obrigado por mais estes dias belíssimos. O marquês fora para o quarto dele. Agora, achava que já havia esperado bastante. Abriu a porta do quarto.

Por experiências passadas, em vários *affaires de coeur*, ele aprendera que era um erro considerar-se conquistador antes da vitória realmente conseguida.

Isso queria dizer que ele jamais, desde a primeira vez, dirigira-se despido ao quarto de uma dama, como se soubesse, de antemão, que ela ia mesmo ceder a ele, antes que o fizesse de fato.

Talvez por ele ser tão atraente, nunca tivera um fracasso sequer.

Mas dessa vez tratava-se de uma beleza famosa de Londres que costumava, como todos sabiam, levar os homens “até as portas do paraíso”, como diziam, e batia-lhes o portão na cara no último momento.

O marquês tinha certeza de que isso jamais iria acontecer com ele.

Ao mesmo tempo, lembrava-se de como alguns de seus amigos tinham voltado desconsolados, humilhados, do quarto da *lady* em questão, por terem encontrado a porta fechada ou por ela lhes ter dito que se enganara a respeito de seus próprios sentimentos, pedindo-lhes que se retirassem imediatamente para não comprometê-la.

“Eu nunca fui tão espezinhado em minha vida!”, dissera um homem ao marquês. “Principalmente porque sei que o que aconteceu vai ser contado de *boudoir* em *boudoir* amanhã mesmo. Não consigo entender por que ela age dessa maneira.”

“Poder, meu caro amigo”, respondera o marquês. “Desejo de mostrar seu poder sobre o que ela chama, depreciativamente, de 'simples homens'.”

Como havia falado nisso, muitas vezes, durante várias conversas, nos clubes, o marquês tivera certeza de que jamais se deixaria colocar em semelhante situação.

No entanto, sentia-se um tanto preocupado no que se referia a Lucy, se ela o queria, mesmo, e se estaria esperando por ele.

Se as histórias sobre ela eram verdadeiras, se Lucy era, de fato, uma “geleira”, como a chamavam, talvez ele devesse desistir e retirar-se, com dignidade.

Deu uma batida rápida na porta do *boudoir*, abriu-a e olhou para dentro.

Gostou imediatamente do quadro que Lucy formava, estendida na *chaise-longue*.

A luz tornava mais vivo o dourado de seus cabelos, os ramos de flores ao fundo davam a impressão de um cenário de teatro e havia uma indisfarçável expressão de boas-vindas no lindo rosto.

Ficou parado à porta por instantes, olhando para ela.

Lucy havia estudado as coisas que queria dizer a ele, pois desejava parecer um tanto difícil e relutante em conceder-lhe seus favores.

Mas quando o viu ali, parado, tão bonito, tão imponente, tão maravilhosamente masculino, tudo o que decidira desapareceu-lhe da cabeça.

Sem hesitar e nem pensar em nada, ela levantou-se e caminhou para ele. Estendeu os braços antes de chegar perto do marquês, a cabeça inclinada para trás, os lábios perfeitos esperando por beijos.

Depois, Lucy jamais poderia se lembrar do que acontecera, se ela havia caminhado ou se ele a carregara nos braços. Mas se apenas de estar deitada na cama, sobre os travesseiros, ele olhando para ela, e o fogo nos olhos dele.

— Eu o amo! — ela exclamou, e essas palavras foram como um grito de felicidade.

O marquês tirou a casaca e jogou-a no chão. Depois sentou-se na cama, ao lado de Lucy, inclinando-se para beijá-la de novo.

Tirou o negligê de Lucy, de maneira a poder beijar-lhe o ombro e o pescoço nus. Foi nesse momento que bateram à porta.

Por instantes Lucy não pôde acreditar nos próprios ouvidos. Mas bateram de novo e uma voz disse:

— Lucy, deixe-me entrar!

Ela mal percebeu que era a voz de George, ouvindo-a abafada, como por espessa coberta, assim como as batidas na porta, que pareciam vir de mão enluvada. Sua mente não podia responder a nada, se não à imperiosa solicitação dos beijos do marquês.

Esses beijos acendiam nela uma chama que lhe queimava o corpo todo de um jeito que ela jamais sentira na vida.

Pensou que era impossível tomar consciência de qualquer outra coisa, mas a voz do marido tornou-se mais alta e Lucy sentiu como se seu corpo se transformasse em mármore. Percebeu que o mesmo estava acontecendo com o marquês.

Seus olhos se procuraram e mergulharam uns nos outros, como se não pudessem acreditar no que estava acontecendo.

Então, a voz de lorde Wymonde, um pouco mais alta e irritada, repetiu:

— Lucy... abra a porta!

Imaginando o que deveria fazer, o marquês pôs-se de pé e pegou sua casaca do chão.

Enquanto a vestia, percebeu que eram mais de doze metros da janela até o chão, que no *boudoir* não havia lugar algum em que um homem pudesse se esconder e que do outro lado da porta só havia o quarto de vestir de George Wymonde.

Fez-se silêncio.

Então, ambos ouviram George Wymonde experimentar a porta do *boudoir*, e de repente um relâmpago pareceu explodir na mente de Lucy: a porta do quarto de vestir não estava trancada!

Enquanto o marquês se mantinha imóvel, irresoluto, ela teve uma idéia.

Ninguém melhor do que Lucy podia saber como o que estava acontecendo poderia ser um completo desastre não apenas para o seu casamento, como também para toda a sua futura existência.

Divórcio queria dizer isolamento, expulsão da alta sociedade, e Lucy tinha a terrível sensação de que, justamente por amá-la tão fervorosamente, George a acusaria de adultério por ciúme, despeito e desejo de vingança.

A maçaneta da porta do *boudoir* girou de novo e Lucy percebeu que era questão de segundos George lembrar de que a porta do quarto de vestir também dava para o quarto deles.

Segurou o braço do marquês e disse:

— Depressa! Tive uma idéia!

Como no momento estava com o cérebro em branco e não podia pensar em nada além da desagradável situação em que se encontrava, ele seguiu Lucy, que abriu a porta de comunicação do quarto do casal com o quarto de vestir.

Já que George Wymonde não estava sendo esperado naquela noite, o quarto de vestir estava às escuras. Sem hesitar, Lucy atravessou-o e abriu a porta que dava para o quarto de Ina.

Como não podia fazer mais nada, o marquês continuou seguindo Lucy, e entraram no quarto. Viram Ina sentada na cama, lendo à luz de duas velas.

A expressão dela tornou-se atônita quando viu os dois. Lucy correu para ela, sentou na beirada da cama, pegou o livro, jogou-o de lado e segurou as mãos da moça.

— Ina, querida! — exclamou. — Tenho uma coisa linda, maravilhosa, para lhe dizer e não consegui esperar até amanhã.

Ina fitou-a perplexa.

Então, olhou para o marquês, que estava ao lado de sua cama, parado, olhando-a. Ele parecia sério, preocupado, mas continuava muito bonito.

— O que foi... tia Lucy? — perguntou ela.

— O marquês, nosso querido anfitrião, acaba de falar comigo e não consigo expressar a felicidade que me causou dizendo que quer se casar com você!

Ina estremeceu! Lucy percebeu que seus dedos tremiam, que ela estava toda trêmula.

Houve um silêncio no qual apenas Lucy percebeu George batendo de novo na porta de seu quarto.

— Sim, Ina querida! — falou Lucy, depressa. — Ele se apaixonou por você e nem consigo palavras para dizer como seu tio vai se sentir, como eu estou feliz porque você vai ser a esposa do mais encantador e maravilhoso homem que já conhecemos.

Ina respirou fundo.

O marquês a olhava e teve impressão de que os olhos grandes, surpresos, ocupavam quase que o rostinho todo.

Naquele momento ela não dava a impressão de uma menina de escola, mas sim de uma garotinha do jardim da infância.

Com os cabelos loiros caindo pelos ombros, parecendo muito pequena

na cama enorme, de casal, assemelhava-se a uma criancinha que acabasse de ser posta para dormir por uma babá caprichosa.

A camisola de Ina, muito bonita, tinha sido escolhida pela sra. Harvester no convento, cujas irmãs vendiam trabalhos de costura para conseguir algum dinheiro.

Era de finíssima cambraia entremeada com rendas, decotinho redondo, junto ao pescoço, com uma fina renda arrematando e descendo até a cintura.

Era uma camisola simples, que à primeira vista dava a impressão de vestir uma criança, mas a luz das velas permitia perceber muito bem que os pequenos seios, delicadamente arredondados, já eram os de uma mulher feita.

Depois de se refazer do primeiro impacto que as palavras de Lucy tinham produzido, Ina conseguiu falar, com voz de anjo:

— É... é verdade? É mesmo... mesmo verdade que o senhor... quer... quer se ca... casar comigo?

Olhava para o marquês enquanto falava, e para ela não existia mais ninguém naquele quarto, no mundo inteiro, a não ser ele.

— Eu ficaria muito honrado e orgulhoso se você concordasse em se tornar minha esposa — respondeu o marquês, com calma.

Mil velas pareceram acender-se nos olhos de Ina, e foi nesse momento que George Wymonde entrou no quarto de vestir. Ao ver a porta que se comunicava com o quarto da sobrinha aberta, entrou.

Observou a cena com espanto.

Então, com o mais convincente gritinho de surpresa, Lucy ergueu-se da beirada da cama e dirigiu-se para o marido.

— George! Que maravilha você ter chegado justamente no momento em que mais precisamos da sua presença! — exclamou. — É tão fabuloso que eu não me conformava em pensar que você estava perdendo isto!

— De que está falando? O que aconteceu aqui? — perguntou lorde Wymonde.

Ele só conseguia se fixar no fato de que sua mulher estava apenas vestindo uma camisola e um leve negligê, com o marquês ali, no mesmo quarto. O marquês estava completamente vestido, mas lorde Wymonde reparou que a gravata estava afrouxada e os cabelos desalinhados.

— Por que trancou a porta do nosso quarto? — indagou ele. — E o que Chalé está fazendo aqui?

— Era justamente isso o que eu ia dizer, George — respondeu Lucy. — Irvine pediu a mão de Ina, e imagino como você vai ficar contente com isso!

Enquanto falava, ela acariciara as lapelas da casaca do marido. Lorde Wymonde afastou-a para um lado, depois aproximou-se da cama de Ina, junto da qual o marquês estava parado, de pé.

— O que quer dizer isto tudo, Chalé? — perguntou. — Exijo uma explicação!

Por alguns momentos, o marquês achou que não ia ter voz para responder.

Depois, com todos olhando para ele, conseguiu falar:

— Eu pretendia procurá-lo, quando você chegasse amanhã de manhã, George, para perguntar se, como tutor de Ina, concorda em que ela se case comigo.

Ele estava consciente de que os olhos de George Wymonde lhe perscrutavam o rosto e teve a desagradável sensação de que ele não acreditava numa só das palavras que dissera.

Quando lorde Wymonde ia começar a dizer alguma coisa desagradável, olhou para Ina e engoliu as palavras que já estavam à flor de seus lábios.

Seria impossível existir alguém que parecesse mais feliz, que estivesse com os olhos mais cintilantes e maravilhados.

Justamente naqueles últimos momentos, Ina descobrira, com intensa emoção, que estava apaixonada pelo marquês.

Agora sabia que dera o coração a ele no momento em que os olhos de ambos se haviam encontrado, na imensa sala de jantar, na noite em que ela chegara e o achara parecido com Kublai Khan.

Ina não compreendera que aquela profunda admiração pela aparência dele era amor, que o que sentira ao ouvir a profunda voz dele era amor.

Quando haviam sentado sob as amendoeiras e conversado, era amor o que ela sentira crescendo em seu íntimo, entre os dois. Tudo o que ela pensara e sentira ao vê-lo, aquela vontade de estar junto dele, tudo aquilo era amor.

Agora, maravilhosamente, como se um anjo tivesse descido do céu para anunciar, ele havia dito que queria se casar com ela!

Enquanto olhava para ele, Ina tinha a sensação de que o amor que sentia emanava dela como os raios de luz e calor emanavam do sol.

— É o que você quer? — ouviu a voz do tio perguntando. Tinha a

impressão de que ele estava muito longe e que era difícil entender o que o tio dizia.

Com esforço, voltou o rosto para ele.

— Eu perguntei — disse lorde Wymonde, em tom áspero —, se você quer mesmo se casar com o marquês.

— Quero, sim... como nunca quis nada neste mundo! — respondeu Ina.

Se bem que George Wymonde não fosse homem de imaginação muito fértil, sentiu-se como se estivesse ouvindo um coro extasiante, misturado ao canto de rouxinóis, vindo diretamente do céu.

Ele ainda estava desconfiado, havia algo no fundo de sua mente afirmando que alguma coisa estranha estava acontecendo ali, mas no momento não conseguia pôr as idéias em ordem, nem tinha coragem de falar nisso, principalmente diante de Ina.

— Acho esta hora da noite muito estranha para se tomar decisões que vão afetar sua vida toda... — disse surdamente.

— É que Irvine não teve nenhuma oportunidade de falar nisso antes — explicou Lucy. — As pessoas que vieram jantar aqui, hoje, foram embora há pouco, e Irvine achou que devia falar comigo logo, já que vamos embora amanhã.

Ela falava num tom insistente e quando encontrou o olhar do marido sentiu, com uma ponta de medo, que ele não acreditava no que dizia.

Mas Ina estava presente e lorde Wymonde não tinha a menor intenção de deixar que nada magoasse aquela criança.

Para começar, que prova ele tinha de que havia alguma coisa entre sua mulher e o marquês, a não ser o modo como ela estava vestida e sua inabalável convicção de que aquela situação era falsa?

— Agora que todo esse lance dramático terminou — disse ele —, sugiro que vamos todos nos deitar e que conversemos sobre isso amanhã.

— Eu sei que você está contente, meu George querido — insistiu Lucy. — Eu estou tão feliz pela nossa adorável Ina!

Enquanto falava, caminhou até junto de Ina e beijou-lhe as faces, enquanto a moça continuava imóvel, olhando para o marquês, como se não conseguisse enxergar mais nada à sua frente.

— Se é isso o que você quer, fico contente, Ina — disse George Wymonde. — Mas palavra que conheço modos melhores e mais convencionais de se fazer um pedido de casamento.

Naquelas palavras havia uma pitada de ironia que não escapou ao marquês, mas que Ina não notou, pois mal as ouvira.

Estava tão radiantemente feliz que a luz que iluminava o quarto parecia brotar mais dela do que das próprias velas.

Como se de repente Lucy tivesse notado o quanto Ina era adorável, disse depressa:

— Sim, claro... Você tem toda razão, George. Devemos ir nos deitar e falaremos disso amanhã.

— Eu gostaria muito de discutir esse assunto logo — replicou lorde Wymonde —, mas primeiro precisamos dormir um pouco.

Olhava para o marquês enquanto falava.

O marquês continuava olhando para Ina. Depois, quando ficou evidente que lorde Wymonde estava esperando que ele se mexesse para sair do quarto, disse a ela, em voz baixa:

— Boa noite, Ina!

— Boa... noite!

Mal pôde ouvir a voz da moça e, de fato, não era preciso palavras para expressar o que Ina estava sentindo.

Quando o marquês caminhou para a porta, passou por lorde Wymonde, que estava de costas para Ina.

Por momentos, os olhos dos dois homens se encontraram, e o marquês teria que ser muito obtuso para não perceber o que lorde Wymonde estava pensando.

— Boa noite, George — disse o marquês.

Chegou à porta, abriu-a e saiu, sem olhar para trás.

Lorde Wymonde voltou-se.

Ina não estava olhando para ele, mas sim para o lugar onde o marquês estava antes de sair do quarto.

Por instantes, ele pensou em contar a ela do que estava desconfiado, pensou em proibi-la de se casar com o marquês. Depois compreendeu que iria quebrar-lhe o coração se fizesse isso.

Naquele exato momento ele teve consciência de que nunca seria capaz de apagar aquela expressão extasiada que via nos olhos da sobrinha.

Tinha a sensação de que, se fizesse isso, seria a mesma coisa que torturar um animalzinho sem a menor possibilidade de se defender.

Por bem ou por mal, a criança que ele deixara em Chalé naquela tarde, excitada, encantada e intrigada com o estranho mundo ao seu redor, mas não

se deixando envolver por ele, tinha se tornado uma mulher.

Ela ainda parecia absurdamente jovem, mas homem nenhum, por menos imaginativo e prosaico que fosse, poderia ignorar que naquele momento ela irradiava um amor que lhe vinha do corpo e da alma.

Era um amor perfeito e extasiante como as canções dos anjos e a luz que vinham do paraíso.

Lorde Wymonde, de repente, teve a estranha sensação de que não existia, que Ina não percebia que ele se encontrava ali.

Ficou olhando para ela, muito quieto, durante longos momentos, imóvel e recolhido como se estivesse num lugar sagrado; depois saiu da luz daquele quarto para a profunda escuridão do quarto dele.

CAPÍTULO VI

Ina acordou e viu, com certo desapontamento, que era tarde.

Ficara acordada até muito tarde na noite anterior, pensando maravilhada no marquês e em seu amor por ele, sentindo-se arrebatada até as estrelas. Quando, afinal, adormecera com um sorriso nos lábios, já estava amanhecendo.

Agora, enquanto Hannah abria as cortinas e os raios dourados do sol entravam pelas janelas, parecendo o eco da felicidade que reinava em seu coração, lembrou-se de que se determinara a ir para junto das amendoeiras, assim que acordasse, porque achava que o marquês estaria lá, esperando por ela.

Era muito tarde, já, e Ina sabia que ele já devia ter voltado para casa e que estaria tomando café, lá embaixo.

Mas nada desse mundo poderia perturbar sua felicidade, que parecia borbulhar dentro dela, como as água de uma fonte. Pulou da cama e correu para a janela, a fim de olhar o lago, o bosque atrás dele e pensar que aquilo tudo era parte do homem a quem dera o coração.

Ficou parada por algum tempo, sentindo o calor do sol no rosto, depois disse, como se as palavras subissem sozinhas a seus lábios:

— Oh, Hannah eu estou tão... tão feliz!

— Por quê, a não ser por estar um lindíssimo dia? — perguntou Hannah, com seu modo azedo de sempre.

Ina suspirou, depois voltou-se de costas para a janela, e disse:

— Você não vai acreditar, Hannah, mas eu vou... vou me casar... com o marquês!

A velha criada ficou olhando para Ina durante alguns momentos, como se achasse que ela havia perdido o juízo. Depois da longa pausa, perguntou:

— O que está me dizendo? O que me disse, mesmo, senhorita Ina? Ina juntou as mãos e, parecendo um anjo na camisola branca, afastou-se da janela, iluminada pela luz do sol.

— Ontem à noite — começou, com voz emocionada —, tia Lucy trouxe o marquês aqui para me dizer que ele quer que eu seja sua esposa!

A voz de Ina modulou-se, como se ela estivesse cantando o que dizia.

Como Hannah não dissesse nada, ela continuou:

— Como é que eu ia saber... como é que ia imaginar que ele me ama... como eu o amo? Mas é verdade, Hannah... É verdade! Eu sou a mulher mais feliz do mundo!

A velha criada soltou um estranho e estrangulado som da garganta, mas não disse nada. Então, Ina correu para ela, dizendo:

— Diga que acha tudo maravilhoso, que mamãe e papai iriam ficar muito contentes, como eu sei que ficariam!

— A senhorita é muito moça para entender... — respondeu Hannah.

Havia uma estranha nota na voz dela, que Ina não compreendeu. Achou, então, que Hannah estava agindo protetoramente demais, como sempre. Sorriu e disse, com ternura:

— Você sempre quis que eu fosse feliz, Hannah. Agora, sei que nós duas vamos ser felizes, morando nesta casa maravilhosa. Mas às vezes tenho a sensação de que é só um sonho, que vou acordar, de repente.

— Sabe que quero mesmo a sua felicidade, senhorita Ina — disse Hannah com lentidão, como se estivesse escolhendo as palavras com cuidado. — Casar é um passo muito sério e às vezes é preciso pensar muito bem, antes de dá-lo.

— Não quando a gente ama — respondeu Ina. — Aconteceu comigo do jeito que aconteceu com mamãe. Ela me disse que quando viu papai soube logo que era o homem com quem sempre sonhara, que sempre vivera no coração dela.

Soltou um profundo suspiro feliz, depois continuou:

— E é isso mesmo que o marquês foi... e é, para mim. Movimentou-se pelo quarto como se tivesse asas nos pés, olhando os quadros, depois as figuras, os cupidos que havia no dossel da cama e também entalhes nos móveis.

Era como se os visse pela primeira vez. Tinham um significado especial, agora, porque iam pertencer-lhe, como pertenciam ao homem que ia ser seu marido.

Estava tão mergulhada na felicidade que não notou a expressão triste do rosto de Hannah, nem a apreensão que havia nos olhos dela.

Não podia ter a menor idéia da dificuldade com que a boa e velha criada estava se controlando para não dizer o que estava pensando.

Lá embaixo, na sala de jantar, lorde Wymonde estava tomando seu café da manhã em silêncio, com ar sombrio e zangado.

Não havia sinal algum do marquês, mas toda a ala masculina da festa prolongada foi chegando, um após outro. E todos pareciam surpresos ao ver lorde Wymonde ali. Faziam, mais ou menos, o mesmo comentário.

— Olá, George! Pensei que você fosse ficar na casa de Marlow esta noite.

— O problema do Jockey Club foi resolvido antes que eu chegasse lá. Então, perdi a viagem... — respondera lorde Wymonde não uma, mas várias vezes.

Pela expressão do rosto dele era óbvio que alguma coisa desagradável havia acontecido, por isso todos tinham achado melhor deixá-lo sozinho.

Quando terminou o café, ele saiu da sala de jantar para o hall.

Um criado estava ajeitando a bagagem dos convidados que iriam embora naquela manhã e Wymonde perguntou-lhe:

— O marquês já desceu?

— Sim, milorde — foi a resposta. — O marquês desceu, fez seu passeio de sempre a cavalo e agora está na biblioteca.

Sabendo onde era a biblioteca, lorde Wymonde enveredou por um corredor e abriu uma porta que dava para uma sala enorme, confortável, onde o marquês gostava de ficar quando não havia hóspedes na casa.

Estava sentado à escrivaninha, escrevendo, quando lorde Wymonde entrou, e ergueu os olhos com uma leve apreensão, mas disse com voz perfeitamente calma:

— Bom dia, George!

Lorde Wymonde atravessou a sala e parou, de costas para a lareira.

— Há uma coisa que quero lhe dizer, Chalé — disse, abruptamente.

O marquês não disse nada, mas largou a caneta e recostou-se no espaldar da cadeira.

— É o seguinte... — continuou lorde Wymonde. — Eu não pretendo comentar o que aconteceu ontem à noite, a não ser que não admito, em hipótese alguma, que Ina venha a sofrer. Se forem mesmo ficar noivos, insisto em que seja um noivado muito longo, e espero que ela, com o passar do tempo, mude de idéia.

Lorde Wymonde terminou de falar e tinha-se impressão de que as palavras pairavam no ar, como se ele tivesse feito um discurso. Como o marquês não replicasse, ele acrescentou:

— Isso era tudo o que eu tinha a dizer!

Sem olhar de novo para seu anfitrião, saiu da sala, fechando a porta

atrás de si.

Ina desceu a escada vestindo a roupa que escolhera por achar que era a mais linda que tinha.

Tinha sido difícil esperar, enquanto Hannah insistia em que tomasse café e, depois, enquanto a velha criada lhe penteava os cabelos. Tivera a impressão de que Hannah estava mais lenta do que de costume.

Tudo nela a incitava a sair correndo, porque não podia voar, ao encontro do marquês para ouvi-lo dizer novamente que ele queria se casar com ela. E se ficassem sozinhos, quem sabe ele a tomaria nos braços e a beijaria.

Ina prendeu a respiração ao imaginar-se tão perto do marquês, sentindo os lábios dele nos seus.

Estremeceu só em pensar em algo tão maravilhoso, tão perfeito!

Como achava que pertenciam um ao outro desde o primeiro momento em que se tinham visto, desde o começo dos tempos, aliás, sabia que quando ele a beijasse iriam tornar-se inseparáveis, como uma só pessoa, do jeito que Deus quisera que fossem.

— Eu o amo! — disse Ina, a cada degrau da escada.

Eu o amo!, pensou, e sua mão tocava o corrimão com carinho, porque era dele.

Olhou para os ancestrais de Chalé pendurados nas paredes e teve a impressão de que sorriam para ela, de suas molduras douradas, contentes porque Ina ia se tornar da família.

Eu o amo!, tinha vontade de gritar para os criados que estavam no hall.

Ao invés disso, perguntou educadamente, sentindo que seu rosto ficava corado:

— Por favor, sabe onde o marquês está? O criado a quem se dirigira respondeu:

— Não sei, senhorita, mas ouvi dizer que ele ia mostrar o laranjal ao sr. Bates, hoje.

Ina sorriu.

— Então, ele deve estar lá. Vou encontrá-lo.

Saiu andando depressa, com vontade de correr para o laranjal, que ainda não conhecia, mas que tinha certeza de ser um lugar onde gostaria de ficar a sós com o marquês.

Lá em cima, recostada nos travesseiros, Lucy encarava o marido com

uma expressão de raiva no rosto bonito.

Havia acabado de tomar o café da manhã quando ele entrara no quarto. No mesmo instante ela soubera, com um aperto no coração, que era cedo demais para a desagradável cena que previa e que iria acontecer, se não conseguisse evitar.

Quando saíra do quarto de Ina, na noite anterior, ela esperara que George a seguisse até o quarto, mas em vez disso, para sua surpresa, ele ficara no quarto de vestir.

Quando, afinal, vira por baixo da porta que a luz do quarto de vestir apagara, mal pudera acreditar que não ia acontecer o interrogatório que esperava.

Agora ele estava diante dela e Lucy desejava ardentemente que isso acontecesse mais tarde, quando já não estivesse se sentindo tão cansada ou, se bem que ela jamais iria admitir isso, tão assustada.

O que George disse não foi, absolutamente, o que ela estava esperando ouvir:

— Se você andar logo, podemos pegar o trem do meio-dia com os demais convidados.

— E por que iríamos fazer isso? — indagou Lucy. — Combinamos que vamos embora hoje à tarde e tenho certeza de que quando Alice souber da novidade vai nos convidar para ficarmos até amanhã.

— Não tenho a menor intenção de fazer isso! . Respondeu Wymonde, mais do que decidido.

— Mas é claro que Alice vai querer que a gente fique.

— Não pretendo discutir com você sobre isso — disse lorde Wymonde. — Se pensa que vou ficar mais uma noite sequer sob este teto está muitíssimo enganada!

Havia uma grande fúria reprimida na voz dele e Lucy percebeu, mas como ele dissera que não estava disposto a discutir, sua apreensão cedeu um pouco.

Mas também ela se acostumara a conseguir tudo o que queria e George sempre fora tão fácil de manejar.. .

— Não posso imaginar — começou a dizer, em voz que forçou para soar com uma calma que não sentia — por que você está tomando essa atitude, quando deveria estar muito alegre pelo fato da querida Ina ter uma existência tranqüila garantida.

Houve um leve estremecimento na voz de Lucy ao mencionar o nome

de Ina e um toque de despeito que ela não conseguiria esconder, a não ser que fosse sobre-humana.

Então, percebeu que o marido a estava olhando de modo tão penetrante que chegava a causar certo medo.

Desviou o olhar dele e disse, num tom que jamais deixara de provocar reação favorável em Wymonde, antes:

— Eu acho que você deveria estar contente, George. Eu só estava tentando fazer o que acho que é melhor para Ina.

Lorde Wymonde soltou um som que pareceu um tanto depreciativo e como sentiu que não conseguiria continuar mais olhando para a esposa, atravessou o quarto e foi até a janela. Ficou olhando para fora com olhos que nada viam.

— Eu não sou bobo, Lucy — disse, depois de um momento. Uma mulher esperta e previdente como Lucy deveria ter se mantido calada. No entanto, ela retrucou:

— Ninguém está dizendo que você é, George, mas não apenas está parecendo bobo, como também muito mal-educado, querendo ir embora repentinamente de Chalé, quando há inúmeras razões para ficarmos aqui e conversar sobre muitas coisas.

O que realmente Lucy pretendia era dar um jeito de encontrar-se com o marquês a sós.

Estava decidida a conversar com ele, decidida a convencê-lo de que o estratagema desesperado de que lançara mão para salvá-los do escândalo não era tão terrível quanto parecia.

Ficara acordada até tarde, na noite anterior, pensando naquilo. E depois de uma onda de ódio insano em relação a Ina, que poderia ter o marquês como marido, Lucy convencera-se de que era o melhor que podia acontecer.

Um dia o marquês teria que se casar, mas isso não impediria que tivesse casinhos discretos, se é que essa era a denominação certa para isso, como faziam todos os homens de seu mundo, sem que ninguém achasse nada de errado no fato.

O exemplo dado pelo príncipe de Gales tinha sido seguido pela maioria de seus amigos e conhecidos. Lucy talvez fosse a única do grupo que não tivera nenhum amante, estando casada há tantos anos com George.

O motivo disso era que Lucy só se interessava pelos homens como admiradores de sua beleza, que a elogiassem e depusessem os corações a seus

pés.

Como sempre dissera, sinceramente, não queria que nenhum deles tocasse nela.

Mas com o marquês era diferente, e ela sabia, com fúria reprimida, que se George não tivesse voltado tão inoportunamente e de modo inesperado na noite anterior, ela teria conhecido, pela primeira vez, as delícias do amor que suas amigas tantas vezes lhe tinham descrito.

Agora, ia ter que esperar muito tempo por uma outra oportunidade, mas quando o marquês estivesse noivo de Ina, e depois talvez até casado com ela, George não poderia evitar que se encontrassem muitas vezes e que vivessem, como se diz na gíria: uns pisando nos calcanhares dos outros.

Nada poderia ser melhor do que isso, dissera Lucy a si mesma nas primeiras horas da manhã, ainda acordada, revirando os acontecimentos, lembrando de como tudo acontecera e certa de que no futuro George não poderia exigir que ela se mantivesse afastada de Chalé.

Queria ser *persona grata* ali, custasse o que custasse, e Ina era jovem demais para poder interferir nos acontecimentos.

Garantira a si mesma, também, que haveria milhares de oportunidades, no futuro, para o marquês lhe dizer, como iria fazer na noite passada, como era linda e como o atraía.

E por mais que George quisesse evitar os encontros, não poderia bancar o carcereiro vinte e quatro horas por dia durante anos.

Irvine é meu e ninguém mais vai tê-lo!, prometera-se Lucy.

Se era de se esperar que os maridos eduardianos fossem complacentes, o mesmo acontecia com as suas esposas, e Lucy sabia perfeitamente que a maior parte de seus amigos deixavam as esposas e os filhos no interior, levando-os para Londres apenas em ocasiões muito especiais.

Depois que eles se casarem vamos dar um jeito para nos encontrarmos de vez em quando em Londres, e vou ter muitas chances de vir a Chalé sozinha, pensara ela.

Começara a contar o número de corridas de cavalos a que George deveria ir e quantas vezes, se fosse o caso, ela iria acompanhá-lo.

Havia as corridas que tinham sido realizadas no norte da Inglaterra, no ano anterior. Ele também fora à Escócia, para uma partida de caça.

Se havia uma coisa que Lucy realmente detestava eram reuniões para caçadas. Nessas ocasiões estragava sua aparência ao vento e aborrecia-se mortalmente enquanto esperavam que as aves levantassem vôo para atirarem

nelas, nas madrugadas friorentas.

O marquês iria casar-se com Ina, concluía Lucy, e George teria que ficar satisfeito por sua linda sobrinha ter conseguido tão vantajoso casamento.

Mas ela queria apossar-se do coração do marquês, pois ninguém podia prever ou evitar o amor. Era um sentimento incontrolável.

Essa era uma coisa em que Lucy jamais acreditava antes. Mas agora tinha certeza de que estava amando e via que o amor era exatamente como os poetas descreviam e do jeito que suas amigas lhe tinham afirmado que era.

Um sentimento irresistível, excitante, tempestuoso e maravilhoso.

Lucy sempre tinha achado que tais descrições eram exageradas e, no íntimo, achava que demonstrações amorosas eram coisas muito vulgares.

Agora podia entender por que uma mulher apaixonada podia fazer qualquer coisa. Não que tivesse intenção de cometer loucuras, tanto que fora graças ao seu sangue-frio que ela e o marquês tinham escapado do desastre da noite anterior.

Ainda estava pensando nisso tudo quando as batidas na porta e a voz de George, lá fora do quarto, tinham feito Lucy arrepiar-se de medo e seu corpo se tornar de mármore, sob a forte tensão.

Tudo estava acontecendo como ela sonhara, como desejara ardentemente e, de repente, tudo ameaçara ruir como se fosse um frágil castelo de cartas que houvesse construído penosamente ao seu redor.

Só tinha conseguido se salvar graças à intensa agilidade de sua mente e a um poderoso instinto de autopreservação.

Era evidente que George não se havia deixado enganar, Lucy sabia disso. Mas, ao mesmo tempo, o que ele poderia fazer?

Lucy só podia se sentir grata à boa sorte por ainda estar de camisola e negligê e o marquês estar completamente vestido quando seu marido voltara. Caso contrário, as coisas teriam sido bem mais complicadas.

George poderia fazer inúmeras suposições, mas não podia provar nada, e ele sabia perfeitamente que seria um enorme erro de sua parte fazer acusações sem bases muito sólidas.

Ela se sentia muito segura de si e por isso disse, decidida:

— Por favor, pare de criar dificuldades, George. Se formos embora hoje, não tenho a menor intenção de estar pronta antes das três horas, que foi o horário que já havíamos combinado. No entanto, seria muito melhor se fôssemos amanhã ou depois.

Houve um silêncio. Depois, lorde Wymonde disse, ainda na fria e

indiferente voz que havia adotado desde que entrara no quarto:

— Muito bem. Vamos às três horas. Nenhum argumento, de você ou de qualquer outra pessoa, vai me convencer a ficar nesta casa por mais tempo!

Lucy estava imaginando se não seria melhor política gritar ou chorar quando lorde Wymonde lhe voltou as costas e saiu do quarto do mesmo modo que saíra da biblioteca.

Ina chegou ao laranjal, mas ficou decepcionada. Não havia ninguém lá.

No entanto, havia um pavilhão muito bonito de laranjeiras em flor que, ela supôs, tinham sido importadas da Espanha. No pavilhão, que era uma estufa, viu grande número de plantas, arbustos, que deveriam ser provenientes de diferentes partes do mundo. Alguns tinham não só flores muito coloridas, como também de formatos fascinantes, que Ina jamais tinha visto. Imaginou que seu pai se interessaria muito por elas e que gostaria de pintá-las.

Depois, como lhe era impossível pensar em qualquer pessoa que não fosse o marquês, ela foi até uma janela na esperança de vê-lo aproximar-se, pelo jardim, com os cachorros a acompanhá-lo.

Novamente desejou tê-lo encontrado, como pretendera, entre as amendoeiras.

Deixara-o surpreso quando contara sobre o desenho que fizera dele, mas tinha certeza de que se o desenhasse de novo ele não iria parecer como da primeira vez.

Vou pedir a ele que escreva mais poemas, pensou Ina, e quem sabe ele se anima a tentar escrever algum romance...

Imaginou que a história da família Chale devia dar um livro muito interessante e indagou se seria capaz de fazer o marquês escrevê-la.

Pelo jeito que ele falava, Ina tinha certeza de que não apenas deveria escrever em ótimo inglês, como também tinha um extenso vocabulário.

Seu pai zombava das pessoas que usavam poucas palavras para se expressar.

— A média das pessoas — dizia, desdenhosa — usa de duzentas a trezentas palavras, quando a riqueza de um idioma é imensa, é como música, como pintura, amplia a cultura e desenvolve os conhecimentos.

Quando conversara com o marquês, Ina percebera que ele não só era inteligente e culto, como também poderia, se quisesse, ser criativo

escrevendo.

Afinal de contas, fora isso o que seu desenho mostrara, e ele mesmo admitira esse fato ao contar-lhe que escrevera algumas poesias.

Percebeu, de repente, que estava repetindo o poema que ele fizera para ela:

“... sobre uma ninfa, um espírito, cuja dança leva Meu coração do inferno ao paraíso, Quando me lembro”.

Ina o amava e sabia que o amor deles faria de sua vida juntos um paraíso para ela, ao mesmo tempo em que faria tudo para torná-lo feliz do mesmo jeito.

Ele jamais se arrependeria de ter casado com ela ou sentiria que havia perdido alguma coisa na vida. Ina tinha certeza de que juntos iriam encontrar novos horizontes da mente e alcançar novos picos do intelecto.

Pensar nessas coisas deixou Ina tão feliz que ela sentiu vontade de dançar, como dançara sob as amendoeiras.

Eu preciso falar com ele... Eu tenho que vê-lo!, pensara Ina.

Decidiu voltar para casa e ver se alguém sabia se ele estava lá ou nos campos.

Ia se dirigir para a porta da estufa quando ouviu passos e pensou, com o coração saltando, que devia ser o marquês.

Ficou parada, apesar de ter vontade de correr-lhe ao encontro. Os passos se aproximaram e um homem apareceu entre as plantas. Não era o marquês, como Ina esperara, mas sim o príncipe.

O desapontamento dela foi tão grande que chegou a sentir uma dor surda no peito.

Então, pela primeira vez ela teve consciência de que não precisava mais ter medo do príncipe.

Ela pertencia ao marquês, era dele, e isso era uma proteção inviolável que a punha a salvo de qualquer outro homem.

Percebeu, enquanto o príncipe se aproximava dela, que ele estava vestido para viajar, e achou que estava querendo apenas se despedir.

Quando o príncipe viu a silhueta de Ina recortada contra o fundo de flores coloridas, sorriu, dizendo:

— Imaginei que estivesse aqui, linda *lady*. Por isso vim para dizer até logo e que assim que voltar para casa de seu tio, em Londres, irei fazer-lhe uma visita.

Ina não falou logo, incerta sobre se iria conseguir pôr em palavras o

que tinha para dizer a ele.

O príncipe aproximou-se mais e disse, olhando para ela:

— Você é mesmo adorável! Tenho muita coisa para lhe dizer, mas acho que este não é o lugar certo. ..

Havia uma nota na voz dele que era mais eloqüente do que as próprias palavras. Ina olhou para cima e viu, na expressão dos olhos do príncipe, que não havia se enganado ao imaginar os sentimentos que aquele homem alimentava por ela.

— Muita bondade de Vossa Alteza — disse Ina —, mas não vou permanecer por muito tempo mais na casa de meu tio, e enquanto ficar lá vou estar muito ocupada preparando meu enxoval.

Aquelas palavras causaram um choque evidente no príncipe. Então, como se achasse que não tinha ouvido direito, ele repetiu:

— Seu enxoval? Está querendo me dizer que vai... vai se casar?

— Sim, Alteza. Vou me casar com o marquês! A voz de Ina pareceu vibrar quando pronunciou aquelas palavras que lhe eram tão preciosas.

— Isso é verdade? — indagou o príncipe.

— É verdade, sim — respondeu Ina. — E espero que o senhor nos deseje felicidade.

A moça olhou para o príncipe enquanto falava e ficou surpreendida com a expressão que havia no rosto do homem.

Então, para seu grande espanto, ele disse:

— Não seja bobinha! Por que vai se casar com o marquês nessas circunstâncias? Há muitos homens que podem lhe oferecer coisa melhor!

— Eu não... não entendo... o que o senhor está dizendo — replicou Ina.

Ainda estava observando o príncipe, achando que ele falava de modo esquisito, talvez por ter bebido. Não imaginava que aquela atitude prendia-se a algo acontecido naquela manhã, bem cedo.

Notou que ele estava concentrado em algum pensamento diferente, que parecia revolver fatos em sua mente, até que disse:

— Meu criado me disse que seu tio voltou inesperadamente na noite passada e agora estou começando a entender. Se é verdade que o marquês a pediu em casamento... quando foi que ele o fez?

O modo de o príncipe falar deixou Ina assustada.

— Eu não... não sei do que... o senhor está falando — respondeu ela.
— E o senhor não tem direito de me... me fazer essas perguntas.

Ela quis passar pelo príncipe, achando que devia sair da estufa e voltar para casa, a fim de saber onde o marquês estava.

Mas quando estava passando por ele, o príncipe pôs as mãos nos ombros dela.

— Responda — disse ele. — Diga-me quando o marquês lhe pediu que se case com ele.

Ina achou que seria indigno demonstrar medo, debater-se, e que não havia motivo para não dizer a verdade. Então, respondeu:

— Ele disse para tia Lucy que queria se casar comigo e ela foi ao meu quarto, esta noite, para dar a notícia maravilhosa. Enquanto estávamos lá, ouvimos tio George chegando e ela contou também a ele.

— Então, foi assim que aconteceu... — murmurou o príncipe. — É o que eu pensava! E você, que é tão inocente, serviu de “pata de gato” para tirar as castanhas quentes do fogo para eles!

O príncipe disse essas palavras com violência. Dessa vez, Ina tentou livrar-se das mãos dele.

— Eu não... não sei... do que o senhor... está falando — gritou. — Por favor, me deixe ir!

Tentou se afastar, mas o príncipe a manteve segura.

— Agora me escute, Ina — disse ele. — Assim que vi você eu a amei de um jeito que jamais imaginei que poderia amar, ainda mais na minha idade. Mas eu a amo e peço-lhe que se case comigo.

Por instantes, Ina pensou que ele estivesse brincando. Depois observou-o melhor e viu que estava falando sério.

— É... É muita bondade, Alteza — conseguiu murmurar. — É, claro... eu me sinto honrada... Mas já disse ao senhor que... que vou me casar com... o marquês.

Só de falar nisso a felicidade brilhou no rosto de Ina e o príncipe percebeu.

— Como é que você pode ser tão idiota? — perguntou, com raiva. — Será que não entende o que aconteceu?

Ina olhou-o, admirada.

Ela não podia imaginar o que ele estava tentando dizer. Só conseguia ter consciência de que ele a mantinha prisioneira e que estavam sozinhos na estufa.

— Por favor... deixe-me ir... Alteza — disse ela. — Realmente... não temos mais nada a nos dizer.

— Temos, sim! — replicou ele. — E não vou deixar que vá embora sem me ouvir. Quero me casar com você! Isso não significa nada?

— Como poderia significar — retrucou Ina —, se eu já disse a vossa Alteza que vou me casar com o marquês? Eu o amo e ele me ama!

— Ele lhe disse isso ontem, diante da sua tia? — perguntou o príncipe, insistente.

O tom da voz dele, áspero, duro, pareceu arranhar a mente de Ina, que pela primeira vez começou a imaginar o que ele estaria tentando lhe dizer.

— O que... o que o senhor... quer dizer?

— Você precisa encarar os fatos — disse o príncipe. — O marquês não ama você, mas sim sua tia. Será que é tão cega que não enxerga isso?

— Não... Não é verdade!

Essas palavras mal passaram de um sussurro.

— Claro que é verdade — confirmou o príncipe. — Esta festa prolongada foi organizada por causa dela, e quando ela foi para seu quarto, ontem à noite, dizendo que o marquês queria casar com você, aposto tudo o que tenho como foi porque ela percebeu que seu tio tinha voltado de repente e ia descobrir o que ela estava fazendo na ausência dele.

Agora, por fim, Ina havia compreendido o que ele estava insinuando, e quando ia abrir os lábios para dizer que aquilo era ridículo, e que o marquês não estava apaixonado por sua tia Lucy, começou a se lembrar de coisas em que ainda não tinha pensado.

Como se um quadro fosse se formando diante de seus olhos, pôde ver a porta do quarto de vestir do tio aberta e Lucy entrando por ela, parecendo extraordinariamente bonita, usando o negligê azul que Ina já tinha visto antes e que achara a roupa mais atraente do mundo.

Pensando melhor, Ina via a camisola azul, transparente que havia por baixo do negligê; a camisola que tanto havia admirado quando a criada de quarto de Lucy a colocara numa cadeira perto da cama.

Tia Lucy, de camisola e negligê entrando agitada no quarto, e atrás dela, andando um pouco mais devagar, o marquês.

Pensando naquilo agora, Ina lembrava-se de que naquele momento tivera a impressão de que algo estava errado com o marquês, e como se a pressão das mãos do príncipe a obrigasse a descobrir o que era, lembrou-se de que a gravata dele estava frouxa, quase solta.

Então, tia Lucy havia sentado na beirada da cama, jogara o livro dela de lado, dissera que o marquês queria casar-se com ela e Ina lembrou bem de

como se sentira!

O teto da casa desaparecera e ela tivera a impressão de estar junto do céu e das estrelas, com uma luz radiante que vinha lá do alto, mas que não era luar, não era luz que vinha da lua, mas sim do próprio Deus.

Lembrou-se do encantamento que a envolvera, que não tivera consciência de mais nada a não ser do marquês e dos olhos dele em seus olhos.

Aí, tio George havia entrado pela porta que dava para o quarto de vestir e tia Lucy soltara um gritinho de surpresa ao vê-lo.

Ninguém esperava que ele voltasse naquela noite, e o tio havia dito que só voltaria no dia seguinte. No entanto chegara poucos instantes depois de tia Lucy e o marquês terem entrado no quarto dela!

O príncipe estava olhando o rosto de Ina, parecendo saber tudo o que ela pensava. Disse:

— Agora entendeu? E percebeu como foi enganada e usada? Case comigo, Ina, e deixe sua tia com o precioso marquês, fazendo seu tio de bobo, se ele quiser, mas não você!

De repente, Ina teve a impressão de ver um quadro tão horrível, tão angustiante, que soltou um grito de horror que pareceu ecoar pela estufa.

Com um convulsivo movimento do corpo, conseguiu livrar-se das mãos crispadas do príncipe.

— Não vá, Ina! Ouça aqui...

Enquanto ele dizia isso, tentando agarrá-la de novo, Ina saiu correndo da estufa.

Pouco depois atravessava o grande hall, sempre correndo, e lançava-se escada acima, sem ligar para os criados, que a olhavam surpreendidos.

Se havia alguém no caminho, Ina entrou no quarto dela sem ter visto nada.

Correra mais depressa do que já o fizera na vida, em direção do único refúgio que conhecia.

Abriu a porta e viu Hannah terminando de arrumar as malas. A velha criada ergueu a cabeça ao ouvir o barulho da porta, parecendo preocupada. Quando viu o rosto de Ina, começou:

— O que foi? O que aconteceu?

Ina atirou-se para ela, abraçou-a pelo pescoço, chorando.

— Eu quero ir embora! Leve-me daqui, Hannah! Oh... leve-me embora! Eu não posso... ficar aqui! Eu quero ir... para qualquer outro lugar... qualquer um... bem longe, onde eu nunca mais o veja!

Então, os braços de Hannah rodearam-lhe os ombros, enquanto Ina se desfazia em lágrimas e repetia:

— Leve-me embora... esconda-me! Eu não quero vê-lo... não quero ficar! Oh, Hannah... Hannah... leve-me embora!

CAPÍTULO VII

Ina saiu da casa para o jardim.

Ficava no alto de uma das colinas que dominavam Nice e dela tinha-se uma visita panorâmica das ilhas, do mar e do céu muito azul.

Ficou parada, olhando, até que sentiu uma dor surda no peito. Voltou-se para um cerrado canteiro de arbustos floridos, onde havia um banco de pedra.

Sentou-se, pondo no colo o caderno de desenhos que Hannah sugerira que levasse para o jardim.

— Vá e desenhe a vista daqui — dissera Hannah, em tom de comando. — É o que seu pai faria até encontrar coisa melhor para fazer.

Ina sabia que era verdade. Ao mesmo tempo, não estava com vontade de desenhar, e o caderno novo que Hannah comprara para ela em Nice continuava em branco.

Só de olhar para ele Ina lembrava-se de outro caderno, o velho, onde havia desenhado o marquês, mas que não abrira desde que havia saído de Chale.

Hannah compreendera o que ela estava sentindo e, falando pouquíssimo, levava-a embora, como Ina havia implorado.

Pelo jeito de Hannah falar e a expressão dos olhos dela, Ina percebera que ela sabia por que o marquês lhe pedira que se casasse com ele, por que tia Lucy o levava ao seu quarto.

Para Ina existia somente o que sentira ao passar do mais puro êxtase ao mais negro desespero, e aquela sensação de se sentir suja, manchada pelo que tinha acontecido.

Era muito inocente e não tinha uma idéia exata do que um homem fazia ao praticar amor com uma mulher, mas sabia que sua mãe amara seu pai profundamente, com todo o seu ser, e que qualquer outro tipo de amor deveria ser errado e ruim.

Tia Lucy havia se casado com tio George. Era esposa dele. Também já tinha idade, era mais velha do que o marquês, e para Ina toda intriga secreta era suja e revoltante.

— Eu nunca mais posso... vê-los — soluçara ela. — E eu... não posso mais... olhar para eles... falar com eles.

Hannah compreendera.

Com a eficiência que tinha adquirido em tomar conta de Ina durante todos aqueles anos em que servira os pais da moça e, depois, quando passara a ser mãe e pai dela, Hannah tinha dado um jeito de conseguir que uma das carruagens que esperavam no pátio de Chalé as levasse, com as bagagens, até a estação.

Naturalmente, não dissera que estavam indo embora, mas pedira a uma criada que avisasse a marquesa que Ina estava com dor de cabeça e não desceria para almoçar.

Para ter certeza de que ninguém iria procurá-las, acrescentara que Ina estava dormindo.

De mão dada com Hannah, porque seus olhos estavam vermelhos e inchados de tanto chorar, Ina descera a escada dos fundos e deslizara para dentro da carruagem depois de as malas já estarem acomodadas.

Era carruagem de um só cavalo e um sócocheiro, mas tinham conseguido chegar à estação e pegar o trem para Londres antes que alguém descobrisse que tinham saído de Chalé.

Hannah era quem sabia em que estação podiam pegar um trem para Dover e fora ela que, sem nada perguntar a Ina, providenciara a volta imediata a Nice.

Quando haviam chegado à cidade onde Ina vivera com o pai e, mais tarde, com a sra. Harvester, o calor e o sol dourado dera-lhe a sensação de que estava passando para um outro mundo, mas Ina não conseguia sentir mais nada a não ser sua profunda infelicidade.

Quando pudera raciocinar com um pouco mais de calma, compreendera como Hannah agira certo levando-a de volta ao lugar onde seu dinheiro estava.

Todo o dinheiro que o pai e a sra. Harvester haviam deixado para Ina estava num banco em Nice, e Hannah não a lembrara de perguntar ao tio se não seria melhor transferi-lo para a Inglaterra.

Por isso, lá estava o dinheiro esperando por elas, assim como os móveis que tinham deixado guardados com os quadros de Roland Monde, quando tinham viajado para a Inglaterra.

Hannah havia acertado ao dizer que quando soubesse onde Ina estava lorde Wymonde iria achar que era seu dever fazê-la voltar para a Inglaterra.

— Escute bem, senhorita Ina — dissera ela, logo depois de terem chegado, quando ainda estavam hospedadas numa pensão para se refazer do

cansaço da viagem.

— O que é? — indagara Ina, sem interesse.

— Acho que hoje devemos sair e ver se encontramos uma casa para alugar — dissera Hannah.

Tivera a impressão de ver um leve brilho de atenção nos olhos de Ina, mas ela não dissera nada. A velha criada tinha pensado, então, que era muito difícil reconhecer em Ina a moça feliz, radiante, que entrara em Chalé envolta em encantamento, para lá encontrar o homem de seus sonhos.

— Eu estava pensando — continuara Hannah —, que podem nos chamar de volta.

Ina parecera surpreendida e ela explicara:

— Cedo ou tarde seu tio vai descobrir que voltamos para Nice. Ele é o seu tutor e se quiser que a senhorita volte para a Inglaterra vai ter que obedecer.

Ina soltara um gritinho.

— Não, não! Eu não posso fazer isso! Eu não quero voltar... Eu não posso... suportar isso!

Não havia dúvida de que tal idéia a assustava e Hannah sabia que ia ser preciso muito tempo para Ina se recuperar do choque que sofrera.

— O que eu ia sugerir — disse Hannah, em sua calma e decidida voz — é que podemos mudar de nomes. Podemos fazer isso e alugar uma casa nas colinas de Nice. Com nomes diferentes, ninguém vai nos ligar à sra. Harvester ou ao seu pai.

Ina batera palmas, mais animada.

— Como você é esperta, Hannah! Temos bastante dinheiro para ficar anos por aqui e ninguém vai nos encontrar.

Hannah concordara.

— Podemos ficar, sim, até a senhora achar que pode encarar seu tio de novo. Afinal de contas, ele não teve culpa de nada.

— Ele sempre foi bom para mim — dissera Ina, em voz baixa. — Mas pode querer que eu volte para a Inglaterra, e não posso... não posso mais falar com... tia Lucy.

— Bom, não é preciso se preocupar com essas coisas agora — retrucara Hannah, bruscamente. — Precisamos é ir logo ao banco e retirar todo o dinheiro que a senhorita depositou.

— Por que isso? — indagara Ina.

— Porque lá eles sabem quem a senhorita é, e se continuarmos usando

esse banco vão descobrir onde moramos.

— Claro! — exclamara Ina. — Você é muito esperta mesmo, Hannah!

— Há outros bancos em Nice — tornara a dizer Hannah —, e podemos depositar o dinheiro num deles, com o seu novo nome.

— Que nome você acha que devia ser?

Ina achara divertido escolher uma nova identidade para si mesma.

Decidira que pareceria mais respeitável se Hannah fosse sua “tia”. Rira ao pensar em “tia Hannah”, mas em seguida pensara que seria muito mais lindo e mais... respeitável Hannah como sua tia do que a verdadeira.

Não havia necessidade de palavras entre elas.

Colocara a mão sobre a de Hannah, por momentos, e isso dissera à velha criada o quanto Ina lhe estava agradecida e como a queria bem.

A “sra. Walgrave” e sua sobrinha Ina haviam encontrado uma infinidade de vilas à escolha, para alugar, desde que podiam pagar.

Haviam alugado uma carruagem para percorrer as colinas e, afinal, tinham escolhido uma casa perto da praia, junto de Villefranche.

Era pequena, mas o jardim lindíssimo, e até Hannah teve que reconhecer que a paisagem era fantástica.

Depois de terem se mudado, ajeitado os móveis que a sra. Harvester havia deixado para ela, pendurado na parede os quadros de Roland Monde, Ina achara o jardim muito bonito mesmo, e a vista fizera com que se lembrasse de Chalé e do marquês, ao mesmo tempo em que todo o seu ser parecia clamar por ele.

Compreendera que nunca mais iria ter o êxtase que tivera quando acreditara que ele a amava. Naquele momento em que o marquês estava ao lado de sua cama, com os olhos nos dela, Ina tivera a sensação de estar no céu, entre as estrelas.

Mas, na verdade, ele amava tia Lucy, e, como o príncipe dissera, Ina tinha sido usada como “pata de gato” para salvá-los da ira de tio I George.

Às vezes, quando ficava acordada durante a noite, Ina tinha a impressão de que ia ficar louca, pois o que acontecera se repetia continuamente, em sua mente, sem que ela conseguisse parar de pensar, escapar daquela tortura.

Então, dizia a si mesma que odiava o marquês pelo que ele lhe havia feito, mas as lágrimas subiam-lhe aos olhos e ela chorava desesperadamente, sobre o travesseiro, porque sabia que nunca mais iria vê-lo.

— O que vai ser de mim? — perguntou, então, naquele momento,

olhando o mar.

Ina era inteligente e sensível demais para achar que iria ficar ali, com Hannah, para sempre.

E mesmo que naqueles momentos não tivesse vontade de fazer amigos, de se ligar a conhecidos, sabia que era impossível viver com apenas uma pessoa para conversar. Ninguém podia viver assim.

Para começar, Hannah já era idosa e cedo ou tarde iria deixá-la sozinha.

Preciso usar a capacidade que tenho, disse Ina a si mesma, e me manter ocupada, fazendo alguma coisa...

Sabia que a única coisa que podia fazer era desenhar, mas achou que talvez pudesse encontrar em Nice um professor que lhe ensinasse técnicas de desenho e pintura, de modo a que, se tivesse mesmo talento, um dia viesse a ser uma artista.

Mas quando olhava os quadros do pai, achava que tinham um toque de genialidade que ela não possuía, de jeito algum.

Não conseguia explicar o que era esse toque genial, só sentia que ele estava presente nos trabalhos do pai. Tinha consciência de que a única coisa que poderia produzir com algum mérito real era o desenho e, mesmo assim, punha nos seus trabalhos algo tão pessoal e perceptivo que chegava a ter medo deles.

Pensou no que acontecera quando desenhara o marquês e teve a assustadora sensação de que, se pegasse num lápis para desenhar, o resultado iria ser ele: seu rosto, seus braços, suas mãos, seus lábios!

Não, não! Eu acho que não consigo nem tentar, disse a si mesma. Tenho que pensar em alguma outra coisa para fazer.

E tentou concentrar-se para descobrir o que seria essa “outra coisa”.

Não adiantava. Inevitavelmente seus pensamentos iam para Chalé e compunham a imagem dele, seu rosto, seus olhos.

Era como se não houvesse nada mais no mundo inteiro a não ser ele. Ina sentiu que seria a solidão absoluta sem ele e cobriu os olhos com as mãos.

— O que vou fazer? — murmurou. — Oh, meu Deus, o que é que vou fazer?

Percebeu que alguém se aproximava e pensou, depressa, que Hannah não devia encontrá-la chorando.

A velha criada tinha se esforçado tanto para fazê-la feliz que Ina sentia vergonha por não conseguir corresponder a tudo o que Hannah estava

fazendo por ela.

Enxugou as lágrimas com as mãos antes que Hannah chegasse perto do banco de pedra e parasse.

— Eu acho que você me pegou dormindo, sonhando de olhos abertos... — começou a dizer Ina num tom que julgava ser muito alegre.

Voltou a cabeça enquanto falava e ficou petrificada.

Quem estava ali perto, parado, não era Hannah. Era o marquês.

A princípio achou que aquela figura não era real, mas sim um produto de sua imaginação. Já o havia visto tantas vezes, desde que chegara a Nice, que não conseguia perceber onde seus pensamentos terminavam e onde começava a realidade.

Ficou olhando fixamente para ele, contendo a respiração por medo que o marquês se desvanecesse no ar. Então, ouviu-lhe a voz profunda:

— Ina!

O nome dela pareceu sair-lhe dos lábios como se ele não conseguisse controlá-los.

Ina teve a impressão de que havia uma luz diferente nos olhos dele, mas não conseguia ter certeza de nada, a não ser de que ele estava ali mesmo.

— Sua criada me disse que podia encontrá-la aqui — disse ele, depois de um longo momento.

— Hannah! — murmurou Ina. Os lábios do marquês tremeram.

— Ela tentou me convencer de que era a sra. Walgrave, disse que nunca tinha ouvido falar em você, mas vi a assinatura de seu pai em um dos quadros do hall.

Ina não conseguia falar. Podia apenas ficar imóvel, olhando para ele, convencendo-se de que o marquês estava ali!

Então ele se aproximou do banco de pedra, sentou-se ao lado dela e Ina virou a cabeça, olhando para o mar.

Por alguns instantes o marquês ficou calado, olhando o narizinho reto dela, os lábios macios de cantos erguidos, depois disse, suavemente:

— Foi muito difícil descobrir você...

— E... e por que queria me descobrir? — começou Ina, depois soltou um gritinho. — Tio George... ele... ele está com o senhor?

O marquês percebeu medo na voz dela e respondeu depressa:

— Não. Estou sozinho. Seu tio tinha certeza que você estava escondida em algum lugar na Inglaterra, mas eu tive a sensação nítida de que havia voltado para cá, para o lugar onde viveu com seu pai.

Ina não conseguiu falar e ele continuou:

— Tentei usar minha mente perceptiva, como me aconselhou, para descobrir onde você estava e deu certo.

Houve um silêncio, até que Ina falou:

— Por que... por que queria... me encontrar? Por favor. .. vá embora... Eu quero... ficar sozinha.

— Era isso o que achei que ia me dizer — respondeu o marquês. — Mas, Ina, não pode me castigar mais! Não acha que já fui bastante castigado?

Ele respirou fundo, antes de continuar:

— Durante todo esse mês, quando *eu* pensava no que perdi, senti que minha vida seria completamente vazia e sem sentido se não a encontrasse de novo.

Ina quis responder que ele tinha tia Lucy, mas percebeu que não apenas era uma coisa muito vulgar para ser dita, como também não tinha coragem sequer de mencionar a tia.

Como se soubesse o que ela estava pensando, o marquês disse, baixinho:

— Eu quero explicar muitas coisas, mas é tão difícil começar. Afinal, Ina conseguiu recuperar a voz.

— Não há nada para... explicar — disse, depressa. — Eu só quero que o se... que você vá embora!

— Acho que se eu for embora você vai se arrepender, pelo resto da vida, por ter magoado uma pessoa que estava precisando desesperadamente de ajuda. E ninguém, a não ser você, pode imaginar os sofrimentos que tenho tido.

— Que... sofrimentos? Eu não... não entendo.

O marquês ficou em silêncio por alguns momentos. Depois, disse:

— Acho que não existem palavras para expressar o que estou sentindo agora e você vai ter que usar sua percepção... a percepção de que me falou e que tanto me assustou quando estávamos juntos, debaixo das amendoeiras.

— Vo... você estava com raiva de mim... — murmurou Ina.

— Não. Não estava com raiva. Estava assustado — corrigiu o marquês. — Você me fez ver como estava errado em pensar que minha vida era perfeita e completa do jeito que era.

Ele fez uma pausa, depois acrescentou:

— Você me mostrou novos horizontes e eu me senti inseguro com o que vi, acostumado que estava a viver em absoluta segurança.

Apesar de não entender o que ele estava dizendo, Ina sabia exatamente o que ele queria dizer.

— Você é muito jovem — recomeçou o marquês. — No entanto, com seu pai, viveu uma vida muito diferente da vida que todas as jovens levam. Você aprendeu que um homem tem dois lados, duas faces... uma alta, elevada; a outra baixa, rasteira. E é inevitável que uma mulher lhe ofereça a escolha.

Ina suspirou de leve.

Enquanto ouvia, pensava no rosto lindo de tia Lucy. Via-a não como uma parenta, mas sim como Circe enfeitiçando o marquês, afastando-o de tudo que era elevado e bom na natureza dele.

— Você tem que acreditar no que lhe digo — continuou o marquês —, porque nunca na minha vida encontrei alguém assim. Juro que não tinha idéia alguma do que era, realmente, o amor até ver seus olhos e a expressão de seu rosto quando lhe pedi que se casasse comigo.

— Como... como pude ser tão... tão boba para... acreditar nisso? — disse Ina, amargamente.

— Era e é verdade! — declarou o marquês. — Ina, estou pedindo que acredite em uma coisa que parece incrível. Naquele momento, quando nossos olhos se encontraram por cima da cama, eu soube que a amava como jamais tinha amado mulher alguma e que só você poderia me elevar às estrelas.

Ina estremeceu, porque fora aquilo mesmo que sentira, naquele exato momento, também.

Com as mãos no colo, cruzou os dedos com força e disse a si mesma que não devia dar ouvidos àquilo, que devia lembrar-se do jeito como ele entrara no quarto dela, com tia Lucy usando apenas uma camisola transparente e um negligê!

Como é que, agora, podia falar a ela sobre amor; um amor que era capaz de elevá-lo às estrelas?

Enquanto pensava dessa maneira, Ina sentiu que estava tremendo porque na voz do marquês havia uma sinceridade que ela ansiara por ouvir, mas tinha medo do que poderia ver nos olhos dele, se o olhasse de frente.

— Eu amo você, Ina! — disse o marquês, baixinho. — Agora sei que a amei desde aquela primeira noite, quando nossos olhares se cruzaram durante o jantar. Naquela ocasião não acreditei no que estava sentindo... Amei você quando a vi dançando debaixo das amendoeiras e achei que não poderia haver nada mais lindo e perfeito, quando vi que você era o próprio

encantamento da primavera.

Ele suspirou profundamente.

— Foi isso o que você me deu... um pouco de primavera que tomou conta do meu coração. Mas eu era idiota e convencido demais para percebê-lo... e estava com medo que você alterasse minha vidinha confortável, arranjadinha, em que não deviam acontecer mudanças, mas apenas um nunca acabar de tédio, de aborrecimento, até eu morrer.

— Era isso... era isso... que você queria.

— Mas não foi o que eu passei a querer, então! — retrucou o marquês, de modo um tanto agressivo. — Era o mundo em que nasci, cresci e no qual tinha vivido até então. Só alguém como você poderia ver que existe muito mais do que aquela vida, do que aquele mundo, coisas muito diferentes e preferíveis a ele, de qualquer modo.

Ina não disse nada e, depois de alguns momentos, o marquês sussurrou:

— Vim para pedir que me perdoe.

Havia um pedido implorante, na voz dele, muito difícil de resistir. Então, sem olhar para ele, Ina fez que não com a cabeça.

Ela não viu a expressão de medo e desespero que apareceu no rosto do marquês. Depois de uma longa pausa, ele disse:

— Quero que você faça uma coisa. Não é nada difícil, e se ainda tem alguma consideração por mim vai fazer o que vou pedir.

— O que... o que é?

— Seu caderno de desenho está aí. Você me contou o que aconteceu, quando me desenhou, pela primeira vez. Eu quero que me desenhe de novo.

Ina não fez nenhum movimento. Depois de esperar um pouco, ele insistiu:

— Por favor, Ina... Não estou pedindo muito.

Como se uma força a obrigasse, Ina pegou o caderno e o lápis.

Abriu o caderno e olhou a página em branco com a terrificante sensação de que poderia desenhar alguma coisa horrível, até mesmo obscena.

Imagine, pensou Ina, selvagememente, se eu desenhar o marquês com tia Lucy nos braços? Imagine se eu desenhar o rosto dele, não como é, mas sim todo deformado?

Então, sentiu o que já sentira tantas vezes antes, como se segurasse o lápis, sim, mas não tivesse nenhum controle sobre a mão, sobre os dedos, e estes se movimentassem sem que sua vontade interferisse. Tentou acalmar-se,

dizendo a si mesmo que ia desenhar o rosto do marquês, já que era isso o que ele queria, para que ficasse satisfeito.

Quando ela começou a desenhar, o marquês começou a falar, muito baixinho:

“Perdoe todos os meus erros,
Esqueça o passado. Nossa vida começa,
Juntos e para sempre, agora.
Meu amor é profundo, forte e mais verdadeiro ainda
Porque passei tanto tempo procurando por você!”

Foi dizendo essas palavras tão devagar e levou tanto tempo dizendo-as que quando terminou, o desenho de Ina também ficara pronto.

Só então ela percebeu que estava de olhos fechados e que não vira o que havia desenhado. Sentiu um medo profundo, repentino, e cobriu o desenho com a mão esquerda, sem olhá-lo.

— Não... Não olhe! — murmurou ela.

— Por que não? — perguntou ele. — Não estou com medo, Ina.

O modo de ele falar quis dizer muito mais do que as palavras e, então, os olhos de ambos se encontraram, intensamente. Ina teve a sensação de que tudo o mais se desvanecia.

Ficaram parados se olhando, durante alguns segundos que pareceram séculos.

Então, ele disse:

— Perdoe-me. Escrevi uma porção de poemas quando vinha para cá, todos implorando a sua misericórdia, e agora só sei dizer o quanto a amo!

Enquanto ele falava, Ina ia sentindo que a alegria estava renascendo em seu íntimo, como a fênix ressurgindo das próprias cinzas, espalhando-se, impetuosa, do coração para o peito, expulsando a escuridão e o desespero das últimas semanas.

Só pareceu despertar quando o marquês falou, com voz diferente da que tinha falado até então:

— Deixe-me ver o que desenhou. Se errei vindo procurá-la, estou disposto a ir embora, assim que você mandar.

Ina baixou os olhos. Sentia que ele estava muito perto dela. Devagar, foi retirando a mão de cima do desenho.

A figura era bem clara, mas não se tratava do rosto do marquês, como ela esperava. O desenho mostrava as montanhas que Ina desenhara da outra vez.

Só que agora não havia sinal do peregrino sentado à beira do caminho, e, por instantes, Ina pensou que ele não estivesse presente no desenho.

Foi aí que o viu: não onde esperava... um homem ao pé da montanha ... mas sim no topo dela. E olhando com mais atenção, percebeu que ele não estava só.

Havia alguém ao lado dele. Alguém que Ina sabia ser ela mesma.

OuvIU o marquês soltar um profundo suspiro, que parecia proveniente das profundezas de seu ser, depois sentiu os braços dele ao redor de seu corpo e a voz querida dizer:

— Você entendeu... ou melhor, sua adorável mente maravilhosa entendeu! Estávamos juntos, querida, escalando a montanha e chegamos ao topo. Mas há outra montanha por trás dessa...

Abraçou-a com força e Ina descansou a cabeça no ombro dele. Olhou-a por longos momentos, antes de dizer:

— Eu amo você com todo o corpo e a alma!

Seus lábios procuraram os dela e Ina sentiu como se a porta do sétimo céu houvesse se aberto; como se tivesse passado por ela e chegado, não às estrelas, mas ao coração do sol.

Não podia acreditar que, em um minuto, passara do mais negro desespero, do sofrimento que a encerrara numa nuvem escura desde que havia saído de Chalé, para um mundo glorioso, feito de maravilhas, onde sentia o êxtase de renascer.

Ela sabia, sempre soubera, que quando o marquês a beijasse iam se tornar uma só pessoa, que se tornaria uma parte indivisível dele como sabia que era desde o começo da vida.

Sentiu que estava tremendo diante daquele milagre e que o marquês também tremia.

Então, as poderosas chamas do amor, poderosas como as chamas do sol, queimaram a infelicidade e tudo o que havia de errado e feio. Amor e mais amor, até ser impossível pensar, podendo apenas sentir...

O marquês abaixou a cabeça e olhou para Ina, enquanto dizia numa voz que era curiosamente insegura:

— Eu amo você, querida. Amo você de um modo que não há mais nada no mundo, a não ser o meu amor. Se me mandar embora, vai me destruir.

— Eu também... amo você — disse Ina. — Mas...

— Esqueça — interrompeu o marquês. — Nada mais do passado nos

diz respeito. Só o futuro importa. O futuro, meu pequeno e precioso amor, em que você vai me ensinar o caminho e que vai ser diferente de tudo o que eu conheci no passado.

Sorriu, depois continuou:

— Eu tenho muito a lhe dizer, mas agora a única coisa que quero é beijar você.

E abraçou-a com mais força.

Deu-lhe longos e apaixonados beijos que tornavam maior e mais profundo o êxtase, até que Ina sentiu que não apenas estava cega pelo brilho do sol glorioso, mas que também o calor intenso estava tomando conta dela, a começar dos lábios e espalhando-se pelo corpo inteiro, dando-lhe a sensação de que estava ardendo em chamas.

— Eu adoro você, adoro, venero você! — exclamou ele. — Quero você como nunca quis ninguém em minha vida. Quer casar comigo, o mais depressa possível?

De repente, passou pelo pensamento de Ina que deveria esperar um pouco para se casar, depois compreendeu que isso não era absolutamente necessário.

Eles pertenciam um ao outro, estavam prontos, graças a Deus, em suas mentes, em seus corações, em seus corpos, para se unirem, e uma cerimônia de casamento iria fazer pouca diferença, a não ser pelo fato de ela passar a usar o nome dele.

Mais uma vez ele soube o que ela estava pensando e disse:

— Pensei muito nisso e acho que você também passou longas noites acordada pensando...

— Você... você ainda não contou como... como me encontrou.

— Não importa, já que a encontrei... — respondeu ele. — Mas o fato é que fui a cada hotel, a cada pensão de Nice, e em todos os lugares me diziam que a sra. Harvester, com quem você morou antes de ir para Londres, havia lhe deixado uma boa herança. Seu tio me contou que esse dinheiro não tinha sido transferido para a Inglaterra.

— Você foi esperto... — disse Ina, com um sorriso. — Hannah tinha certeza de que ninguém iria conseguir nos descobrir.

— Acho que ninguém iria, mesmo, menos eu — concordou o marquês. — Porque o tempo todo senti como se você estivesse me atraindo, como um ímã poderoso. É essa espécie de vibração que existe entre nós, Ina, que não podemos negar, e que brilha como uma luz na escuridão, mesmo quando

estamos separados.

Ina pareceu ronronar de felicidade, depois disse:

— Quando eu pensava em você, sofrendo e chorando, às vezes pensava que talvez você soubesse... o que eu estava pensando e como... como era infeliz.

— Você nunca mais vai ser infeliz de novo — disse ele. — Meu único amor, exijo que me ensine o caminho para o topo da montanha e os novos horizontes que se vêem lá de cima.

— Isso é o que eu mais quero fazer — murmurou Ina.

— Vamos começar por explorar mundos muito diferentes do mundo em que vivemos até agora? — perguntou o marquês.

Ela olhou-o, indagadora, e ele explicou:

— Você esqueceu que preciso encontrar inspiração para meus poemas e, quem sabe, para escrever um livro?

Ina soltou uma exclamação de surpresa:

— Foi isso o que achei que você devia fazer!

— Então, sua mente transmitiu a idéia para a minha — disse o marquês. — Estou pronto para o trabalho, meu único amor, mas só se você me ajudar.

— Sabe que vou ajudá-lo... sabe que vou fazer... qualquer coisa que faça você feliz!

— Então vai ser muito fácil — respondeu o marquês. — Vamos nos casar amanhã, ou depois de amanhã. E vamos ter uma prolongada lua-de-mel na qual vamos fazer os alicerces da nossa nova vida e que deverão nos agüentar quando tivermos que encarar as responsabilidades da velhice.

Ina sabia exatamente o que ele estava querendo dizer, e sabia, porque estava aninhada entre os braços dele e muito perto de seu coração, que quando estivessem casados, nada no mundo, nem mesmo tia Lucy, poderia magoá-los.

Podia ver Chale, como se fosse uma visão, envolto em raios de sol; sentiu como se as pétalas das flores das amendoeiras estivessem caindo sobre eles e aprisionando-os num encantamento que ninguém poderia quebrar.

— É assim que o nosso amor vai ser... — disse o marquês, olhando-a nos olhos. — Não vamos voltar para casa, meu único amor, senão quando as flores das amendoeiras surgirem, na próxima primavera.

— Para onde vamos?

— Para onde você quiser me levar — respondeu ele. — O mundo é

nosso e eu quero percorrê-lo todinho, como um peregrino. Tenho a certeza de que isso vai enriquecer nossas mentes e nossas almas, porque o que fizemos juntos vai dar ao meu antigo mundo algo de que ele vem precisando, há muito tempo.

— É isso... é isso o que eu quero... fazer! — exclamou Ina. — Você é tão inteligente, tão... maravilhoso... e Chale pode se transformar em algo que... todos vão notar e... admirar.

— Como você me inspira, meu adorável e querido amor, espero que inspire a todos... — replicou o marquês. — Como sou feliz, muito, muito feliz, por ter encontrado você!

Ela sorriu, e por longos momentos o marquês ficou olhando para o rosto de Ina, como se quisesse guardar aquela beleza para sempre na lembrança.

Depois, devagar, como se temesse arranhar a perfeição daquele momento, os lábios dele procuraram os dela e o marquês beijou-a de modo diferente de como a havia beijado até então.

Ina compreendeu que era porque ele dedicava a si mesmo e a ela tudo o que havia de mais importante e de melhor dentro deles.

E sabia que havia mais alguma coisa que lhe seria revelada quando ambos alcançassem os horizontes do amor.

F I M

QUEM É BARBARA CARTLAND?

As histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia. A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos desta autora que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora e teatróloga. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isto, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidente da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

Não perca a próxima edição!

O DUQUE E A CORISTA

Larentia sabia que se ficasse no castelo do duque de Tregaron se transformaria numa “mulher decaída”, objeto da censura de toda a sociedade. Ela não podia se entregar à paixão, à luxúria! Tinha de fugir! Mas, onde encontrar forças para escapar dos braços daquele homem? Quando o duque a puxou para junto de seu corpo másculo, Larentia já não percebia o que estava fazendo... Sabia apenas que ela e Justin tinham se transformado numa só pessoa, envolvidos pela maravilhosa aura do amor!